UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

DIECO	ANIDD	ADE DE	$C \land D I I \land$	\mathbf{I}
1115(1()	ANIJK	AIJE IJE.	LAKVA	

O processo da alienação da consciência em Recordações do escrivão Isaías Caminha

Versão corrigida

São Paulo

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

DIEGO ANDRADE DE CARVALHO

O processo da alienação da consciência em Recordações do escrivão Isaías Caminha

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Orientadora: Profa. Dra. Cilaine Alves Cunha

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação Serviço de Biblioteca e Documentação Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Carvalho, Diego Andrade de

C331p

O processo de alienação da consciência em Recordações do escrivão Isaías Caminha / Diego Andrade de Carvalho; orientadora Cilaine Alves Cunha - São Paulo, 2023.

109 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Literatura Brasileira.

1. Literatura Brasileira. 2. Lima Barreto. 3 Crítica literária. I. Cunha, Cilaine Alves, orient. II. Título. Nome: Diego Andrade de Carvalho

Título: O processo da alienação da consciência em Recordações do escrivão Isaías Caminha

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Aprovado em:
Banca examinadora:
Prof. Dr.:
Instituição:
Julgamento:
Prof. Dr.:
Instituição:
Julgamento:
Prof. Dr.:
Instituição:
Julgamento:
Prof. Dr.:
Instituição:
Julgamento:

Agradecimentos

À Cilaine Alves Cunha, por sua orientação atenta e de indispensável rigor desde minha Iniciação Científica. Obrigado por estes anos de aprendizado.

A Fábio César Alves e à Mirhiane Mendes de Abreu, por seus apontamentos em minha qualificação. À Šárka Grauová, pelas trocas que tivemos em sua disciplina "Lima Barreto e a Banalidade do Mal à Brasileira", oferecida em 2019, e que assisti como ouvinte. Aos três, pela participação em minha defesa e por cada apontamento oportuno.

Aos demais orientandos de Cilaine, por sua amizade e trocas em nossas conversas e grupos de estudo.

Agradeço também a todos que de alguma forma propiciaram novas percepções ao meu trabalho.

À minha família e amigos, por todo apoio.

A Rodrigo Fabbro Cunha e sua família, por estes anos de acolhimento.

À Universidade de São Paulo, por possibilitar ensino público e transformador de excelência. Da mesma forma agradeço à CAPES pelo fomento à minha pesquisa na forma de bolsa de mestrado, possibilitando, também, a extensão de sua concessão no período mais grave da pandemia do novo coronavírus. Isto me faz agradecer, por fim, ao SUS, que apesar de tentativas de uma politização rasteira e genocida, pôde proporcionar o avanço da vacinação e cuidados com os enfermos – em especial com os mais pobres que, tal como Lima Barreto já apontava, estão entre os que mais sofrem as mazelas desta sociedade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Era normal sentir vergonha, como se fosse uma consequência inscrita na profissão dos meus pais, nas dificuldades financeiras que eles tinham, em seu passado como operários, em nossa forma de viver. [...] A vergonha se tornou, para mim, um modo de vida. No fim das contas, já nem percebia sua presença, ela estava em meu próprio corpo.

Annie Ernaux

Resumo:

A presente dissertação buscou compreender a forma como o romance Recordações do escrivão Isaías Caminha figura o processo de alienação da consciência da personagem que dá título ao livro. Negro e oriundo do interior, o herói do romance conta suas primeiras experiências e desilusões vividas na cidade do Rio de Janeiro. Durante a ação do romance é operado sobre Isaías um processo acumulativo de alienação de sua consciência a respeito de sua condição racial e social, concretizado à medida que ele enfrenta obstáculos para sobreviver e realizar seu desejo de inserção social.

Esta investigação atentou-se ao caráter eminentemente histórico da alienação e da consciência do herói: a pesquisa foi norteada a partir das relações entre ele, sua sociedade e seu tempo. Nisso, a figuração das relações de dominação social pelo favor e a reificação da notícia e fazer jornalístico foram analisadas em busca de uma melhor compreensão das ações do herói ao longo da narrativa e sua posterior utilização dessas mesmas estruturas sociais para ascender socialmente.

Palavras-chave: Lima Barreto; Recordações do escrivão Isaías Caminha; Literatura Brasileira; alienação.

Abstract:

This dissertation sought to understand how the novel Recordações do escrivão Isaías Caminha figures the consciousness alienation process of the main character. Afro-descendant and from the countryside, this novel's hero recounts his first experiences and disillusions living in Rio de Janeiro. In the story, Isaías suffers a cumulative process of alienation of his consciousness about his racial and social condition, which unfolds as he faces obstacles to survive and fulfill his desire for social insertion.

In this investigation, I highlighted the eminently historical character of the alienation and consciousness of the hero. The research was guided by the relations between him, his society, and his time. Thus the fictionalization of social domination through favor and the reification of journalism were analyzed in search of a better understanding of the hero's actions throughout the narrative and his subsequent use of these same social structures to rise socially.

Keywords: Lima Barreto; Recordações do escrivão Isaías Caminha; Brazilian Literature; alienation.

Sumário

. Introdução	10
. Favor: dominação pessoal e suas facetas	16
2.1. Representação geral do sistema de favor	
2.2. O Favor e as relações amorosas	
2.3. O favor e o direito à educação	
2.4. Favor e instrumentalização do poder público	
2.5. Favor e reificação da intelectualidade	
. O processo de alienação de Isaías Caminha: narração consciente a posteriori e a percep	
lienação na "Breve notícia"	53
. O jornalismo de Recordações do escrivão Isaías Caminha	62
4.1. Perspectivas iniciais: o viajante faminto se depara com a colmeia	
4.2. Recordações balzaquianas	
4.3. Vendem-se palavras na banca da colmeia	
4.4. Da vacina para os sapatos: a revolta histórica e o motim na ficção de Lima Barreto	
. A desilusão intelectual de Isaías Caminha.	86
. Considerações finais	105
. Referências	

1. Introdução

Recordações do Escrivão Isaías Caminha (doravante Recordações), romance de Afonso Henriques de Lima Barreto, conta as primeiras experiências e desilusões vividas na cidade do Rio de Janeiro pela personagem que dá título ao livro, negra oriunda do interior. O romance é narrado em primeira pessoa de forma memorialista, com tom de melancolia e dor diante de lembranças que não podem ser alteradas. Durante a ação do romance é operado sobre o herói um processo acumulativo de alienação de sua consciência a respeito de sua condição racial e social, concretizado à medida que ele enfrenta obstáculos para sobreviver e realizar seu desejo de inserção social.

Ao longo deste processo, Isaías Caminha passa de jovem esperançoso, com anseios de estudar e tornar-se doutor e, portanto, de ser respeitado e valorizado por seu conhecimento, para um estado de homem desiludido. A partir disto questiona-se, na presente dissertação, a forma como o romance figura o processo de alienação da consciência de Isaías. O pressuposto analítico adotado para esta investigação se atenta ao caráter eminentemente *histórico* da alienação e da consciência do herói: a pesquisa foi norteada a partir das relações entre ele, sua sociedade e seu tempo. Levando em conta esse pressuposto analítico, é possível compreender que os diferentes eixos estruturais do romance apontam tanto para questões de ordem social e psicológica da experiência vivida durante o início do século XX no Brasil, encenada pelo romance, quanto para seus diversos procedimentos estilísticos adotados para tanto. Nesse sentido, a abordagem acerca da presença, na obra, dos mecanismos de análise ficcional da vida interior da personagem não se desliga de uma sondagem dos conflitos sociais do período: o narrador compartilha suas dores e percepções sobre os conflitos e seus anseios de crescimento intelectual e profissional em um meio social adverso. Isso forneceu ao trabalho executado diversos elementos para desenvolver e defender a presença do tema do processo de alienação do herói.

Ao lado de suas causas e do modo com que o herói representa o contexto histórico à sua volta, foi necessário analisar os momentos e as formas de maior ou menor conhecimento desse processo, as implicações e as reviravoltas disso em sua vida, vistos em sua relação com o anseio de fraturar a imobilidade social. Uma vez que se trata de processo, de ações e operações da consciência em sequência e continuidade, foi necessário observar, ao lado das condições da vida social e do modo de representá-las, o conhecimento parcial e pontual do herói acerca de sua consciência de classe, da relação entre aquelas condições e suas dificuldades de mobilidade social, assim como da sua condição étnica.

Desta forma, a análise aqui apresentada se afasta de leituras biografizantes que colocam em primeiro plano do percurso crítico dados sobre a vida do autor, tal como avaliar que uma inadequação do vernáculo em sua escrita seria reflexo do alcoolismo do autor. Isto leva, por vezes, a uma postura analítica que, por mais que analise a obra de Lima Barreto e alcance alguns de seus pressupostos estéticos, erra na justificativa pelo excesso de embricamento entre vida e obra. Recuperando um exemplo de biografísmo, pode-se citar o capítulo sobre Lima Barreto redigido por Otávio de Faria em *A literatura no Brasil*. O autor propõe que os "contrastes e desníveis" de toda a obra de ficção do autor carioca são explicáveis por seus conflitos internos, de gosto estético e espírito revolucionário, juntos a seus "impulsos" emocionais. Em suas palavras:

Seus extravasamentos de ressentido não obedeciam a nenhuma conveniência, certamente por efeito de uma neurose, exacerbada após a alucinação de seu pai e, mais tarde, pela dipsomania [alcoolismo], tão responsável por seus desregramentos de vida.

O fato é que Lima Barreto atraiu para si o inconsciente coletivo da gente de cor, em sua época, quando, entretanto, muitos outros mestiços de talento ocupavam posições de relevo na sociedade, nas letras e na alta política do país. De outro modo não se compreende que tivesse dado tão exageradas proporções a uma luta de competições que, embora cruel e inumana a certos aspectos, só podia abater os fracos e inaptos. Deliberadamente empenhado em ridicularizar sem tréguas a sociedade, cujo desdém o feriu tão fundamente, desde suas primícias Lima Barreto procurava converter a literatura numa verdadeira arma de combate. Mas o esforço mais penoso que teve de sustentar, durante seus vinte anos de atividade literária, foi o que o despendeu de qualquer modo, mas sempre negligentemente, para fazer a grande luta interior de sua vida desordenada e irregular, menos pela ânsia de imprimir-lhe apurado refinamento artístico do que para tornar maleável às solicitações de seu vago mas exaltado idealismo redencionista.¹

Na análise citada acima, a biografia do autor adquire lugar de destaque. Consegue-se entrever características da literatura lima-barretiana, por exemplo, o uso da literatura como arma de combate e a representação do ressentimento perante uma sociedade de competições cruéis. É possível, contudo, discordar das afirmações de Faria: avaliações mais recentes sobre o texto lima-barretiano, como a feita na edição crítica de *Recordações*, demonstram um cuidado expressivo do autor em sua escrita e revisão, pois um mesmo texto dispunha de número considerável de manuscritos, apontando um processo extenso de elaboração e revisão.² Além disso, no trecho citado acima é verificável uma subvalorização problemática do impacto estrutural do racismo e do preconceito contra os mais pobres, dando a entender um discurso meritocrático que não condiz com a realidade histórico-social do país – conforme se pretende demonstrar.

¹ FARIA, Otávio de. *Lima Barreto - Coelho Neto*. Em: A literatura no Brasil. direção de Afrânio Coutinho; codireção de Eduardo de Faria Coutinho. - 6ª ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2002. p. 219.

² Cf. BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). *Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

A biografia de Lima Barreto redigida por Lilia Moritz Schwarcz, obra mais recente, utiliza um argumento recorrente na análise de *Recordações*, além de sua categorização como um *roman à clef*: Isaías Caminha seria o próprio Lima Barreto. Ainda que Schwarcz aponte o desejo do autor de se afastar de sua personagem, em certas passagens são feitas análises da personagem a partir de correlatos com a vida de seu criador. Cite-se, por exemplo, o gesto da autora de ligar o episódio no qual Isaías é acusado injustamente de roubo a um momento análogo à vida do escritor. Outro exemplo é o de que, ao analisar a cena de uma conversa de Isaías e uma moça negra em um banco de praça pública, a fala de Isaías Caminha "Eu estava só" é posta como reflexo de uma sensação pessoal de Lima Barreto sobre a solidão, apontada como um "mote frequente" em seu diário. A recuperação de correlatos biográficos entre autor e personagem não é, por si, uma prática problemática. Contudo, em um número considerável de estudos tais correlações ganham destaque e tomam o primeiro plano. Afirmações como esta podem servir a título de curiosidade, porém, não contribuem para a compreensão da obra.

Na perspectiva adotada nesta pesquisa, ainda que se reconheça a existência de correlações biográficas, estas não tomaram lugar de primeira importância na análise – expediente similar ao de Carlos Nelson Coutinho, que aceita a existência de traços parecidos entre Lima Barreto e Policarpo Quaresma, mas pressupõe que a expressão literária do autor decorra de figuração estética, não de uma tendência à autobiografia.⁴ Antonio Candido possui uma postura similar. Ele pontua que, potencialmente, o Lima Barreto "mais típico" reside na fusão entre problemas pessoais e sociais, dando ênfase justamente naqueles que são simultâneos a ambos. O crítico exemplifica a pobreza, que dilacera o indivíduo e ocorre devido à organização social desigual; e o preconceito, que gera angústia ao ferido, mas é fruto das normas sociais.⁵ Conclui:

Essas "questões particulares" expostas com "espírito geral" exprimem o ritmo profundo da escrita de Lima Barreto, a sua passagem constante da particularidade individual para a generalidade da elaboração romanesca (e vice-versa), que importa numa espécie de concepção do homem e do mundo, a partir de um modo singular de ver e sentir. [...] Com efeito, trata-se de um elemento pessoal que não se perde no personalismo, mas é canalizado para uma representação destemida e não conformista da sociedade em que viveu.⁶

A figuração histórica da ação de *Recordações* ocorre num momento de grandes transformações da vida social e da paisagem urbana do Rio de Janeiro. Nesse momento, especificamente nesta capital,

³ Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O jornalismo como ficção: Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Em: Lima Barreto: Triste visionário. 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2017. pp. 210-237.

⁴ COUTINHO, Carlos Nelson. *O significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira*. Em: Realismo e anti-realismo na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. p. 32.

⁵ CANDIDO, Antonio. *Os olhos, a barca e o espelho*. Em: A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Editora Ática, 1989. p. 38.

⁶ Idem, pp. 48-49.

emprega-se a expressão "regeneração" para uma série de atos e obras que transfiguram as características urbanas da cidade, o modo de vida e a mentalidade carioca. Nicolau Sevcenko aponta quatro ações como fundamentais deste processo:

A condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense.⁷

Trata-se de um tempo de valores em dissolução e remodelação constante da paisagem física e da vida social e cultural. Nesse momento, a ideologia justificadora dessas transformações associa a ideia de indolência ao modo de vida de comunidades tradicionais, como o de diversos povos indígenas, quilombolas, populações ribeirinhas e demais grupos humanos não pertencentes à metrópole.

Há também um rebaixamento da cultura da população pobre junto a este processo discriminatório que forja a dicotomia "cidade produtiva" versus "interior indolente". Esse rebaixamento pode ser aferido em atitudes que a elite econômica e política passa a adotar, como, por exemplo, preferir os moldes do carnaval europeu comedido. Naquele momento proibiu-se batuques, bolões e afins. Além disso, perseguiram-se manifestações religiosas não europeias, como o candomblé. Opera-se, ao mesmo tempo, uma "tendência à dissolução das formas tradicionais de solidariedade social, representadas pelas relações de grupos familiares, grupos clânicos, comunidades vicinais, relações de compadrio ou relações senhorias de tutela". Procurou-se uma tentativa de "expurgar" os males da sociedade antiga, considerada atrasada. Sevcenko aponta que "não era de se esperar, igualmente, que essa sociedade tivesse tolerância para com as formas de cultura e religiosidade populares. Afinal, a luta contra a 'caturrice', a 'doença', o 'atraso' e a 'preguiça' era também uma luta contra as trevas e a 'ignorância'; tratava-se da definitiva implantação do progresso e da civilização". 10

Estes processos de demonização de manifestações populares e contra a dita "preguiça" vão ao encontro do aburguesamento da sociedade carioca. Sevcenko aponta que a continuidade irrefreada da Regeneração denuncia esta relação: ela dá substância aos valores das camadas burguesas e os dissemina por toda sociedade, em um projeto de remodelação das consciências com um complemento do novo espaço físico. Dessa forma, as ações de remodelação burguesa da sociedade operam uma

⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. p. 30

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república. Op. cit., p. 33.

⁹ Idem, p. 39.

¹⁰ Idem, p. 33.

mudança ideológica, adotando o liberalismo econômico e o positivismo, sempre visando a um hipotético progresso contínuo, em que os hábitos "obscurantistas" da população deveriam ser alvejados pelo "esclarecimento". As relações sociais passam a ser mediadas quase em sua totalidade pelos padrões mercantis, compatíveis com a suposta "nova ordem" da sociedade. Desta forma, criam-se outras dicotomias, para além do produtivismo versus indolência: é o "esclarecimento" versus o "obscurantismo"; a "nova época" versus os "velhos costumes"; o "avanço" versus o "atraso", com o positivismo e o liberalismo econômico clássico como ideologias constituintes dessa nova sociedade. ¹¹

Neste contexto de dicotomias sociais, as elites intelectuais e econômicas, no advento da República, além de não enfrentarem o racismo antinegros e anti-indígenas, acabam por reforçá-lo com o racismo científico de bases positivistas — contribuindo para a manutenção do racismo estrutural. ¹² Frisando que o enredo de *Recordações* transcorre nos anos seguintes ao 13 de maio de 1888, é coerente apontar que, independentemente de a Abolição da escravidão já ter se concretizado, os preconceitos étnicos e raciais mantêm-se ainda profundamente presentes na cultura brasileira como um de seus nefastos alicerces, figurado em *Recordações* pelas dificuldades encontradas pelo jovem Isaías para se colocar no mundo social carioca.

Atualmente existe uma discussão extensa nas ciências sociais sobre os conceitos de "raça" e de "etnia": o primeiro refere-se a um discurso criado para diferenciar grupos humanos por meio de traços biológicos, fazendo uso de categorias genéricas como "negro", "branco" e "indígena". O segundo se refere à autodeterminação de certo grupo humano, por meio de diferenciação cultural, linguística, histórica, etc. que difere de outros grupos humanos, formando povos como os *nagô*, *edo* e *zulu*, no continente africano, e os *tupinambá*, *yanomami* e *puri*, dentre os indígenas no Brasil. Ainda que uma raça biologicamente inexista, ela persiste como discurso e pauta os processos de discriminação do racismo. Apesar de que ambos os conceitos mudam com o passar do tempo e, por vezes, se confundem, optou-se por utilizar ao longo da pesquisa a distinção aqui apresentada. No contexto histórico da obra de Lima Barreto, não havia no país uma discussão acerca destes conceitos como hoje. Em sua obra, o foco gira no discurso aqui categorizado como "raça" e os efeitos do racismo. Assim, ao longo deste trabalho, será utilizado primariamente este termo em vez de "etnia" a fim de evitar anacronismo nas análises.

¹¹ Idem, pp. 38-39.

¹² Acerca do conceito de racismo estrutural, cf. ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

¹³ Acerca da diferença entre os termos, cf. MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3º seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB-RJ, 05/11/03.

Isaías apenas compreenderá os mecanismos racistas após chegar à cidade do Rio de Janeiro, ferindo o que ele até então pensava sobre os direitos de igualdade. A instauração da República não garantiu direitos e renda entre os diversos grupos que compõem a nação. Ainda que o capitalismo não estivesse plenamente desenvolvido, isso não eximiu a sociedade brasileira de manter a violenta diferença entre exploradores e explorados, principalmente como herança colonial: se, com a abolição da escravidão, indígenas, negros e pobres brancos não receberam direitos à terra e ao sustento próprio, estes foram entregues à própria sorte quando não ficaram à mercê dos oligarcas e demais detentores do capital financeiro e político.

Parte da elite intelectual burguesa voltava-se, por sua vez, para o fluxo cultural europeu. Assim, desejava-se "atualizar" a sociedade com o modo de vida europeu cosmopolita numa suposta elevação cultural e material da população local. As maiores evidências da figuração desta questão histórica na narrativa do romance *Recordações* encontram-se em diálogos que envolvem as reformas da cidade e as mudanças de costumes, comentadas nos capítulos "De vacina para sapatos: a revolta histórica e o motim na ficção de Lima Barreto" e "A desilusão intelectual de Isaías Caminha". Estes trazem discussões sobre o uso de roupas de origem estrangeira, o uso obrigatório de sapatos, as tensões entre as novas e as velhas construções arquitetônicas e assim por diante. A República, dessa forma, tal como o Império, também seria concebida em moldes europeus, naquele momento regido pelo imperialismo inglês, mas cujo domínio estava prestes a ser tomado pelo capital estadunidense.

No fim, uma parcela dos intelectuais em muito espelharam os anseios da elite econômica. Dessa forma, o desejo maior dos ideólogos da República aparenta residir mais na remodelação das relações econômicas para facilitar e ampliar o domínio capitalista, do que em uma tentativa de alçar o país rumo a um suposto progresso. A partir disto surgem alguns dos grandes temas da obra estudada: a mercantilização do trabalho intelectual, operada através da reificação capitalista, e apresentada principalmente na mercadoria "notícia"; bem como a desilusão perante a intelectualidade apresentada na narrativa, temas abordados ao longo da dissertação, sob diferentes perspectivas. Cite-se como exemplo a aparição de Veiga Filho, personagem escritora valorizada pela crítica: Isaías observa este autor negociar e redigir uma crítica favorável a si mesmo, gerando questionamentos no herói sobre o real mérito dos intelectuais consagrados.

Em meio às diversas mudanças de modernização econômica, a europeização dos costumes foi uma das formas de legitimar na cultura tais transformações, como diz Sevcenko. Dentre essas

¹⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. Op. cit., pp. 78-79.

mudanças, no Rio de Janeiro, inclui-se, em nível arquitetônico, a demolição de casarões coloniais; a transformação de ruelas em avenidas, praças e jardins e toda uma remodelação que tem como ápice a inauguração da Avenida Central em 1904. Tais mudanças expulsaram ainda mais a população carente para os subúrbios, culminando na constituição derradeira das favelas. É possível ver no romance estas tensões sociais: Isaías, sendo pobre, habita, durante o período em que trabalha na redação do jornal *O Globo*, em uma espécie de cortiço, convivendo com populares e observando seu sofrimento. Em seguida, estoura um grande motim a certo ponto da narrativa, no qual o narrador demonstra os processos de opressão que contribuíram para a raiva da população, bem como a repressão violenta focalizada justo nas populações pobres e racializadas. Tal episódio surge como uma apreensão e transfiguração particular de Lima Barreto acerca da histórica Revolta da Vacina.

Um dos temas mais presentes ao longo da ação de *Recordações* é a presença e os efeitos do sistema de favor na ação e relação entre as personagens. A figuração deste fenômeno aproxima Lima Barreto de uma leitura da história que focaliza a manutenção do poder na mão de poucos e a sujeição de grande parte da população a esta pequena parcela, impedindo o exercício pleno da cidadania e, por vezes, do próprio direito de sobrevivência. Este tema também media as relações de poder dentro da imprensa, se ramifica a cada parcela da sociedade, configurando-se como uma estrutura social rígida, herdada do processo colonizador e do modo de produção escravocrata. Presente em toda a dissertação, este tema será, contudo, pormenorizado no capítulo "Favor: dominação pessoal e suas facetas". Igualmente presente ao longo da dissertação, mas focalizado em capítulo à parte, temos o tema da imprensa, sua mercantilização e relação com o processo de alienação da consciência do herói de *Recordações*.

2. Favor: dominação pessoal e suas facetas

2.1. Representação geral do sistema de favor

Em *Recordações* há a representação recorrente da prática de dominação social pelo favor, que permeia a ação do romance e é um fator responsável por importantes guinadas narrativas: Isaías viaja para o Rio de Janeiro com a expectativa de adquirir um trabalho fixo por meio de uma carta de recomendação direcionada a um deputado. Este, porém, lhe recusa a ajuda. Em seguida, o herói, sem recursos e emprego, quase chega à bancarrota. O favor possibilita, em seguida, seu ingresso no jornal *O Globo*. Ao fim da narrativa, de posse de informação sobre seu patrão, Loberant¹, potencialmente

O nome desta personagem possui variações em diferentes edições do romance, às vezes em uma mesma fonte. O mesmo acontece com o nome de algumas outras personagens. Dito isto, ao longo da dissertação será utilizada apenas uma forma do nome de cada personagem, ainda que nas citações diretas haja flutuações de grafia, como "Loberant"

desmoralizante perante a opinião pública, Isaías vende, implicitamente, seu silêncio em troca de uma promoção. Posteriormente, o herói pressionará Loberant para que ele intervenha junto a ministros, a fim de proporcionar-lhe um emprego fora do Rio de Janeiro. O desfecho da ação guia o leitor para o início da história: anos depois dos eventos narrados, Isaías, então escrivão da Coletoria de Caxambi, no Espírito Santo, planeja deixar o cargo para concorrer a deputado, como informado na "Breve notícia". Percebe-se que os mecanismos do favor estão presentes no romance tanto em seu ponto de partida, quanto em seu desfecho. Eles são significativos para compreender a relação do herói com sua sociedade. Portanto é conveniente investigar o sistema de favor na história do final do século XIX e o modo como Lima Barreto o transforma em conflito na obra estudada.

No primeiro capítulo, Isaías parte sozinho de sua cidade natal rumo à capital carioca, dispondo de certa quantia de dinheiro garantida por seus familiares. O montante não durará por muito tempo, tornando-se necessário que ele obtenha logo alguma forma de sustento. Para tanto, o herói leva consigo uma carta de recomendação endereçada ao deputado Castro Pedreira, redigida pelo coronel Belmiro, um fazendeiro que controlava a política na cidade do protogonista e aliado político deste deputado. O coronel, por sua vez, realizou tal favor a pedido do tio de Isaías, Valentim, que prestava serviços ao coronel Belmiro na condição de agregado. Anteriormente, ao decidir viajar à capital a fim de continuar seus estudos, o herói se questiona se obteria sucesso por conta própria:

Então, durante horas, através das minhas ocupações cotidianas, punha-me a medir as dificuldades, a considerar que o Rio era uma cidade grande, cheia de riqueza, abarrotada de egoísmo, onde eu não tinha conhecimentos, relações, protetores que me pudessem valer. Que faria lá, só, a contar com as minhas próprias forças? Nada, havia de ser como uma palha no rodamoinho da vida — levado daqui, tocado para ali, afinal engolido no sorvedouro... ladrão, bêbado, tísico e quem sabe mais? Hesitava. De manhã, a minha resolução era quase inabalável, mas, já à tarde, eu me acobardava diante dos perigos que antevia.²

Neste trecho o narrador evidencia que, ao menos de forma parcial ou intuitiva, o herói já reconhecia a necessidade de intervenção de alguém melhor posicionado socialmente. Quando Isaías anuncia seu desejo à sua família, estavam presentes sua mãe e uma tia materna. Aquela mantém-se "enigmaticamente" em silêncio; já esta, inicia um diálogo:

- Veja lá o que fazer, rapaz? Acho que você deve aconselhar-se com o Valentim!
- Ora qual! fiz eu com enfado. Para que Valentim? Não sou eu rapaz ilustrado? Não tenho todo o curso de preparatórios? Para que conselhos?
- Mas olhe, Isaías! você é muito criança... Não tem prática... O Valentim conhece mais a vida do que você. Tanto mais que já esteve no Rio...³

versus "Leborant".

² BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). *Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Op. cit., p. 133.

³ Idem, p. 135.

Esta curta conversa contém informações importantes para o prosseguimento da narrativa. Em primeiro lugar, reafirma-se o imperativo do favor antes mesmo de iniciado o conflito central. Em segundo lugar, aponta-se por meio da visão de outrem uma falta de preparo de Isaías, ainda que este se julgasse pronto. Enquanto o herói demonstra idealismo em sua resposta à tia, esta se atenta às dificuldades pelas quais ele necessariamente passaria, independentemente de sua "ilustração". Esta tensão entre a expectativa idealizada pelo jovem Isaías, fornecida por ele já adulto e experiente, e a vida social empírica forma um dos grandes eixos que estruturam a ação da narrativa, conforme se verá. Da mesma forma, a frase "você é muito criança" indica não somente falta de experiência, mas ingenuidade perante a vida. Ressalte-se, por fim, que a tia materna de Isaías aparece unicamente neste curto diálogo: assim a função narrativa desta personagem está intimamente ligada a uma escolha do narrador em ressaltar o despreparo de seu eu jovem — o que parece ser um dado significativo na economia narrativa.

Em seguida, chega Valentim, que participara da criação de Isaías numa posição análoga ao do pai, após a morte deste. Diante do anúncio da tia sobre a decisão de Isaías, Valentim consente em ajudar o sobrinho buscando auxílio do fazendeiro Belmiro. O tio do herói é descrito como "leal, valoroso, de pouca instrução". Acerca dele são narradas "façanhas, bravatas portentosas, levadas ao cabo, pelos tempos em que fora, nas eleições, esteio do partido liberal".⁴

Essa participação política de Valentim liga-se a Belmiro. A condição de agregado pode ser percebida na hesitação e pudor do primeiro ao pedir a intercessão do segundo, em favor do sobrinho:

- O quê? interrompeu assustado o Coronel.
- Eu queria que V. S., Sr. Coronel, gaguejou o tio Valentim, recomendasse o rapaz ao Dr. Castro.
- O coronel esteve a pensar. Mirou-me de alto a baixo, finalmente falou:
- Você tem direito, seu Valentim... É... Você trabalhou pelo Castro... Aqui para nós: se ele está eleito, deve-o a mim e aos defuntos, e você que desenterrou alguns. [...]
- O que é que você quer que lhe peça?
- V. S. podia dizer na carta que o Isaías ia ao Rio estudar, tendo já todos os preparatórios, e precisava, por ser pobre, que o doutor lhe arranjasse um emprego.
- O coronel não se deteve, fez-nos sentar, mandou vir café e foi a um compartimento junto escrever a missiva.

Não se demorou muito; as suas noções gramaticais não eram suficientemente fortes para retardar a redação de uma carta. Demoramo-nos ainda um pouco, e quando nos despedíamos, o Coronel abraçou-me dizendo:

- Faz bem, menino. Vá, trabalhe, estude, que isto aqui é uma terra à-toa com licença da palavra, de m... O Castro deve fazer alguma coisa por você. Ele foi assim também... O pai, você o conheceu, Seu Valentim?
- Sim, Coronel, disse meu tio.

⁴ Idem, p. 136.

— ... era muito pobre, muito mesmo... O Hermenegildo, o Castro, quis estudar. Nós... nós não, eu, principalmente que era presidente, arranjei-lhe uma subvenção da Câmara... E foi assim. Hoje, acrescentou o Coronel imediatamente, não é preciso, o Rio é muito grande, há muitos recursos... Vá menino!⁵

Aqui se evidencia uma rede de prestação e contraprestação de favores. O coronel, que controla a política da região, é aliado do deputado a quem ajudou a eleger, contando com os serviços de Valentim. Este, num momento de gagueira, chama o coronel de "senhor" por duas vezes consecutivas, demonstrando submissão – o que parece surtir o efeito necessário, pela resposta de Belmiro sobre Valentim ter "direito" por ter trabalhado para Castro. Em sua fala há um deslocamento lógico: o termo "direito" adquire um sentido de "recompensa" – ou "débito", como evidenciado pelo uso do verbo "dever". Trata-se de uma contrapartida por um serviço prestado, e não algo imanente, que estaria pressuposto em um direito no âmbito legal e no trabalho formal. Na mesma fala, a expressão "desenterrar alguns" é indicativa de uma prática comum da República Velha, na qual se falsificavam votos usando nomes de eleitores já mortos. Trata-se de uma confissão de Belmiro sobre os serviços de fraude prestados por Valentim. Para favorecer o deputado Castro em eleição, Valentim pode ter matado alguns, conforme se insinua, provavelmente concorrentes do candidato. Ele tanto contribui para falsificar urnas, como para fazer novos defuntos.

Essa afirmação pode ser melhor evidenciada se comparada a uma passagem anterior, na qual Isaías diz que na cidade corria o boato de que o tio já tinha despachado alguns: "Pelas portas das vendas, quando passava, cavalgando o seu simpático cavalo magro, com um saco de cartas à garupa, murmuravam: 'que songamonga! Já liquidou dois...". Assim, a prática de prestar "serviços" a Belmiro que contribuíram para eleger Castro indica o funcionamento típico da política oligárquica desde o Império, no qual os grandes donos de terras manipulavam as eleições a seu favor. Por fim, é necessário ressaltar que Valentim age tanto prestando serviços quanto requisitando sua contrapartida. Antes de tomar conhecimento do teor do pedido, a surpresa de Belmiro provavelmente deveu-se ao receio de se tratar de uma contrapartida onerosa. Percebendo ser uma intercessão simples, mudou a atitude perante seu protegido.

A certeza de Belmiro de que Castro ajudará Isaías parte também do conhecimento de que o fazendeiro auxiliara o atual deputado a concluir seus estudos e a elegê-lo para a Câmara. Este favor anterior tirou Castro da pobreza: o pai dele, Hermenegildo, era pobre, mas desejava que o filho estudasse. Provavelmente Hermenegildo era algum tipo de homem livre pobre ligado pelo favor a

⁵ Idem, pp. 137-138.

⁶ Idem, p. 136.

Belmiro. Nesse sentido, a ajuda do coronel para o estudo de Castro veio como contrapartida pelos serviços de seu pai. Com essa micronarrativa condensada sobre a vida do deputado pela voz do coronel, Lima Barreto figura a perpetuação, em diferentes gerações e na vida de Isaías, do sistema de favor. Fazendo o procedimento de ler o romance do fim para o início, a cena também mostra que, ao se candidatar, futuramente, como deputado, Isaías procura a mesma sorte de Castro e, talvez, a perpetuação do sistema.

Da mesma forma, o sistema de favor e proteção se reafirma numa reação em cadeia para além das personagens favorecidas e favorecedoras: Isaías quer estudar. Sua tia o "recomenda" para Valentim, que pede para que Belmiro o "recomende" para Castro, que fora candidato de Belmiro e assim por diante. Note-se que o verbo "recomendar" é utilizado por ambos os tios do herói, ressaltando a importância da capacidade de indicar alguém a algum favorecimento. A tia materna, não sendo agente nas relações de favor, é cúmplice de sua manutenção.

Roberto Schwarz, discorrendo sobre o romance do século XIX, aponta que a colonização no país produziu, com base do monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o "homem pobre livre", que na prática era dependente. Sobre este, o autor diz:

Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. Note-se ainda que entre estas duas classes é que irá acontecer a vida ideológica, regida, em consequência, por este mesmo mecanismo.⁷

O sistema de favor é, de certa forma, uma espécie de produção de um *negativo parcial* da classe dominante: seu mecanismo proporciona uma população legalmente livre, diferente da dos escravizados, mas materialmente dependente dos donos de terras. Entre ambos há um jogo de prestação e contraprestação, porém, estruturalmente as classes dominantes se beneficiam mais destas relações. Já a cumplicidade do homem pobre com esta prática auxilia a perpetuação do sistema socioeconômico vigente que o oprime.

Para Maria Sylvia de Carvalho Franco, as relações de trabalho baseadas no favor estão ligadas a uma população de homens ao mesmo tempo livres e expropriados de terra. Esta população surge, em parte, pela forma como se dá a ocupação da terra no Brasil colonial, onde grandes extensões de território foram concedidas a culturas onerosas, nas mãos de poucos indivíduos. Em outra parte, o surgimento dessa parcela dos habitantes do país ocorreu graças à alimentação do sistema mercantil a

⁷ SCHWARZ, Roberto. *As ideias fora do lugar*. In: Ao vencedor, as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. p. 16.

partir da escravidão.⁸ Nesse sentido, a exploração predatória da terra e de vidas gerou um residual de população que não era nem formalmente escravizada, nem dona de terras. Para esta parcela, sobram as atividades residuais que não poderiam ser realizadas por pessoas escravizadas (às quais foram designadas à produção para exportação), como transporte de carga em lombo de burro, negociação de animais, trabalhos braçais em geral e afins.

Para o homem pobre e livre é pressuposto tanto a fidelidade política a um senhor, quanto o imperativo de retribuir-lhe o suposto favor. Estes pressupostos formam um sistema de sujeição em que esta população perde o exercício pleno da cidadania e tem seus direitos individuais negados, recebendo quase nada em troca dos serviços prestados. Da contínua necessidade de retribuição deriva-se uma interminável rede de dívidas e obrigações que sempre se renova. Sempre subordinado a algum patriarca, o pobre livre tem sua vontade suprimida. A consciência alienada pela sujeição tende a tomála como se fosse natural e espontânea. "Assim, para aquele que está preso ao poder pessoal se define um destino imóvel que se fecha insensivelmente no conformismo". 10

Existem nuances entre a leitura de Roberto Schwarz e Maria Sílvia de Carvalho Franco: esta focaliza o aspecto desnivelado das trocas de favor e a exploração dos menos favorecidos; aquele, por sua vez, focaliza o favor enquanto nexo da vida ideológica nacional e fator produtor e reprodutor de uma da classe dominante da sociedade brasileira.

Avaliando as passagens de *Recordações de Isaías Caminha* apresentadas anteriormente, percebe-se que na cidade natal de Isaías o favor opera como prática social. Note-se que dentro do núcleo familiar de Isaías não há menção ao trabalho formal, o que indica que o favor é o regulador principal das relações de trabalho. O narrador, inclusive, aponta que Isaías, nos dois anos entre o fim de sua formação escolar e sua partida para o Rio, fazia trabalhos esporádicos a partir de indicações de Valentim, o que demonstra que ele já estava inserido no sistema de favor ativamente:

Eu sabia do caso [acerca dos rumores dos assassinatos cometidos por Valentim], estava mesmo convencido de sua exatidão; entretanto, apesar das minhas idiotas exigências de moral inflexível, não me envergonhava de estimá-lo, amava-o até, sem mescla de terror, já pela decisão do seu caráter, já pelo apoio certo que nos dera, a mim e a minha mãe, quando veio morrer a meu pai, vigário da freguesia de ***. Animara a continuar os meus estudos, fizera sacrifícios para me dar vestuário e livros, desenvolvendo assim uma atividade acima dos seus recursos e forças.

Durante os dois anos que passei, depois de ter concluído humanidades, o seu caráter atrevido conseguia de quando em quando arranjar-me um ou outro trabalho. Desse modo, eu ia vivendo

⁸ FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 14.

⁹ Idem, p. 84.

¹⁰ Idem, p. 95.

uma doce e medíocre vida roceira, sempre perturbada, porém, pelo estonteante propósito de me largar para o Rio.¹¹

Além da participação já presente de Isaías no sistema de favor por meio das ofertas de trabalhos fornecidos pelo tio (provavelmente o que se conhece hoje popularmente como "bico"), o que se percebe desse trecho é a existência de relações complexas e contraditórias entre as personagens, seus ideais e sua relação com a sociedade. O Isaías adulto, ao informar ao leitor sobre não se envergonhar de amar seu tio, apesar de suas "idiotas exigências de moral inflexível", apresenta seu julgamento a posteriori de seu eu jovem: ao adjetivar "moral inflexível" com o termo "idiota", ele apresenta sua compreensão atual sobre uma impossibilidade de se ter valores morais seguidos à risca, em contraposição ao idealismo do jovem Isaías. Este entendimento parte da percepção de que Valentim, apesar de condutas questionáveis aos olhos de outros moradores da cidade (como chamarem-lhe de "songamonga"), deu todo o apoio possível a Isaías e à sua mãe após a morte do pai, e permitiu que o herói levasse adiante seus estudos e tivesse algum acesso a vestimentas, ainda que isso fosse "uma atividade acima dos seus recursos e forças". O que se configura aqui é o lugar contraditório do homem pobre que se abstém de seus pressupostos morais para permitir a sua subsistência e a dos seus. Isso estabelece uma espécie de "ética dos pobres" que, movida pelas contingências das desigualdades, reconhece, mesmo que intuitivamente, não ser possível levar à risca o dogma moral: ser ético nos moldes estabelecidos pelo status quo é um luxo possível apenas para as classes mais favorecidas. O jovem Isaías, apesar de não dispor ainda da compreensão plena de seu eu maduro, reconhece em certo nível suas próprias contradições, ao continuar amando seu tio, apesar de ser contrário a seus valores morais. O que parece faltar ao herói na sua juventude é a experiência das contingências da vida para compreender as contradições e imperativos da sociedade, já anunciada pela fala de sua tia sobre ele ainda ser "criança".

Chegando à capital, o herói tenta encontrar o deputado Castro sem obter, de início, sucesso na empreitada. Enquanto isso, o dinheiro começa a acabar e Isaías se aproxima do desespero. No quarto capítulo ele finalmente encontra o deputado na casa de uma amante. Caminha apresenta-lhe a carta e este, com relutância, promete ajudá-lo, o que momentaneamente acalma o herói. Logo em seguida, no bonde, Isaías lê a notícia de que Castro Pedreira partiria, no mesmo dia, para São Paulo, a fim de estudar a cultura cafeeira. É possível imaginar que sua promessa de que atenderia ao pedido do herói consistiu em uma forma de se livrar o mais rápido possível dele.

¹¹ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Op. cit., p. 136.

Assim que Castro se depara com Isaías, recebe e lê a carta com uma "ruga de aborrecimento". O deputado questiona: "é o senhor?", ao que o herói responde "sim, senhor". Sem titubear, Castro prossegue a conversa, modificando o tratamento e criando empecilhos para prestar o favor:

- Você (*mudou logo de tratamento*) sabe perfeitamente como as cousas vão: o país está em crise, em apuros financeiros, estão extinguindo repartições, cortando despesas; é difícil arranjar qualquer cousa; entretanto...
- Mas dr. eu não queria grande cousa... Cem mil réis por mês me bastavam... Todos por aí arranjam e eu...
- Sim... Sim... Mas têm grandes recomendações, poderosos padrinhos eu, o que valho? nada! Ainda agora o Ministro do Interior não nomeou o meu candidato para juiz do júri...
- Se V. Ex. quisesse...
- Você por que não faz concurso?
- Não posso, não os há anunciados e eu preciso qualquer cousa já...¹²

A partir do diálogo, o que primeiro se depreende é a normatização do favor: tudo é disposto conforme o poder de influência: quem é bem apadrinhado, tem um lugar garantido; quem não dispõe de um "graúdo", tem seus planos frustrados.

A mudança de tratamento efetivada por Castro ao se referir a Isaías por "você" ao ver que o solicitante era negro é descrita pelo narrador como "falsamente paternal". O deputado também relativiza sua própria influência quando diz não valer nada. Estes procedimentos retóricos de Castro são um mecanismo para, ao mesmo tempo, aparentar boa vontade e eximir-se da responsabilidade. Ele não nega seus laços com o remetente, o coronel Belmiro, e nem o desqualifica, o que apenas confirma que ambos realmente mantinham laços de favor. Disto é possível concluir que a recusa é direcionada ao Isaías. O deputado faz uso dos artifícios possíveis para negar a ajuda sem prejudicar sua ligação a Belmiro. Isto revela que as relações de favor possuem outras variáveis para além do binômio senhor/apadrinhado. O narrador expressa o seguinte acerca da recepção do deputado:

Se bem que me tivesse acolhido com polidez, senti que o coronel nada decidia no ânimo do deputado. Julguei que mais do que pela carta o seu acolhimento fora ditado por uma frouxidão de caráter, por certa preguiça de vontade e desejo de mentir a si mesmo. A sua fisionomia empastada, o seu olhar morto e a sua economia de movimentos deram-me essa impressão. Demais aquela ruga na testa quando deu comigo...¹³

Do trecho citado acima nota-se que a polidez do deputado Castro, juntamente a sua fisionomia empastada, olhar morto e economia de movimentos, é apenas uma forma de escamotear sua avaliação acerca do herói: antecipada pelo narrador na expressão "é o senhor?", o deputado nega o favor a Isaías por racismo. O narrador dá indícios para isto ao frisar, ao fim de seu encontro com o Castro, "aquela

¹² Idem, p. 180.

¹³ Id. Ibidem.

ruga na testa quando deu comigo": a recusa já estava expressa neste que é o único gesto espontâneo oferecido pelo político; seus gestos são condicionados pelo preconceito contra negros. Discursivamente, seu desdém reaparece de modo implícito na ocasião em que o deputado exproba "essa nossa mania de empregos e doutorado", chegando a manifestar a indignação de que "todo o mundo quer ser doutor...": a frase, de tom abertamente elitista está direcionada a Isaías, pois, evidentemente, o rapaz e sua vontade de se tornar doutor eram o tema da conversa. Ele crê que o desejo de os negros de conquistarem um diploma é apenas uma "mania". Com isso, Castro nega aos pobres e negros esse direito. Portanto, pode-se concluir que o deputado Castro, ao prometer ajuda a Isaías sem de fato planejar fazê-lo, ele o faz para negar o seu racismo, escondendo-se debaixo da máscara da cordialidade. Além disso, é oportuno observar o fato de que Castro, sendo de origem pobre como Isaías, não se identifica com ele nem ao menos neste ponto: isto indica que, ao ascender socialmente, ele passou a rejeitar os pobres, demonstrando um traço de competitividade e censura à ascensão social de outros pobres. Nesse ponto, o nome "Castro" é simbólico, por ser associável a um processo de castração, no qual desejos e direitos de pobres e negros são negados. Da mesma forma, seu sobrenome, "Pedreira", não parece ser acessório: ele só é mencionado no momento em que o herói descobre que o deputado já estava de partida da capital. Isso parece ter a função de figurar que o desdém do deputado impunha pedras no caminho do herói, criando a imagem de um muro difícil de transpor, reforçando o sentido do primeiro nome.

Por extensão, no romance, o racismo pode ser um meio de negar um favor, criando um processo de retroalimentação entre o sistema de domínio pessoal e a discriminação racial, criando uma complementariedade entre racismo e favor. Ambos partilham de uma mesma origem enquanto produtos históricos do processo colonizador, que visa lucro através da exploração brutal de humanos. No romance, tanto o sistema de domínio pessoal e o racismo persistem na sociedade, apesar da queda da Monarquia e da ascensão da República, e se unem como barreiras contra o sujeito menos favorecido e negro. O racismo, tal como a discriminação de classe, de gênero e, assim por diante, são usados como ferramentas do sistema capitalista para dividir, excluir e criar grupos explorados por uma minoria detentora do poder.

Desamparado, Isaías desiste do favor prometido por Castro e passa a procurar emprego, qualquer que fosse. Suas esperanças, porém, mínguam ainda mais quando se vê preterido de um emprego devido, novamente, a um critério racista: apresentando-se ao proprietário de uma padaria que procurava novos empregados, este o observou por alguns instantes e negou-lhe o emprego sem nem

mesmo averiguar quaisquer informações sobre a qualificação de Isaías. Questionado sobre o motivo, o proprietário explica apenas "porque não me serve":

E veio vagarosamente até uma das portas da rua, enquanto eu saía literalmente esmagado. Naquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobria uma espécie de sítio posto à minha vida. Sendo obrigado a trabalhar, o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificáveis. [...] Revoltava-me que me obrigassem a despender tanta força de vontade, tanta energia com cousas em que os outros pouco gastavam.¹⁴

Como no episódio com o deputado Castro, é o não-dito que pôs o racismo em funcionamento. Assim como o "é o senhor?", o "não me serve" nada diz, mas, ao contrário, cala a justificativa da recusa. Com esta recusa, a vida do herói chega a um impasse: ele não logra adquirir nem o apadrinhamento de Castro, nem um trabalho formal, próprio da ética burguesa. Não importa o regime de trabalho: ele está abandonado à própria sorte. Neste aspecto, Isaías sofre as mazelas de um sistema de trabalho com pesos e medidas diversos.

Os dois episódios de negação do favor e de oferta de trabalho formal acontece de forma similar à D. Plácida, personagem de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Schwarz, antes de analisar a trajetória desta personagem machadiana, aborda a consideração da elite pelo trabalho dos pobres a partir narração de Brás Cubas. O narrador, em dado momento, tece considerações sobre um mestre-escola pobre e um amigo de Brás Cubas, Quincas Borba, que se tornou mendigo. Schwarz aponta que, se para o primeiro, com toda uma vida de "trabalho humilde e honrado", não coube reconhecimento algum; para o segundo, a reação é a inversa, desejando-lhe que tivesse uma "miséria digna". Disto o crítico conclui que "a dignidade que Brás não reconhece ao trabalhador, ele a exige do vadio. Nos dois casos trata-se para ele de ficar por cima, ou, mais exatamente, de ficar desobrigado diante da pobreza. Não deve nada a quem trabalhou, mas quem não trabalhou não tem direito a nada (salvo à reprovação moral). Segundo a conveniência, valem a norma burguesa ou o desprezo por ela". 15

Para Schwarz, a elite reprova a indolência de alguns pobres, mas, sempre que oportuno, desconsidera-se o trabalho do pobre. A exigência de trabalho e sua negação criam uma situação complementar na qual o rico dispõe de dois pesos e duas medidas. À pessoa sem posses sobra apenas a *falta de garantias* de uma existência digna e de reconhecimento dela enquanto sujeito. Não trabalhando, o sujeito torna-se desqualificado; trabalhando, só "por muito favor" serão reconhecidos ou pagos. Para Schwarz, a miséria é escancarada sem ideologia alguma: não se ressalta a liberdade de

¹⁴ Idem, p. 201.

¹⁵ SCHWARZ, Roberto. *A sorte dos pobres...* In: Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000. p. 67.

¹⁶ Id. Ibidem.

controlar a sua própria produção, como nas oficinas de artesanato; sem a ética burguesa do trabalho, como nas relações de trabalho. A estrutura explorada do trabalho é assim praticada sem qualquer mascaramento ideológico.

Pelos exemplos comentados anteriormente do romance *Recordações*, este arbítrio de pesos moduláveis se traduz, inclusive, na possibilidade de o homem poderoso poder recusar trabalho a alguém que deseja trabalhar, seja por meio do favor, seja por meio da ética burguesa. Retomando Schwarz, o crítico comenta que "em plena era burguesa, o trabalho sem mérito ou valor é um ápice de frustração histórica". E avança então para a abordagem da vida de D. Plácida: mulher pobre que faz toda sorte de serviços temendo "cair" (ter de recorrer a contingências como pedir esmolas), ela não consegue ser bem-sucedida em suas atividades e recorre à alcovitagem, ainda que valorizasse o casamento e a moralidade familiar. Apesar de trabalhadora incansável, ela se vê na necessidade de buscar proteção e se agrega a uma família com posses, o que não a impede de morrer na indigência. A consequência disso, para Schwarz, é a de que

[...] a vida honesta e independente não está ao alcance do pobre, que aos olhos dos abastados é presunçoso quando a procura, e desprezível quando desiste [...] O trabalho indiferente à finalidade concreta (costurar, cozinhar ou ensinar), e sem objetivo além do salário, pertence ao universo do capitalismo. Ao passo que a nenhuma estima pelo esforço é do universo escravista. Paralelamente, note-se que os benefícios complementares daqueles males estão ausentes, a saber, a dignificação burguesa do trabalho "em geral", bem como o ócio que o escravismo pode proporcionar aos não-escravos. Noutras palavras, coube a Dona Plácida colher o pior de um e outro mundo: trabalho abstrato, mas sem direito a reconhecimento social. 18

Schwarz menciona posteriormente que a vida de trabalhadora de D. Plácida não era uma singularidade dentre as classes menos favorecidas, mas sim um "tipo capital" na qual está indicada a generalidade de sua classe e sua correspondência à estrutura social do país: o homem e a mulher pobres e dito livres, mas, que são, na verdade, dependentes, cuja vida de intensa exploração a torna próxima à da escravidão.

2.2. O Favor e as relações amorosas

No romance, os episódios que envolvem as figuras das amantes e trabalhadoras do sexo evidenciam que as classes dominantes se valem delas para realizar uma demonstração de seu poder. A partir dessas relações de poder, há, também, um demonstrativo do nível de consciência de Isaías, o que torna oportuna a análise de tais episódios: a cena de encontro entre Castro e Isaías é análoga e figura o que vai ocorrer depois na casa de prostituição na qual o herói flagra Loberant mantendo relações

¹⁷ Idem, p. 68.

¹⁸ Id. Ibidem.

sexuais com uma das moças da casa. Mas, na casa de Castro, Isaías é ainda muito ingênuo, sem se dar conta de que tinha um saber sobre a vida do deputado que poderia usar como arma. As diferentes reações da personagem em um e outro episódio são um sinal de que ela ainda não tinha consciência plena do funcionamento do sistema de favor e proteção e das relações de poder, ainda que a tenha enquanto narrador que analisa essas situações *a posteriori*.

Um exemplo quase anedótico do jogo de poder imposto pelo homem poderoso sobre as mulheres ocorre no capítulo III, quando o herói, recentemente instalado na capital, é confundido com um repórter de um jornal de fofocas: enquanto atravessava a cidade de bonde, Isaías observava os demais passageiros, quando direcionou o olhar para um senhor de cartola que se sentara ao lado de uma jovem senhora. Seu vizinho de viagem lhe comentou, em seguida, sobre a "pouca-vergonha" de um senador "bolinar". Isaías não o entendeu de imediato e, ao sair do bonde, o homem que iniciara a conversa o interceptou e exigiu que ele "deixasse disso", que não se metesse na vida de "seu Carvalho... É um graúdo, pode ter lá seus arranjos e não tem que dar satisfação a ninguém - fique sabendo!". 19 Pouco depois desfaz-se o mal entendido: o homem da cartola era um senador que se tornara alvo do semanário O azeite, espécie de jornal de fofocas. O homem que interceptara Isaías, Chico Nove Dedos, era um capanga deste senador, incumbido de inibir qualquer repórter do semanário que, andando pelos bondes, obtivesse um furo sobre os casos de bolinagem deste senador. Ao que tudo indica, o político e a moça do bonde tinham um caso: ele pagou a passagem de transporte dela e, ao descerem, os dois tomaram a mesma rua transversal. Mas no veículo fingem que não se conhece. A função dessa cena é reforçar que, como na reação de Isaías diante da amante de Castro, ele não tinha consciência do funcionamento do sistema. É mais uma passagem que mostra a ingenuidade dele que ganhará uma posição reversa com Loberant. Ao lado das relações amorosas de Castro, as duas são cenas simétricas, mas com consequências inversas, possibilitadas pelo grau de consciência do herói.

Ao início do Capítulo IV, após inúmeras tentativas de visita à residência oficial do deputado Castro, nas quais este nunca se encontra presente, o narrador frisa, irônico, que "se os senhores algum dia quiserem encontrar um representante da grande nação brasileira, não o procurem nunca na sua residência". ²⁰ Pouco depois, Isaías, em mais uma tentativa de visita, descobre o paradeiro do deputado por meio de um rapaz que trabalhava numa carrocinha em frente à casa de Castro. O jovem lhe informa que o deputado, apesar de morar oficialmente no Hotel Terminus (local onde o herói constantemente ia

¹⁹ Idem, p. 157.

²⁰ Idem, p. 166.

à procura de Castro Pedreira), na prática residia numa rua da Vila Isabel. Isaías fica impressionado e indaga:

- Hué! Por quê?
- − O snr. é do Rio? fez sem responder-me diretamente o criado.
- Não
- Está vendo, senão não se admirava. O snr. sabe: esses homens têm seus arranjos e não querem que ninguém saiba. É por isso. Agora, não vai dizer que eu... Veja lá!²¹

Os "arranjos" amorosos dos homens políticos são como um segredo de que muitos possuem conhecimento: mantêm-se a moral do casamento tradicional monogâmico apenas nas aparências. Quem não compreende este acordo pode ser inclusive tachado como estrangeiro/alguém de fora do meio social. Essa espécie de vista grossa parece valer não somente para políticos, mas para homens com algum nível de influência ou poder social e econômico, em geral, como se vê no flagrante por Isaías de Loberant em uma orgia. O hábito do dono de O globo de frequentar aquela casa de prostituição era do conhecimento de outros empregados do jornal, mas, quando ele descobriu a prática de seu chefe, dele foi exigido o silêncio sobre a informação. Enquanto as personagens masculinas de poderio são bem definidas, as suas amantes e as prostitutas são menos delineadas; são as falas destes sobre elas que se sobressaem, e destas, sobram apenas menções. A mulher torna-se figurante, como se vê, por exemplo, no caso do bonde, onde os pontos de vista apresentados são os dos homens: é o discurso da lembrança do narrador; a opinião pública, representada no vizinho de viagem no bonde de Isaías; e a fala de Chico Nove Dedos, reproduzindo a vontade de seu chefe. Da mesma forma, ao pensar sobre a prostituição de moças pobres ou de "arranjos", evidencia-se a desigualdade: as mulheres que ocupam tais lugares nunca são associadas às classes mais abastadas, mas sim mulheres de origem pobre das quais não se ouvem os anseios e nem sua visão de mundo. Percebe-se este contraste, por exemplo, com a personagem Odalina, mulher portuguesa de família abastada que aparecerá a certo momento, através de um livro de poemas mandado para a crítica do jornal, como se verá posteriormente. Cabe adiantar que, diferente das personagens prostituídas, Odalina terá sua voz escutada mesmo não estando presente fisicamente, o que é uma inversão daquelas, que surgem fisicamente, mas silenciadas na narração. Disto pode-se depreender que, no romance, há uma figuração da ideologia patriarcal que assegura a liberdade e a afirmação do capricho do patriarca e do homem detentor de capital em todos os níveis, seja no plano econômico, social ou sexual.

²¹ Idem, p. 177.

2.3. O favor e o direito à educação

Isaías ainda que tenha um desfecho muito diverso da personagem machadiana D. Plácida, encontrará percalços similares nesta ambígua (não) inserção na vida econômica da sociedade, para além da recusa de Castro do auxílio advindo do sistema de favor e do trabalho formal pela padaria. Ele encontrará percalços para conquistar um trabalho minimamente decente ao longo de todo o romance, até quase ao final, quando faz a chantagem a Loberant. Na redação Isaías é o faz tudo, mas ganha quase nada e passa quase todo o romance vivendo na miséria, inclusive sendo obrigado a trabalhar horas seguidas e a morar mal em um cortiço.

Ele encontrará obstáculos por isso para sua formação. Retomando a frase de Castro sobre "todo mundo desejar ser doutor", esta negação ao direito à educação de Isaías só será compreendida pela personagem na seguinte cena: certa tarde, o herói lia sentado num banco de praça pública, quando percebe uma moça negra, de "olhos tristes e feições agradáveis", com vestuário que a indicava ser pobre:

Considerei-a um instante e continuei a ler o livro, cheio de uma natural indiferença pela vizinha. A rapariga começou a murmurar, perguntou-me qualquer coisa que respondi sem me voltar. Subitamente, depois de fazer estalar um desprezível muchocho, disse-me ela à queima-roupa:

— Que tipo! Pensa mesmo que é doutor...

Fechei o livro, levantei-me e, já afastado, ainda ouvi dela alguns desaforos. Cheguei ao portão. Os bondes passavam, havia um grande movimento de carros e pedestres. Considerei a rua, as casas, as fisionomias dos transeuntes. Olhei uma, duas, mil vezes, os pobres e os ricos. Eu estava só.²²

Existe uma série de questões em jogo nesta passagem. Por um lado, no romance, Lima Barreto analisa como a escravidão no Brasil, mesmo após a Abolição e com o advento da República, nega os direitos individuais: direito à educação, ao trabalho, à moradia. Naquele momento, ao dizer a frase "eu estava só", a passagem mostra mais uma etapa do processo de tomada de consciência de Isaías Caminha quanto ao funcionamento da marginalização dos pobres e negros. A cidadania possibilita ao sujeito "estar só" em um corpo social por haver leis protetivas. Logo, não seria necessário estar vinculado a um grupo quando se reconhece o seu pertencimento à nação. Porém, no contexto de um Estado no qual certas camadas sociais não possuem uma cidadania plena, "estar só" é um risco à integridade material e psicológica de um sujeito pertencente a uma camada social desvalorizada. Contudo, por outro lado, o trecho acima também evidencia o desdém de Isaías por parte de pessoas de sua mesma classe e raça, expressada por sua "natural indiferença" à moça, traduzido no gesto de dar

²² BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Op. cit., p. 205.

mais atenção a um livro do que a uma pessoa que tentava engajar uma conversa. O narrador escamoteia o significado de seu gesto através do adjetivo "natural", como se sua indiferença fosse algo esperado: ele atenua os conflitos internos de sua própria classe.

A resposta da moça, nesse sentido, busca nivelar o herói à sua própria classe. A formulação "pensa mesmo que é doutor" evidencia algo de ressonância com a frase de repreensão "quem você pensa que é?". Ela afirma a prática social que nega a educação aos pobres e negros e, ao mesmo tempo, ensina a Isaías que esta prática existe mesmo entre semelhantes. A moça se volta contra Isaías por este querer ser doutor e, desejando isto, hierarquiza as relações, tratando a uma igual como se fosse melhor que ela. Aqui ele também é preconceituoso. Contudo, a indiferença de um, e a resposta de outra, servem também como índices da luta dos pobres livres entre si, em busca de algum meio de alcançar uma vida melhor – de tornarem-se, eles também, um deputado Castro. Em linguagem popular, trata-se de um "salve-se quem puder". O narrador ao afirmar que estava só, olhando para a rua "duas mil vezes", demonstra sua tomada de consciência de que o direito à educação não estava garantido. Esta cena, ainda que o narrador tente atenuar seu significado, revela as contradições do próprio Isaías quando jovem: ele, um sujeito pobre e negro, em busca de uma ocupação formal e barrado pelo sistema, não hesita em disputar com seus semelhantes - expresso em sua tentativa de afetar superioridade. O procedimento discursivo da moça de pôr em xeque a afetação de superioridade de Isaías funciona como repreensão, pois de início ela não queria diminuí-lo, mas fica ressentida por ser desprezada e reage, mostrando a Isaías que ele não tem a importância que afeta ter.

A cena mostra um jogo entre a alienação e a consciência de Isaías por reproduzir contra a moça os mesmos preconceitos dos quais ele é vítima. Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, ao analisar o uso do termo "doutor" na narrativa, aponta que ele é dissociado do conhecimento, mas sedimenta o prestígio e a projeção hierárquica dele sobre a maioria da população²³. Nesta cena, o herói compreende a real situação deste título e a contradição de seus desejos, o que culmina, segundo Figueiredo, numa sensação de desintegração.²⁴ Isto é, o herói chega a uma consciência plena do que é necessário para alcançar o título, porém, se abala por ver-se em desvantagem. O jogo contraditório entre alienação e tomada de consciência em Isaías surge na instrumentalização do título de doutor como mecanismo de ascensão social, mas com conhecimento até então apenas parcial dos critérios de classe e raça que permitem sua obtenção e seu uso.

²³ FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Trincheiras de Sonho: ficção e realidade em Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. pp. 163-164.

²⁴ Idem, pp. 170-171.

Não é apenas nesta cena que o narrador escamoteia as ambiguidades de seu eu jovem, deixandoas entrevista apenas na ação, mas não discursivamente. Elas estão expressas desde o início da ação do
romance, mas atenuadas pela mediação do narrador. Ainda que, para o herói, o reconhecimento de sua
situação se consolide com o episódio da praça, já antes há indicativos relevantes de uma relação
contraditória com o conhecimento, permeada por um misto de percepção, intuição e desconhecimento
das categorias de raça e classe e de sua interferência nas relações sociais. Retomando a abertura do
primeiro capítulo, esta posição ambígua da personagem é revelada já na descrição da relação de sua
família com o conhecimento e suas primeiras percepções:

A tristeza, a compressão e a desigualdade de nível mental de meu meio familiar, agiram sobre mim de um modo curioso: deram-me anseios de inteligência. Meu pai, que era fortemente inteligente e ilustrado, em começo, na minha primeira infância, estimulou-me pela obscuridade de suas exortações. [...]

O espetáculo de saber do meu pai, realçado pela ignorância de minha mãe e de outros parentes dela, surgiu aos meus olhos de criança, como um deslumbramento.

Pareceu-me então que aquela faculdade de explicar tudo, aquele seu desembaraço de linguagem, a sua capacidade de ler línguas diversas e compreendê-las, constituíam, não só uma razão de ser de felicidade, de abundância e de riqueza, mas também um título para o superior respeito dos homens e para superior consideração de toda a gente.

Sabendo, ficávamos como que de alguma maneira sagrados, deificados... Se minha mãe parecia triste e humilde – pensava eu naquele tempo – era porque não sabia, como meu pai, dizer o nome das estrelas no céu e explicar a natureza da chuva.²⁵

No trecho acima é oportuno notar, em primeiro lugar, a formulação "desigualdade de nível mental", que indica uma percepção do herói, quando jovem, de que, por algum motivo, sua família não dispunha de um nível "intelectual" semelhante entre todos os seus membros. O narrador contrapõe o "espetáculo de saber" do pai à "ignorância" da família materna: aqui percebe-se que o desnível de conhecimento se dá de forma desproporcional: apenas o pai o dispunha; os demais membros, sujeitos negros, não o possuem. A posição daquele como vigário o liga a uma classe mais favorecida que o proveu de estudo e garantias de vida. Os sujeitos negros estão ligados à população anteriormente escravizada, limada brutalmente destes direitos. O termo "olhos de criança" utilizado pelo narrador mostra um juízo *a posteriori* de que, ao se deparar com a inteligência do pai em comparação com o resto da família, ele via os efeitos do racismo e das diferenças de classe de forma empírica, sem compreendê-los. Ele experienciava e percebia as diferenças, mas não conseguia formular o porquê da existência de "nível intelectual".

O narrador oferece também a compreensão de que o jovem Isaías superdimensionava o conhecimento do pai através da formulação "faculdade de explicar tudo", que parece indicar o processo

²⁵ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Op. cit., pp. 131-132.

de aprendizado de Isaías: este enquanto criança, ainda não compreende o mundo, logo, um adulto, mais experienciado, poderia lhe explicar qualquer coisa. Este procedimento narrativo de indicar a ingenuidade do herói quando criança consoa com as afirmações de sua tia sobre sua falta de experiência.

Se, por um lado, há o processo de se deparar com o conhecimento do pai, por outro, o narrador também avalia o uso do conhecimento como distinção social: a formulação "sabendo, ficávamos como que de alguma maneira sagrados, deificados..." traz a percepção do jovem Isaías do uso do conhecimento como instrumento de poder. A percepção empírica de sua mãe parecer triste e humilde surge mediada pela diferença de conhecimento dela em relação ao pai, que sabia "dizer o nome das estrelas no céu e explicar a natureza da chuva". Esta visão é julgada *a posteriori* pela frase "pensava eu naquele tempo", que indica uma mudança de compreensão, em contraposição ao Isaías jovem, que parece ter introjetado o poder patriarcal como sinônimo de inteligência. Assim, ao início do romance, o herói parece deter uma percepção apenas parcial de classe e raça. Esta cena e a da praça são análogas. Na primeira, ele fetichiza o conhecimento, mas sem consciência. A segunda é o momento em que ele toma consciência de que fetichiza o título de doutor e que será muito difícil obtê-lo.

Mais contradições sobre a consciência do fenômeno da distinção social são visíveis na relação de Isaías com a professora Esther. Estimulado pelo pai, o herói passou a estudar e manteve o hábito:

A minha energia no estudo não diminuiu com os anos, como era de esperar; cresceu sempre progressivamente. A professora admirou-me e começou a simpatizar comigo. De si para si (suspeito eu hoje), ela imaginou que lhe passava pelas mãos um gênio. Correspondi-lhe à afeição com tanta força d'alma, que tive ciúmes dela, dos seus olhos azuis e dos seus cabelos castanhos, quando se casou. Tinha eu então dois anos de escola e doze de idade. Daí a um ano, saí do colégio, dando-me ela, como recordação, um exemplar do "*Poder da vontade*", luxuosamente encadernado, com uma dedicatória afetuosa e lisonjeira. Foi o meu livro de cabeceira. Li-o sempre com mão diurna e noturna, durante o meu curso secundário, de cujos professores poucas recordações importantes conservo hoje. Eram banais! Nenhum deles tinha os olhos azuis de D. Esther, tão meigos e transcendentes que pareciam ler o meu destino, beijando as páginas em que estava escrito!...²⁶

Esta professora foi a única da qual o herói guardou recordações importantes. A simpatia de d. Esther por Isaías parece ser mediada por ela sentir pena de seu aluno por ele ser negro e pobre, ainda que demonstrasse esforços. A escolha do nome da personagem lhe confere caráter simbólico, pois alude à personagem bíblica de mesmo nome: uma rainha persa de origem judia que auxilia seu povo a ser libertado da servidão aos persas. A função narrativa dessa transferência simbólica é interessante por ser apenas parcial: D. Esther quer ajudar Isaías, mas não dispõe do poder para alterar o destino do jovem,

²⁶ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Op. cit. pp. 132-133.

demonstrando que desejo não basta para modificar as estruturas sociais. Outra diferença perceptível é que Esther, diferente de sua antecessora, não possui a mesma origem étnica do objeto de sua piedade, visto que a professora de Isaías é caracterizada como branca pela menção a seus "olhos azuis": a Ester bíblica é uma judia que salva o próprio povo e essa simetria não é transferida para a personagem limabarretiana. Isto pode indicar uma não ascensão de sujeitos negros a locais de poder que permitam a ação destes a favor dos seus. Por fim, a oposição professora vs. rainha equivale à oposição conhecimento vs. poder, que será uma das tônicas do romance. Assim, a transferência simbólica parcial do nome "Ester" parece antecipar que ter conhecimento e reconhecer as mazelas sociais não é o suficiente para mudanças estruturais e que o poder acumulado exerce maior peso sobre a própria possibilidade de ação dos sujeitos.

A frase "de si para si (suspeito eu hoje), ela imaginou que lhe passava pelas mãos um gênio" revela um juízo a posteriori do narrador, que pode ser interpretado como uma autoironia, interpretando a sua ingenuidade anterior por acreditar nesta interpretação, que revela um narcisismo em sua autoimagem anterior. O presente recebido, espécie de livro de autoajuda avant la lettre que versa sobre feitos de grandes homens, com dedicatórias afetuosas, parecem ser índices de uma tentativa de não destruir as ilusões do jovem. Conjugadas estas informações textuais, percebe-se que Esther teve uma postura de tentar estimular o estudo de Isaías tendo em vista o futuro difícil que já lhe antevia: ela percebe que ele sendo negro e pobre, mesmo que inteligente, teria seu direito à educação negado pela sociedade. Assim, há mais um indicativo da falta de consciência de Isaías que não é expresso ipsis litteris: ele não percebia o sentimento de pena de Esther – este fica subentendido, mas não expressado discursivamente. Isto é irônico pois, enquanto a criança acreditava que a professora lhe antevia um futuro promissor, a adulta estava, contudo, nutrindo pena. Além disso, parece haver uma ironia envolvendo Nietzsche: o título do livro, "Poder da Vontade", é uma inversão dos termos que nomeiam o conceito nietzschiano da "vontade de poder" (ou "vontade de potência", em algumas traduções). A inversão dos termos que nomeiam o conceito de Nietzsche talvez funcionam como símbolo da inversão do entendimento de Isaías, quando criança, acerca do que sua professora lhe antevia como destino. Novamente, não basta ter vontade, e isto foge aos olhos da criança que ainda não experienciou a vida.

Outra consideração sobre uma percepção parcial de raça aparece na seguinte cena, também do primeiro capítulo:

Passava por um largo descampado e olhei o céu. Pardas nuvens cinzentas galopavam, e, ao longe, uma pequena mancha mais escura parecia correr engastada nelas. A mancha aproximavase e, pouco a pouco, vi-a subdividir-se, multiplicar-se; por fim, um bando de patos-negros passou por sobre a minha cabeça, bifurcado em dous ramos, divergentes de um pato que voara

na frente, a formar um V. Era a inicial de Vai. Tomei isso como sinal animador, como bom augúrio do meu propósito audacioso.²⁷

Não é gratuito que as aves descritas sejam patos e que sejam negros: eles são metáforas para os sujeitos pobres e racializados. Sugere-se pobre pois o pato é uma ave que não se costuma ligar ao sublime e ao elevado como o condor e a andorinha, típicos da tradição romântica. Em vez disso, ser "feito de pato" significa deixar-se lograr e enganar. O voo dos patos como um símbolo esteticamente rebaixado, por sua vez, funciona como uma metáfora de inversão do sublime e indicativo de uma formação intelectual e de uma posição social rebaixada. Neste sentido, os patos negros de Lima Barreto funcionam, mutatis mutandis, como uma espécie de forma local do albatroz desconjuntado de Baudelaire e, também, ao se pensar na cor, como *inversão* da pomba branca cristã – os patos descritos se ligam mais ao chão e ao rebaixado, com o desejo de alçar voos altissonantes, do que ao céu e à elevação espiritual que se vê no símbolo cristão e nas aves prediletas à estética romântica. O narrador, demonstrando a identificação de Isaías com os patos negros, afirma seu eu jovem como pobre e negro. Mas o foco de Isaías jovem no pato que voava à frente visava o individual, e não o coletivo: a letra "v" não é descrita como um conjunto de patos, mas se foca em descrever o pato que voava mais à frente, formando o vértice que unia as duas linhas de patos: há, assim, um coletivo de se cinde. A passagem sugere uma figuração de relações de classe e raça, mas de uma forma ambígua e com divisões no interior do coletivo. Da mesma forma, a impressão do Isaías jovem perante a visão dos patos-negros como uma previsão de seu sucesso, mediada pelo narrador experienciado, colore sua percepção de mundo com tintas românticas, o que parece reforçar uma expectativa irreal de seu eu jovem ao transformar uma cena corriqueira de um animal esteticamente rebaixado como símbolo de bom augúrio. A ironia aqui é que não há nada na cena que prenuncie uma vitória futura.

Por fim, no primeiro capítulo há ainda uma passagem capital para a compreensão da ambiguidade de Isaías em relação ao conhecimento e sua correlação com as relações sociais. Tendo em mãos a carta de Belmiro recomendando-o a Castro, o narrador analisa a empolgação de Isaías jovem:

A minha situação no Rio estava garantida. Obteria um emprego. Um dia pelos outros iria às aulas, e todo fim de ano, durante seis, faria os exames, ao fim dos quais seria doutor! Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o

suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro.

O flanco, que a minha pessoa, na batalha da vida, oferecia logo aos ataques dos bons e dos maus, ficaria mascarado, disfarçado...

²⁷ Idem, p. 134.

Ah! Doutor! Doutor!... Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários, polifórmicos... Era um pálio, era alguma cousa como clâmide sagrada, tecida com um fio tênue e quase imponderável, mas a cujo encontro os elementos, os maus olhares, os exorcismos se quebravam. De posse dela, as gotas da chuva afastar-se-iam transidas do meu corpo, não se animariam a tocar-me nas roupas, no calçado sequer. O invisível distribuidor dos raios solares escolheria os mais meigos para me aquecer, e gastaria os fortes, os inexoráveis, com o comum dos homens que não é doutor. Oh! Ser formado, de anel no dedo, sobrecasaca e cartola, inflado e grosso, como um sapo-intanha antes de ferir a marmelada à beira do brejo; andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas, pelas salas, recebendo cumprimentos: Doutor, como passou! Como está, doutor? Era sobre-humano!...²⁸

A euforia de Isaías sobre uma melhor consideração dos outros homens acerca dele e uma subjacente possibilidade de ser adulado e servido demonstra uma instrumentalização do título de doutor como ascensão e consolidação social, bem como instrumento de poder. Há nesse procedimento a fetichização do título de doutor que reduz o homem à sua instrução. O conhecimento aparece reificado na figura de sua "carta" (diploma), ao qual se prende o prestígio, de forma fetichizada, pois as relações entre homens aparecem mediadas por coisas. É a materialidade do título que permitiria ao herói não mais titubear e hesitar, permitindo-lhe ser livre por estar seguro do respeito à sua "majestade". Esta percepção fica evidente com a frase "resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor...". Nesta autoexortação de Isaías acerca de seu possível futuro, Lima Barreto demonstra as contradições do herói de forma crucial para o entendimento do romance: mesmo que de forma parcial, ele já está consciente de sua condição, mas, ao mesmo tempo, deseja instrumentalizar um título para ascender socialmente - e sua redenção não necessariamente implica a redenção de seus semelhantes. Aqui se expressa um forte impulso pela sobrevivência e desejo de alcançar melhores condições de vida, bem como, nietzscheanamente, um forte impulso de poder e dominação. O papel da narração parece ser borrar os limites das intenções de Isaías: ora o narrador indica ingenuidade quanto às relações sociais, ora apresenta uma percepção parcial ou enviesada delas.

2.4. Favor e instrumentalização do poder público

Posteriormente encontram-se mais indícios que corroboram para a relação entre favor e competência intelectual na instrumentalização do conhecimento como ferramenta de ascensão. No Capítulo V, o escrivão Viveiros suspeita que Isaías seria responsável por um roubo acontecido no hotel em que este se hospedava e o chama para depor na delegacia. O agente de lei duvida e tira sarro do herói quando este diz ser estudante. Isaías insiste e inicia-se uma discussão que o faz ser posto numa

²⁸ Idem, pp. 138-139.

cela, por mais de três horas. Representante do Estado, este delegado despertara descrédito em Isaías: "O delegado pareceu-me um medíocre bacharel, uma vulgaridade com desejos de chegar a altas posições; no entanto, havia na sua fisionomia uma assustadora irradiação de poder e de força. Talvez se sentisse tão ungido da graça especial de mandar, que na rua, ao ver tanta gente mover-se livremente, havia de considerar que o fazia porque ele deixava". ²⁹ Esta desqualificação do nível cultural do agente público será também recorrente com repórteres e empregados do jornal onde Isaías ingressará, em especial com personagens como Floc, o crítico de arte que possui dificuldades para redigir textos críticos. Além de aparentar (segundo o narrador) incapacidade para o cargo ocupado, o narrador apresenta Viveiros como uma personagem que abusa de sua autoridade enquanto representante do Estado: esta operação lógica inverte a natureza do cargo público em posse privada. O delegado não dissocia o trabalho como agente da lei de sua pessoa, como se a lei fosse o delegado e de acordo não com o código jurídico, mas considerando o seu próprio arbítrio. Em decorrência disto, o narrador compartilha, ao fim do capítulo, seu ressentimento por ter depositado expectativas na ideia de "pátria", apenas para ver o poder sendo usado não só de forma autoritária, mas também negando os direitos de cidadão do herói: "Custava-me a crer que, no intervalo de horas, eu pudesse ter os entusiasmos patrióticos do almoço e fosse detido como um reles vagabundo num xadrez degradante. [...] As lágrimas correram-me e eu pensei comigo: A pátria!". 30 A interjeição com o substantivo "pátria" indica que o problema não é o indivíduo Viveiros, mas sim a possibilidade de que as estruturas sociais permitam que haja tal torção de poder concedido em um contrato social. Curiosamente, o nome do delegado é polissêmico, pois "viveiro" pode ser um local onde se reproduz e se mantém animais, o que alude a um processo de animalização de Isaías, bem como a uma repreensão irônica de sua identificação com os patos negros: se ele imaginava que alçaria altos voos, foi preso em um viveiro pelo arbítrio de outrem.

O aparelhamento do poder público do Estado como posse privada não surge isolado neste delegado, nem se restringe ao seu quadro administrativo. Ele é mola ativa dos mecanismos do sistema de favor e reproduz a prática dos detentores do poder econômico pela cadeia social, nos quadros burocráticos e empresariais. Logo antes de ser interrogado, Isaías observa a conversa entre um inspetor da polícia e o já mencionado senador Carvalho, que aparece na delegacia à procura de seu capanga, Chico Nove Dedos. Este havia cometido um roubo, mas não se encontrava naquela delegacia: "[O Senador então] apertou a mão do rapaz cheio de agradecimento, e saiu murmurando de modo que fosse

²⁹ Idem, p. 191.

³⁰ Idem, p. 193.

ouvido por todos nós: aquele doido só me leva a incomodar". É possível supor que o senador pretendia usar sua influência para libertar seu capanga protegido, o que demonstra a instrumentalização do aparelho do Estado para fins do interesse privado. Pouco após a conversa entre o senador e o inspetor, quando Viveiros interroga o herói, antes da discussão culminar na detenção deste, o delegado menciona que a suspeita contra Isaías seria reversível com testemunhas, documentos, um correspondente – ou ainda, dinheiro para que o delegado "arranjasse" alguém que servisse de depoente. Logo, não era importante investigar o caso, mas verificar e obedecer à influência a que o investigado possa recorrer. O ato de Isaías negar possuir quaisquer "arranjos" ou dinheiro serve de estopim para que Viveiros deboche da afirmação do herói ser estudante:

- Qual é a sua profissão?
- Estudante.
- Sim, senhor, estudante, repeti com firmeza.
- Qual estudante, qual nada!

A sua surpresa deixara-me atônito. Que havia nisso de extraordinário, de impossível? Se havia tanta gente besta e bronca que o era, por que não o podia ser eu? Donde lhe vinha a admiração duvidosa?³²

No fragmento acima percebem-se duas informações importantes: a primeira é a de que Isaías ainda não tinha a compreensão total de que ser estudante e, posteriormente, doutor, eram conquistas que não dependiam unicamente da capacidade de quem as almejavam. Seu desconhecimento do fenômeno é revelado pelo movimento lógico da cena quando, observando que havia "gente besta e bronca" ocupando lugares de poder que requisitavam conhecimentos específicos, ele acreditava ser mais estudado e apto. Não é a primeira vez que este pensamento é evidenciado pelo narrador. Já no Capítulo I ocorrera a comparação entre a inaptidão dos outros e as aptidões de si, quando Isaías, antes de ir ao Rio de Janeiro, descobre que um colega de sala do tempo de escola, Felício, descrito como menos inteligente, obtivera sucesso na capital e se formara em farmácia. Anteriormente, como já dito, o herói tinha receio de ir ao Rio de Janeiro. Porém, sua opinião logo muda ao ler em um jornal que Felício se formara: "Ora o Felício!, pensei de mim para mim. O Felício! Tão burro! Tinha vitórias no Rio! Por que não as havia eu de ter também — eu que lhe ensinara, na aula de português, de uma vez para sempre, diferença entre o adjunto atributivo e o adverbial? Por quê!?".³³

As duas cenas desmentem a meritocracia, mostrando que são as relações de favor que importam: assim, há uma contradição entre mérito e influência. Nesse momento, o herói ainda não

³¹ Idem, p. 186.

³² Idem, p. 191.

³³ Idem, p. 134.

conseguiu entender o mecanismo social em suas contradições — e nem se atentava às suas próprias (ou as disfarça). Isaías se espanta com pessoas que ele alega serem intelectualmente medíocres ocuparem, apesar disso, cargos bem valorizados e receberem diplomas de cursos nos quais o conhecimento específico da área deveria ser imprescindível. Nesta passagem, ele mantém-se na comparação de capacidade: se para cargos e diplomas pessoas mal capacitadas bastam, o herói, mais apto, exerceria melhor do que estas; logo, teria um futuro melhor sucedido.

Retomando o diálogo entre Isaías e Viveiros, o fato de este assumir um discurso discriminatório à condição estudantil de Isaías, após saber que o herói não dispunha de amizades influentes nem de capital, reforça a ligação de qualquer atividade ao poder da influência.

Da mesma forma que é perceptível que o senador foi à polícia a fim de usar sua influência e libertar seu capanga, a solução da prisão de Isaías passa por processo análogo. Após as mais de três horas preso, o delegado, agora "mais brando e disposto à simpatia", solta e herói para que conversassem. Isaías fica desconfiado, espantado pela diferença de tratamento, e suspeita de que houve a intervenção de algum protetor desconhecido. Segue-se o diálogo:

- Você não tem relações aqui, no Rio, menino?
- Nenhuma.

Admirou-se muito, extraordinariamente, a ponto de repetir de outro modo a pergunta:

- Mas ninguém? Ninguém?
- O meu conhecimento mais íntimo é o dr. Ivan Gregorovitch Rostoloff conhece?
- —Oh! como não? Um jornalista, do "O Globo" não é?
- Esse mesmo.
- Por que não me disse logo? Quando se está em presença da polícia, a nossa obrigação é dizer toda a nossa vida, procurar atestados de nossa conduta, dizer os amigos, a profissão, o que se faz, o que se não faz...
- Não sabia que era um homem importante, por isso...
- Pois não! Um jornalista é sempre um homem importante, respeitado, e nós, da polícia, temolo sempre em grande conta... Vá-se embora, disse-me ele por fim, e procure mudar-se daquele hotel quanto antes... Aquilo é muito conhecido... Os furtos se repetem e os ladrões nunca aparecem... Mude-se quanto antes, é o meu conselho. Vá!

Eu ia saindo e, antes de transpor a porta, o delegado veio ao meu encontro e recomendou em voz baixa:

— Não diga nada ao dr. Rostoloff — sabe? Ele pode publicar e ambos nós temos que perder...³⁴

A própria relação "confinamento" versus "liberdade" é condicionada pelas relações próximas do acusado com homens influentes: o fato de Isaías ser solto por Viveiros é decorrente do medo deste de ser atacado por um jornalista influente. Isso mostra o caráter privado do uso das leis de prisão e soltura pelo delegado, independentemente de comprovada ou não a inocência. Viveiros, ao mencionar que sempre há roubos que não são solucionados, sugere que já havia a suspeita de que o próprio hotel

³⁴ Idem, p. 197.

Jenikalé realizava furtos – e isto aponta para uma possível armação do hotel para incriminar Isaías. Porém, a soltura ocorre por medo de Viveiros ter sua imagem ameaçada. Até mesmo a lei dispende tratamento diverso às pessoas a depender de a quem estão ligadas. O valor diferenciável dos homens reside na origem social e em suas relações com o poder.

No romance, como visto acima, o bem público é tomado para usufruto privado. Historicamente, no Rio de Janeiro há um desdobramento extenso desse confronto entre bem público e os direitos dos cidadãos, gerando uma espécie de república "que não foi". Murilo de Carvalho aponta: "Dissociava-se o governo municipal da representação dos cidadãos. O fato era agravado pela frequente nomeação de prefeitos e chefes de polícia totalmente alheios à vida da cidade [...] Abria-se então, do lado do governo, o caminho para o autoritarismo, que na melhor das hipóteses poderia ser um autoritarismo ilustrado, baseado na competência, real ou presumida, de técnicos". Murilo de Carvalho aponta para tal "dissociação" como certa leitura distorcida de uma república positivista. No fim, se separa a ideia de representatividade do cargo público, e este passa a servir a interesses individuais.

O descomprometimento do Estado com a população pobre é evidenciado em *Recordações* principalmente em três momentos: o primeiro, quando Isaías assiste a uma sessão da Câmara dos Deputados. Esperando observar grandes homens e grandes debates, compatíveis com o cargo ocupado, o herói depara-se apenas com conversas ordinárias e picuinhas internas. Ao sair da sessão, Isaías pergunta a um popular que também assistiu aos deputados: "que faz essa gente, hoje, aqui?", ao que é respondido: "sei lá...". E, em seguida, o interlocutor do herói supõe que fizessem o de sempre: leis. Após a resposta insatisfatória, Isaías observa os transeuntes, "[...] admirado que aquela porção de gente trabalhasse sob o sol tão ardente, sem examinar que valor tinham as suas câmaras e o seu governo. E a facilidade com que os aceitava, pareceu-me sentimento mais profundo, mais espontâneo, mais natural que a minha ponta de crítica que já começava a duvidar deles". 36

Ainda que sem muita consciência, o herói estranha a situação. Esta cena é mais um dos exemplos sobre a formação de consciência de Isaías: o romance demonstra, paulatinamente, em cada uma das passagens e cenas da primeira parte, a crescente tomada de consciência do herói acerca do sistema social, o funcionamento prático de suas leis e costumes, e a crescente desilusão, que será seguida de outro processo de alienação, ao ingressar no jornalismo. O rapaz fica intrigado com este descompasso: nem o debate dos políticos na Câmara fala sobre assuntos de interesse da população

³⁵ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 33.

³⁶ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Op. cit., pp. 162-163.

pobre, nem esta sabe que os políticos, numa república, devem governar em função do interesse de todos. Não há aqui a função do cargo como representação do interesse público

Em um segundo momento de exposição da dissociação dos cargos públicos e sua função como representatividade pública, o incômodo de Isaías se converterá em fúria quando o herói lê no jornal que Castro partiria da cidade. Neste, o herói brada para si: "Imbecis! pensei eu. Idiotas que vão pela vida sem examinar, vivendo quase por obrigação, acorrentados às suas misérias como galerianos à calceta! Gente miserável que dá sanção aos deputados, que os respeita e prestigia! Por que não lhes examinam as ações, o que fazem e para que servem? Se o fizessem... Ah! se o fizessem!". Tal postura demonstra um reconhecimento do sistema de opressão e exclusão social, e da inação da população. A frase que fecha este pensamento é interessante, pois parece indicar que, caso a sociedade chegasse à percepção da função dos políticos e de sua real atividade, isto geraria uma revolta como a de Isaías, o que por sua vez indicaria uma organização popular contra os políticos.

Por fim, outro momento que demonstra o desinteresse do Estado pela população que ele deveria representar é a postura autoritária do governo na implementação da obrigatoriedade do uso de sapatos, mesmo pelos desassistidos do Estado, que mal têm dinheiro para comer, se vestir e morar. A medida originou-se por um motivo fútil de caráter higienista — como se verá em outro capítulo, de forma detida. Estes eventos do romance confluem com o que Murilo de Carvalho comenta:

No que se refere à representação municipal, ela ficava solta, sem ter de prestar contas a um eleitorado autêntico. A consequência foi que se abriu por esse modo o campo para os arranjos particularistas, para as barganhas pessoais, para o tribofe, para a corrupção. [...] Ao lado de funcionários públicos, passaram a envolver-se nas eleições e na política municipais, por iniciativa dos políticos, os bandos de criminosos e contraventores [...]. Eram esses malandros, no sentido que tinha a palavra na época, os empresários da política, os fazedores de eleições, os promotores de manifestações, até mesmo a nível da política federal. A ordem aliava-se à desordem, com a exclusão da massa dos cidadãos que ficava sem espaço político.³⁸

Inexiste a possibilidade de direitos básicos para os populares e eles estão condicionados à vontade dos poderosos. A educação é negada enquanto direito para os pobres, especialmente para os negros, como Isaías, de forma sistemática. A partir desta negação da autonomia do herói e dadas as linhas gerais do sistema de favor, propõe-se que este seja traço constitutivo da divisão e fragmentação dos pobres e trabalhadores. Nela, o sistema de representatividade do Estado burguês e seu aparato burocrático, ainda que exista formalmente para todos, funciona, na prática, só para alguns, como consequência das formas de domínio pessoal. Portanto, há um sistema de domínio de caráter

³⁷ Idem, p. 181.

³⁸ CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. Op. cit., p. 36.

tradicional, patriarcal, se sobrepondo a um sistema de domínio de caráter legal, de acordo com o sistema weberiano sobre as formas de dominação legítima. O *patriarcado* é a constituição teoricamente mais pura do domínio tradicional, formado pela crença da sacralidade do poder do "senhor" sobre os "súditos", na qual a obediência ao senhorio parte da fidelidade estabelecida pela tradição. Se é pressuposto que o direito e as leis estabelecidas pelo patriarca são reconhecidos como válidos "desde sempre", na prática, o exercício do poder patriarcal parte da benevolência circunstancial: o senhor aplicará sanções ou recompensas conforme o seu arbítrio, dando um caráter "elástico" ao exercício da lei, nas palavras de Weber. Por sua vez, o domínio legal, representado de maneira pura na *burocracia*, é formado através de estatutos que são sancionados, criando e modificando direitos. Os detentores do poder são eleitos ou nomeados como funcionários de acordo com a competência para ocupar o cargo, e seu quadro administrativo possui formato empresarial, sendo os subordinados os "cidadãos" e assim por diante. As normas são formalmente abstratas e, mesmo o dominador, ao ordenar, obedece, pois cada ordem remete a uma "lei" ou "regulamento".³⁹

O direito (hipotético) do herói de tornar-se doutor por conta de seu próprio estudo e esforço se alinha à ideia de uma posição merecida pelo domínio da capacidade intelectual e técnica, traço constituinte do quadro administrativo burocrático característico da dominação legal:

O tipo do funcionário [burocrático] é aquele de formação profissional, cujas condições de serviço se baseiam num contrato, com um pagamento fixo, graduado segundo a hierarquia do cargo e não segundo o volume de trabalho, e direito de ascensão conforme regras fixas. Sua administração é trabalho profissional em virtude do dever objetivo do cargo. Seu ideal é: proceder sine ira et studio, ou seja, sem a menor influência de motivos pessoais e sem influências sentimentais de espécie alguma, livre de arbítrio e capricho e, particularmente, "sem consideração da pessoa", de modo estritamente formal segundo regras racionais ou, quando elas falham, segundo pontos de vista de conveniência "objetiva". O dever de obediência está graduado numa hierarquia de cargos, com subordinação dos inferiores aos superiores, e dispõe de um direito de queixa regulamentado. A base do funcionamento técnico é a disciplina do serviço.⁴⁰

Para Weber, os tipos de dominação legítima existiriam em sua forma pura apenas como tipos ideais e, na prática, mesclar-se-iam entre si em diferentes proporções. A sociedade apresentada no romance contém uma notável mistura entre domínio tradicional e legal. Se o sistema vigente é o capitalista, então a organização do Estado seria burocrático, constituindo-se como uma empresa, com seus quadros e departamentos legalmente estatuídos. No Estado em que se misturam os dois tipos de dominação, o direito legal e a burocracia administrativa são instrumentalizados como patrimônios

³⁹ Sobre os tipos de dominação, cf. WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima in: Max Weber. Organização de Gabriel Cohn. São Paulo: Editora Ática, 2003. pp. 128-141.

⁴⁰ Idem, p. 129.

privados. Vige ainda relações de trabalho baseadas na tomada de controle dos quadros administrativos como bem privado e no contato pessoal, o favor, em que a capacitação técnica, objetiva e impessoal, independente das relações de influência, não conta, como no sistema burocrático capitalista. Figueiredo aponta uma leitura similar, frisando, por exemplo, que a carta de Belmiro põe em evidência as relações de troca, e a constituição de um capitalismo burocrático e patronal, de poder baseado na reciprocidade.⁴¹

Isaías não é o único herói lima-barretiano a sofrer entraves em sua vida devido a uma incompreensão da manutenção das formas de domínio tradicional após a instauração da República, na qual teria de ser pressuposto um domínio de caráter legal. De forma diversa, e mais ligado à questão militar, Policarpo Quaresma enfrentará esta questão. Šárka Grauová analisa que a sociedade moderna é marcada não pelos laços afetivos, mas pelo acordo ou contrato racional entre seus membros. A partir disto, tem-se que esse ethos moderno aciona a impessoalidade das instituições a fim de garantir uma unidade do corpo social. Porém, "essa mesma experiência da modernidade gera a suspeita de que o sistema burocrático se fecha sobre si mesmo e, a longo prazo, o aparato com seus funcionários tende a ser a única medida das ações humanas. Dito de outra maneira, a legalidade, com todas as suas tramitações complicadas e meticulosas, faz como que uma cortina de fumaça por trás da qual a legitimidade [do domínio legal] pode passar para uma via secundária". 42 Assim, há a possibilidade de que o poder seja desviado do aparelho burocrático e, apesar de sua aparente legitimidade, seja exercido por práticas pessoalistas voltadas para interesses privados. Ainda que o perfil ideológico dos militares que instauraram a República fosse determinado pelo programa de estudos dos cadetes, "instruídos mais no positivismo de Auguste Comte e Émile Littré, no evolucionismo de Darwin e Spencer e no determinismo de Buckle, do que em ciência militar", sua práxis é distinta:

Dentro de pouco tempo, o governo abandonou a simples legalidade: marechal Deodoro, monarquista e amigo pessoal de d. Pedro II, decidiu dissolver o Congresso por este querer restringir suas competências presidenciais. Em consequência, Deodoro teve que abdicar para dar lugar ao marechal Floriano que, por sua vez, se apropriou da cadeira presidencial de maneira anticonstitucional, visto que Deodoro não exerceu o cargo durante os dois anos necessários para que tal pudesse acontecer. Assim, a racionalidade impessoal moderna, em vez de garantir a igualdade de todos perante as leis, dobrou-se sob o vigor dos usos e costumes da família patriarcal.⁴³

⁴¹ FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Trincheiras de Sonho: ficção e realidade em Lima Barreto*. Op. cit., pp. 164-165.

⁴² GRAUOVÁ, Šárka. Homem cordial e suas fardas: os fracassos da modernidade em "Triste fim de Policarpo Quaresma". Em: *Teresa*, *[S. l.]*, v. 1, n. 19, pp. 347-357, 2018. p. 348.

⁴³ Idem, p. 350. O grifo é meu.

Os militares em Triste fim de Policarpo Quaresma furtam-se do estatuto que rege as suas funções e de seus procedimentos burocráticos internos e agem conforme interesses próprios. Um dos exemplos elencados por Grauová é justamente Marechal Floriano, retratado por Lima Barreto como sujeito fleumático, de convições fracas, de gestos que ferem o decoro militar, como dar audiências com palitos na boca e não respeitar as hierarquias, recebendo militares de menor escalão de forma familiar. A partir disto, ela conclui que onde a República deveria ter instaurado uma ordem moderna e racional, encontra-se "uma atmosfera caseira em que tudo se rege pela benevolência do patriarca [...] Os supostos arautos da ordem, os cadetes da Escola Militar, baluarte do positivismo – se comportam segundo os mandamentos pré-modernos". 44 Policarpo só chega à percepção do engodo republicano quando é convocado a guerrear. Se antes sua percepção quixotesca da realidade, embebida de idealismo patriota, o fazia tomar ações cômicas, vistas como inadequada pelos seus concidadãos, após este evento, ele percebe os horrores do regime. É sua final compreensão da realidade, do sistema opressor que assume ares de legalidade, que o leva ao seu "triste fim": tentando intervir contra a execução arbitrária de presos de guerra, ele mesmo é condenado arbitrariamente à morte. Seus antigos amigos militares, receosos de perderem suas posições, não interferem nesta decisão, perpetuando assim o domínio tradicional, ao colocarem o arbítrio patriarcal dos condenadores de Policarpo acima dos pressupostos legais de liberdade promovidos pela República. Com isto, Grauová conclui: "No final das contas, talvez o único ato realmente moderno do romance seja a tentação de Policarpo para agir conforme sua consciência, contrariando os preceitos da máquina do Estado e uma ordem vinda de cima". A percepção de Policarpo sobre as instituições e seu caráter opressor o leva a contrariar seus superiores, protestando contra o tratamento dispendido aos presos da Revoltada da Armada, um gesto de tentar desfazer as injustiças que ele mesmo ajudara a cometer, por não ter compreensão da totalidade. Compreender a totalidade da sociedade e suas fraturas e tentar revertê-las rendeu-lhe a prisão arbitrária e morte por fuzilamento. Este movimento lógico traz uma visão pessimista das instituições brasileiras, que são configuradas como ferramentas de poder que massacram os mais vulneráveis e as vozes dissidentes. Exposto isto, é interessante notar que Policarpo e Isaías possuem pontos em comum em sua descrição narrativa, pois ambos, além de serem intelectuais, possuem um primeiro momento no qual não dispõem de uma consciência total sobre os mecanismos sociais e o funcionamento das formas de opressão, vivendo um lugar idealizado, à margem da ideologia que rege a sociedade, e isto os leva à derrocada - sendo a de Isaías, transitória, e a de Policarpo, definitiva. Isto

⁴⁴ Idem, p. 354.

⁴⁵ Idem, p. 356.

demonstra que, na obra de Lima Barreto, a manutenção do domínio tradicional é constitutiva da sociedade brasileira, prevalecendo e ocorrendo em diferentes classes e relações sociais e momentos históricos.

Por extensão, o uso pelo autor de recursos cômicos gerados a partir da inadequação social⁴⁶, como sua forma ufanista de encarar a realidade, para reverter o cômico em dor e tragédia, cria um procedimento estético de representar as estruturas sociais brasileiras: a falta de consciência é cômica, mas ter consciência é trágico.

2.5. Favor e reificação da intelectualidade

Retomando os eventos de *Recordações de Isaías Caminha*, Isaías travara amizade com um jornalista estrangeiro, o já mencionado Ivan Gregorovitch, que trabalhava no jornal *O Globo*. Este homem, de origem russa, foi apresentado ao herói num café carioca, por intermédio de Laje da Silva, que trabalharia posteriormente na mesma redação que Ivã. Isaías conhecera Laje no Hotel Jenikalé, onde se hospedara logo ao chegar na capital, a primeira pessoa com a qual o herói travou relações no Rio de Janeiro. Gregorovitch, ao saber que o herói passava fome e se aproximava da miséria absoluta, decide indicá-lo para trabalhar n'*O Globo*, num cargo de contínuo. É o prestígio do repórter que serviu de influência para a contratação.

No ambiente jornalístico o narrador acusará, continuamente, a mediocridade da atividade intelectual. Este tema será melhor tratado no capítulo dedicado ao jornalismo, mas cabe demonstrar desde já alguns efeitos disso. Isaías, ao ingressar n'O Globo, já tinha consciência de estar "só", lá sofrera os ditos e desditos da permanência do sistema de favor em sua vida pessoal. O cargo de contínuo é atualmente mais referido pelo anglicismo office-boy, espécie de faz-tudo relacionado às atividades braçais na redação. Apesar de sua posição baixa na hierarquia, a renda contínua, o medo do retorno dos sofrimentos anteriores e certa possibilidade de prestígio geram uma satisfação com o cargo, que evolui ironicamente para orgulho. O narrador, já distanciado, avalia sua situação na juventude:

Eu tinha cem mil-réis por mês. Vivia satisfeito e as minhas ambições pareciam assentes. Não fora só a miséria passada que assim me fizera; fora também a ambiência hostil, a certeza de que um passo para diante me custava grandes dores, fortes humilhações, ofensas terríveis. Relembrava-me da minha vida anterior; sentia ainda muito abertos os ferimentos que aquele choque com o mundo me causara. Sem os achar, em consciência, justos, acobardava-me diante da perspectiva de novas dores e apavorei-me diante da imagem de novas torturas. Considerei-me feliz no lugar de contínuo da redação do "O Globo". Tinha atravessado um grande braço de mar, agarrara-me a um ilhéu e não tinha coragem de nadar de novo para a terra firme que

⁴⁶ Este é o ponto fundamental do conceito de cômico para Bergson. CF. BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

barrava o horizonte a algumas centenas de metros. Os mariscos bastavam-me e os insetos já se me tinham feito grossa a pele...⁴⁷

Com a imagem do mar aberto contraposta à do ilhéu, o narrador adulto evidencia, simbolicamente, que o herói partiu de uma situação péssima, de luta pela sobrevivência num ambiente hostil, para uma situação menos crítica, mas ainda precária. A terra firme que deixara para trás em sua cidade de origem não era uma opção: barrando o horizonte de um passado próximo, a imagem representa a miséria contra a qual o herói lutava, tendo sido melhor arriscar-se no mar do que permanecer naquele solo fadado à não-sobrevivência. Em tamanha adversidade, considera a ilhota que o cargo de contínuo representa como um porto seguro. A imagem do refugiado satisfeito com a solidão, alimentação precária e engrossamento da pele por ação de insetos (metáfora do sistema econômico, daqueles que sugam a vida alheia) cria a satisfação precária de uma ascensão socioeconômica praticamente inexistente: ele não poderia ir além da posição de contínuo, visto que na hierarquia da empresa, não se presume a passagem do trabalho braçal, visto como inferior e mal remunerado, ao intelectual, prestigiado e bem remunerado. Desta forma, o narrador não articula, ao menos naquele momento, uma imagem de conquista de uma boa condição social. Ainda assim, apesar de apresentar seu sofrimento passado, ele não deixa de tratá-lo ironicamente, ao mostrar como seu eu jovem se orgulha de sua condição de funcionário miserável do jornal:

Participar de uma redação de jornal era algo extraordinário, superior, acima das forças comuns dos mortais; e eu tive a confirmação disso quando, certa vez, na casa de cômodos em que morava, dizendo ao encarregado que trabalhava na redação do "O Globo", vi o pobre homem esbugalhar muito os olhos, olhar-me de alto a baixo, tomar-se de grande espanto como se estivesse diante de um ente extraordinário. As raparigas que residiam junto a mim, lavadeiras e costureiras, criadas de servir apelidaram-me *o jornalista*, e mesmo quando vieram a ter exato conhecimento da minha real situação no jornal, continuei a ser por esse apelido conhecido, respeitado e debochado.⁴⁸

Por esta situação o herói ficou "enervado de orgulho pueril, tratando toda a gente com um desdém sobranceiro". A questão aqui é: o olhar de cima a baixo do encarregado da casa de cômodos e o apelido de "jornalista" ser dito pelas moças do cortiço em tom de deboche. Parecem indicar uma inadequação de Isaías, de se achar importante por um trabalho sem status social. É uma situação similar à da moça no banco da praça pública e se replica até mesmo no retorno do desdém de Isaías pelos populares e no deboche com que as habitantes do cortiço se dirigem a ele. Isso demonstra que, ao passo que o herói já chegou à compreensão da necessidade de um pistolão para que sua situação melhorasse,

⁴⁷ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Op. cit., p. 239.

⁴⁸ Idem, p. 240.

ele ainda não possui entendimento total de seu lugar na sociedade. Contudo, ele também consegue ser visto com prestígio por alguns – ainda que fosse debochado, também era respeitado. E ele se vale disso para afetar superioridade. Assim, a aceitação de sua posição é avaliável como uma moeda ambígua, espécie de esmola recebida na qual coexiste, numa face, a apreensão das dificuldades pelo choque sofrido no primeiro momento de vida na capital, imperando o medo do retorno a tal situação; noutra, a formação de um orgulho rasteiro, motivado por um anseio de prestígio inexistente. Ele mantém um desdém pelo seu próprio povo, já manifestado anteriormente, e vice-versa. Desta forma, a análise do narrador, já distanciado, demonstra que o jovem Isaías era, em parte, um pobre-diabo, mas em parte, também soberbo.

Esta primeira aceitação do herói sobre sua condição não é estanque, porém. Se, inicialmente, o narrador aponta que, para o jovem Isaías, a mera presença dele na redação, fazendo os serviços mais desvalorizados, era para ele extraordinária, esta percepção será limada com o andar da narrativa. O ápice da tomada de postura crítica acerca do jornalismo e da vida social ocorrerá como desilusão intelectual, que tomará a forma final no Capítulo XIII. Durante a revolta dos sapatos, que será tratada pormenorizadamente em outro capítulo, o jornal de Isaías trabalha continuamente para incitar a população contra o governo. O motim leva à morte de uma série de civis. O resultado do conflito será a compra da opinião d'*O Globo* pelo governo como forma de calá-lo. Rapidamente o jornal passa "do mais formal pessimismo ao otimismo mais idiota" em relação às políticas governamentais, a fim de apaziguar a população. A negociata gira em torno da obtenção de cargos públicos para empregados do jornal próximos a Loberant. Isaías observa todo o esquema e as conversas sobre os cargos pretendidos. Chega a ouvir a formulação de Floc de que, na diplomacia, "pode-se ser burro ou inteligente que é o mesmo!". O crítico de arte discorre sobre esta afirmação dando, como exemplo um diplomata inglês que seria "uma besta, mas uma besta perfeita", mas, ainda assim, era aureolado pelo prestígio da profissão, o que reverbera no próprio crítico.

Esta prática dominante de negociatas de favor; o desprezo pela perda de vidas civis, demarcada pela venda rápida de opinião; a ridicularização da formação para o exercício de atividades intelectuais; enfim, a corrupção dos jornalistas em busca de poder demarca uma figuração lima-barretiana de um *intimismo à sombra do poder* à brasileira, ideia já explorada por Coutinho ao analisar *Triste fim de Policarpo Quaresma*⁴⁹. Isto leva o narrador a declarar:

No meio daquele fervilhar de ambições pequeninas, de intrigas, de hipocrisia, de ignorância e filáucia, todas as cousas majestosas, todas as grandes cousas que eu amara, vinham ficando

⁴⁹ COUTINHO, Carlos Nelson. O significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira. Em: Op. cit., passim.

diminuídas e desmoralizadas. Além do mecanismo jornalístico que tão de perto eu via funcionar, a política, as letras, as artes, o saber — tudo o que tinha suposto até aí grande e elevado, ficava apoucado e achincalhado.

Via Floc fazer reputações literárias, e ele mesmo uma reputação; via Losque, de braço dado com o mediocre Ricardo Loberant, erguer à Câmara e ao Senado quem bem queria; via Ayres d'Ávila, com uns períodos de fazer sono e uma erudição de vitrine, influir nas decisões do Parlamento; via médicos milagreiros e tidos como sábios pedirem elogios às suas pantafaçudas obras, a redatores ignorantes; e também via, D. Ignês, a esposa do diretor, uma respeitável senhora, certamente, fazer-se juiz dos contos e das poesias dos concursos, com a sua rara competência de aluna laureada das irmãs de Caridade.

À vista disso, à vista dessa incompetência geral para julgar, da ligeireza e dos extraordinários resultados que obtinham com tão fracos meios, impondo os seus protegidos, os seus favoritos, fiquei tendo um imenso desprezo, um grande nojo, por tudo quanto tocava às letras, à política e à ciência, acreditando que todas as nossas admirações e respeitos não são mais que sugestões, embustes e ilusões, fabricados por meia dúzia de incompetentes que se apoiam e se impuseram à credulidade pública e à insondável burrice da natureza humana.⁵⁰

O narrador afirma que toda a atividade que requer conhecimento é passível de instrumentalização para interesses privados e é realizada por incompetentes, limando as prerrogativas de impessoalidade, objetivo atribuído ao cargo e à competência estabelecida como necessária no sistema legal de dominação. O que está em questão para as personagens criticadas não é o conhecimento, mas sim a conquistas de interesses pessoais, que prescindem de quaisquer conhecimentos. A falta de formação necessária e a manutenção das aparências de uma suposta superioridade intelectual podem ser nomeadas com umas das formulações que demostram o desprezo que se acumulou em Isaías, erudição de vitrine: é tudo aparência, e na manifestação mais superficial. O nojo de Isaías desta alegada erudição rasteira torna-se fecundo: não é apenas o meio jornalístico que é intelectualmente fútil e mediocre, mas também tudo que diz respeito às letras, à política e à ciência. Sobre o trono de cada forma de conhecimento repousariam embustes que se impuseram à "insondável burrice humana". Passagem capital para o romance, ela é o esgotamento da crença na aptidão intelectual daqueles que ocupam instituições do poder e do conhecimento. Contudo, há de se considerar os movimentos anteriores no romance sobre as tentativas do próprio Isaías de acender socialmente através do favor e do procedimento narrativo de deslegitimar seus concorrentes. As tintas pesadas utilizadas para caracterizar a intelectualidade brasileira servem tanto como forma de demonstrar o ressentimento de Isaías, quanto para justificar sua tentativa de adquirir uma posição através do favor. Esta passagem resume uma das intenções principais do narrador: afirmar que não há uma intelectualidade séria no país, assim, ele poderia tomar parte neste sistema para se estabelecer socioeconomicamente sem muito esforço para se qualificar. Desta forma, a passagem configura-se

⁵⁰ Idem, p. 306.

como crítica à sociedade, bem como autolegitimação e autoindulgência das ações do herói visando melhorar de vida. Se configura também como justificativa da decisão de não se preocupar mais em se educar e ilustrar, pois seriam esforços em vão.

O movimento final do favor dentro da ação do romance é gerado a partir da percepção de Isaías acerca da pequenez do mundo intelectual carioca e da impossibilidade de o indivíduo formar-se por conta própria. Ao fim do Capítulo XIII, o crítico de arte suicida-se na redação, durante um plantão noturno. O dono do jornal, Loberant, não estava presente e era preciso avisá-lo. Isaías, que presenciara a cena, é escolhido pelo redator de plantão para levar a mensagem ao dono do jornal:

- Caminha! Tu vais aí a um lugar e do que vires não dirás nunca nada a ninguém. Juras?
- Juro.
- Vais à casa da Rosalina, procurar o doutor Loberant... É preciso discrição, hein? O Rolim não pode ir, tem que ficar aqui, para o que der e vier... Vai! Mas não fales nada, nunca!⁵¹

Chegando ao prostíbulo de Rosalina, o herói entra no quarto onde seu chefe e Ayres D'Ávila (outra personagem d'*O Globo*) participavam de uma orgia. Uma das prostitutas atende ao herói. Quando Loberant se depara com ele, apenas questiona "Que há, Isaías?". O herói informa o suicídio do crítico e então o capítulo é encerrado abruptamente.

O último capítulo começa com uma elipse temporal. Isaías já promovido a repórter, redige uma matéria no Ministério da Marinha. O narrador comenta os "mimos" que recebe e os pedidos para que se publicassem elogios de um ou outro homem importante. Esta mudança repentina de seu posto de trabalho foi proporcionada, segundo sugere o narrador, após ele ter surpreendido Loberant na casa de Rosalina. Antes Isaías era invisível para seu chefe, apenas mais um contínuo. Depois do episódio ele passa a enxergá-lo, isto é, se interessa pelo funcionário, quer saber quem ele é, a idade e assim por diante:

Tendo surpreendido na casa da Rosalina, em plena orgia, o terrível diretor, vexei-o. Nos primeiros dias, ele nada me falou; mas já me olhava mais, considerava-me, preocupava-o no seu pensamento. Breve me fez perguntas de boa amizade: donde era eu, que idade tinha, se era casado, etc. As respostas eram dadas conforme as perguntas; bem cedo, porém, graças à bondade com que me tratava, as ampliei até a confidência.⁵²

Esse interesse repentino de Loberant demonstra uma cordialidade que esconde seu intuito: silenciar Isaías. Ainda que houvesse conhecimento mais ou menos geral das idas de Loberant a prostíbulos, era necessário evitar desafeto com Isaías. A cena é simétrica ao encontro do herói com Castro, mas de efeito inverso. Nesse momento já dominando o funcionamento das redes de favor, o

⁵¹ Idem, p. 310.

⁵² Idem, pp. 314-315.

Isaías pode chantagear para conseguir o que quer, como o próprio jornal fazia com o governo e que o herói aprendera em seu tempo de contínuo.

Neste processo de fingir interesse pelo contínuo, o diretor resolve apadrinhá-lo. O chefe dá a Isaías tarefas de jornalista e aumenta seu ordenado; passa também a protegê-lo de outros colegas de trabalho, que se indispuseram com a promoção do herói: no quinto dia do novo trabalho, um colega toma as notas de Isaías e, ao devolvê-las, gritou: "Tome, *seu* moleque! Você saiu da cozinha de Loberant para fazer reportagem".⁵³ O herói conteve-se no momento da ofensa classista e racista, mas, na saída do trabalho, intercepta o homem que o insultara e o agride. Na delegacia Isaías ri de satisfação. Segundo ele "é preciso emprego da violência, do murro, do soco, para impedir que os maus e os covardes não nos esmaguem de todo".⁵⁴ Aqui há um cinismo, pois o herói, apoiado no poder de Loberant, se infla em uma coragem covarde: no conflito que antes teve com o delegado, sem a proteção de um padrinho, a vontade não bastara.

A cena é simétrica à primeira prisão de Isaías, porém, invertida, como já notado por Carlos Erivany Fantinati. Lá, ele ainda não poderia usar o sistema de favor. Só depois que ele tem um padrinho é que ele se permite ser corajoso. O narrador observa que até então ele havia sido "a doçura em pessoa, a bondade, a timidez" e não desejava mais isto para sua vida. Aqui o narrador configura a formulação que constituirá Isaías a partir de então: antes receoso, o episódio da agressão representa e concretiza sua vontade de utilizar os mesmos artifícios do sistema de favor e mercantil que a sociedade utilizava para oprimi-lo como forma de impor-se, expressa desde o Capítulo 1 em sua autoexortação sobre tornar-se doutor.

Caminha avalia *a posteriori* que "a natureza desgostosa e defeituosa de Loberant simpatizara com a minha fraqueza e a humildade dos meus começos". ⁵⁶ Esta frase evidencia cinismo: antes de qualquer simpatia mútua entre eles, há o fim de lucro pessoal. Aqui, o interesse de Loberant assume um caráter duplo: ao mesmo tempo que é necessário silenciar Isaías sobre o caso da orgia, a figura do rapaz serve de interesse à imagem do jornal – se o jornal alega combater as injustiças, promover um rapaz negro e pobre pode ser vantajoso e acaba por promover a própria imagem de Loberant. Seu "sentimento de reparação" não é, portanto, marca de solidariedade contra uma vida violentada. Ao sentir o rapaz "realmente educado e sofrivelmente instruído, o dr. Leborant como que sentia remorsos

⁵³ Idem, p. 316.

⁵⁴ Idem, p. 317.

⁵⁵ FANTINATI, Carlos Erivany. *O Profeta e o Escrivão: estudo sobre Lima Barreto*. São Paulo: ILHPA-HUCITEC, 1978. p. 94.

⁵⁶ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Op. cit., p. 317.

de não ter adivinhado isso e permitido que eu ficasse tanto tempo como contínuo de sua redação". ⁵⁷ Esta frase reforça o cinismo do narrador, que acoberta os interesses que estão em jogo. Ele mesmo lucra ao se vender a Loberant: sobe de cargo e de ordenado, além de ter, finalmente, um "graúdo" à sua disposição. Ao se tornar cínico como seu chefe, Isaías passa a dissimular suas próprias intenções no nível narrativo, numa tentativa de desviar o leitor de suas fraquezas, venalidade e covardia.

Isaías conviveu de forma próxima por mais de anos com seu chefe, bebendo e pandegando. Porém, em dado momento alega que "sentia bem o falso de minha posição, a minha exceção naquele mundo".58 Ao fim de sua estadia no Rio, estava "sombrio, calado e cheio de remorsos. Desesperava-me o mau emprego dos meus dias, a minha passividade, o abandono dos grandes ideais que alimentara". 59 Em ambas as passagens há um processo de autovitimização, pois ele já dispunha de uma posição social melhor do que aquela de seus primeiros dias na capital. Aqui há, também, um processo de antecipação de suas ações futuras, visando um cargo tal como Castro visara. Em parte isso se devia também ao fato de ter concluído sua formação pelas experiências de exclusão e vida mundana no Rio. Os sinais da conclusão da formação intelectual do herói aparecem, para além da perda de sentido de sua permanência na capital, também numa informação en passant: "Cinco capítulos da minha Clara estão na gaveta; o livro há de sair...". Escrever um romance e dar-lhe a certeza de publicação configuram uma espécie de diploma literário. A isto se junta a escrita do próprio Recordações, indicando que se tornou escritor. O presente romance, em que narra seu passado, não teria sido sua única obra. Cabe ressaltar que sua formação se deu às avessas: foi o aprendizado de um autodidata, não da educação, comum naquele momento. Ele se formou por seus esforços e meios próprios, daí ser capaz de escrever dois romances. Seu aprendizado no Rio de Janeiro, porém, ocorre em contraposição àquele adquirido por meios formais, como a igreja (representada no romance pelo pai de Isaías) e de acordo com o campo retórico e poético. Destarte o romance tematiza o conflito entre dois mundos: o mundo do beletrismo e da formação intelectual tradicional em desaparecimento e o mundo do jornalismo em ascensão.

O próprio Capítulo XIV, o último da obra, reflete a mudança de paradigma na formação de Isaías, devido à sua construção mais elaborada e cheia de elipses. As descrições do narrador sobre o estado emotivo de Isaías são espalhadas ao longo do capítulo e das cenas finais, que manifestam as conclusões do herói sobre sua trajetória até o momento. É o capítulo de caráter mais lírico da obra. A

⁵⁷ Idem, p. 321.

⁵⁸ Idem, p. 322.

⁵⁹ Idem, pp. 322-323.

viagem realizada por Isaías e Loberant à Paquetá pinta traços mais intimistas na narrativa que antes era ambientada durante a ação na cidade: há a dimensão do retorno ao interior e à vida na natureza, pois Isaías depara-se com uma casa idêntica à paterna que o faz se lembrar da miséria da mãe.

Isaías decide sair do Rio de Janeiro nesse dia, pedindo a Loberant que, a partir de sua influência, lhe arrume um cargo no interior, como um último favor. A decisão e o pedido estão separados por uma porção de parágrafos e estão com a ordem invertida: primeiro surge o pedido; em seguida, o narrador discorre sobre seus sentimentos; menciona o hábito do chefe de chamá-lo para passear, oferecendo-lhe dinheiro. O narrador informa então que "neste dia, como de hábito, [Loberant] perguntou-me se tinha dinheiro e deu-me depois duzentos mil-réis". ⁶⁰ A locução "nesse dia" é referente ao dia em que Isaías pede o favor de Loberant. Por fim, apenas parágrafos depois, pormenorizando a ida à Paquetá, apresenta-se o momento de reflexão do herói, que conclui o romance. Este procedimento de quebracabeça anticronológico dificulta ao leitor o entendimento de que Isaías passara por uma extensa autoanálise e de que a decisão de sua partida era antes premeditada do que passional e circunstancial.

Antes de se reencontrar com Loberant após o passeio de Paquetá, o narrador comenta: "Vinha triste e com a inteligência funcionando para todos os lados. Sentia-me sempre desgostoso por não ter tirado de mim nada de grande, de forte e ter consentido em ser um vulgar assecla e apaniguado de um outro qualquer. Tinha outros desgostos, mas esse era o principal. Por que o tinha sido? Um pouco devido aos outros e um pouco devido a mim". Deve-se recobrar aqui a atitude dissimulada do narrador no tocante à sua relação com Loberant: nesta passagem há uma autovitimização. Sua situação já não era a de um "qualquer", o herói já dispunha do arsenal intelectual e político que lhe faltava ao início da ação do romance. Este trecho reforça a dissimulação que acontece parágrafos antes (mas, cronologicamente anterior), no qual faz o pedido a Loberant, desejando ir para o interior para constituir uma família. É neste ponto do romance, também, que o herói chega à consciência plena da situação que ele ironiza capítulos atrás, quando demarca sua posição como simultaneamente devida à crueldade da sociedade, mas também da aceitação de sua posição: ainda que tivesse sido vítima do sistema opressor, tornou-se, em parte, conivente com ele. Agora consciente e também disposto a usar os mecanismos da sociedade em seu próprio proveito, ele anuncia ao seu chefe seu desejo de partir:

— Mas por que, Isaías? Quais são teus desgostos? O que te falta? Eu nada quis dizer. Percebia muito bem que ele não compreendia as ânsias do meu temperamento nem as angústias da minha inteligência.

[—] Quero casar-me, ter sossego para criar e educar os filhos.

⁶⁰ Idem, p. 323.

⁶¹ Idem, p. 328.

Não consegui realizar tudo isto. Casei-me, é verdade; mas o único filho que tive, acaba de morrer em tenra idade. O doutor, depois da minha resposta, objetou:

— Mas não precisas, para isso, sair do Rio... Com esta idade, ires para o mato é tolice! E tive muito que insistir para resolvê-lo a intervir junto ao ministro; e no dia da partida, depois de ter ele próprio prestado a fiança necessária, senti que ficava com saudades minhas.⁶²

Ele deseja um posto mais seguro e vitalício, tal como o Floc.. Há um jogo de aparências entre as personagens: ambas são cínicas nesta passagem. Isaías faz-se de coitadinho para que o chefe fale com o ministro, para que este arrume um emprego de funcionário público para o herói. Loberant, por sua vez, ia se livrar definitivamente das despesas com Isaías, transferindo-as para o Estado. Com o fim da ação do romance e, retomando a "Breve Notícia", percebe-se, além do cargo público, que outra intenção é lançar-se deputado federal.

O herói acabaria por seguir um destino similar ao do deputado Castro Pedreira: um rapaz pobre do interior do Rio de Janeiro é ajeitado por favor e, por fim, garante sua vida e ingressa na política. Este movimento cíclico da presença do favor no romance denuncia o quanto as formas de domínio herdadas da escravidão mantiveram-se enrijecidas na República, apesar da camada superficial de um novo regime, dito democrático. No romance, esse regime, de fato, não é para todos, e aos desvalidos resta o abandono do Estado e a falta de garantias.

3. O processo de alienação de Isaías Caminha: narração consciente *a posteriori* e a percepção da alienação na "Breve notícia"

Como demonstrado no capítulo anterior, a resolução dos problemas narrativos impostos ao herói está atrelada à sua bem-sucedida chantagem de Isaías sobre seu chefe. O que é mais interessante neste processo é a flutuação de sua consciência. Ao fim da narrativa, sua ação é voltada para si, buscando benefícios individuais, da mesma forma que Castro.

Ao longo de *Recordações de Isaías Caminha*, torna-se interessante observar a flutuação da consciência social e racial de Isaías. Antes de sua incursão no jornalismo, ele demonstrava uma percepção diversa sobre como deveria agir o indivíduo. Como apresentado anteriormente, vendo-se em uma situação de fragilidade, passando necessidades, observando a imobilização dos pobres perante os políticos, em meio à indignação, brotam-lhe questionamentos sobre como os representantes da sociedade deveriam agir e sobre a necessidade de os cidadãos intervirem, certificando-se de que os políticos ajam de forma republicana. Assim, em meio à percepção de que há injustiças sociais e de que elas o afetam, Isaías tem um primeiro impulso de organização política coletiva. Este primeiro impulso, contudo, arrefece-se ao longo da narrativa, levantando à questão sobre como este processo de recrudescimento do direcionamento da prática política do herói é conduzida no interior de sua consciência.

Torna-se oportuno revisitar os eventos na Câmara dos Deputados e a descoberta da partida de Castro. Isaías, ao assistir uma sessão pública neste local, frustra-se ao se dar conta de que os deputadas entre os deputados giravam em torno de assuntos fúteis que a ninguém interessava. Alfredo Bosi aponta que, ainda que o observador fosse realista, o que ele via parecia apartado da realidade.¹

Para compreender melhor o arrefecimento do impulso de ação política do herói, o ponto de partida é apontar que, enquanto personagem complexa, a construção de Isaías não é delimitada de forma monotípica: ainda que lhe tenha surgido um pensamento sobre o engajamento nos episódios da Câmara dos Deputados e do bonde em que ele se dá conta de que fora ludibriado por Castro, ele também apresentava índices de desdém por pessoas de mesma classe e raça, como visto antes. Assim, conclui-se que, até certo ponto da narrativa, Isaías possuía pensamentos conflitantes.

É possível afirmar que o ponto de virada para a formação do herói e suas ações no desfecho do romance parece residir na cooptação dele pelo *modus operandi* do jornalismo. A imprensa ficcionalizada em *Recordações*, atravessa transversalmente a narrativa e surge, mesmo antes da

BOSI, Alfredo. *Figuras do eu em Isaías Caminha*. Em: Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p 194.

inserção do herói nesse meio, por meio dos jornalistas com os quais Isaías teve contato, como Ivan Gregorovitch. Um dos traços mais ressaltados ficcionalmente do ambiente jornalístico é a mercantilização da notícia. O jogo de poderes na redação, constituído ao longo da narrativa, focaliza os interesses da classe dominante, caracterizadas por personagens poderosas e de prestígio social como Ricardo Loberant e Veiga Filho, bem como os interesses individuais de personagens que desejam ascensão social e aumento do poder de influência, representado em personagens como Floc. Como as ações finais de Isaías, achacando Loberant e partindo em busca de um emprego vitalício graças a influências, são similares às das personagens jornalistas, que chantagearam o governo, essas analogias indicam que sua estadia n'*O Globo* serviu como processo formativo, negativo e às avessas, na consolidação de sua (in)consciência social. Como ele foi bem-sucedido, Isaías se deixou vencer pela a ideologia da classe dominante.

É necessário aferir a validade da afirmação de que houve a apreensão de Isaías da ideologia dominante através de seu contato com a imprensa, em detrimento da possibilidade de uma ação direcionada para o engajamento político ao lado de seus potenciais aliados. Propõem-se, assim, uma investigação sobre o processo de alienação da consciência de Isaías Caminha, mediada pela relação do herói com a imprensa.

Por "consciência" entende-se aqui o modo como as pessoas de uma classe pensam e agem caso tenham uma apreensão da *totalidade* da realidade.² "Alienação", por sua vez, diz respeito ao conceito desenvolvimento por Karl Marx, primeiramente em seus *Manuscritos Econômico-filosóficos* e posteriormente abordado por outros autores, como István Mészáros. Este aponta que a alienação é caracterizada pela transformação de tudo em mercadoria; conversão dos humanos em "coisas" (*Verdinglinchung*, a *reificação*) e a fragmentação do organismo social em "indivíduos isolados" que buscam seus próprios objetivos particulares.³

Neste sentido, algumas observações de Alfredo Bosi se ajustam a esta proposição: o crítico aponta, por exemplo, que, em meio ao *nonsense* da Câmara e o desconhecimento de sua função e natureza pelos populares, o *eu* crítico começa a tomar forma, porém, sofreria altos e baixos conforme sua vida se embricasse com o dia a dia de seu trabalho enquanto contínuo. Nesse momento, a perplexidade do protagonista denuncia uma consciência dividida entre conformismo e resistência. A

² Cf. LUKÁCS, György. História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Para uma recapitulação mais detida sobre as ideias de Lukács acerca de consciência, cf. PEDRON, Lucas Lipkon. Razão e reificação em Lukács: estudo sobre a consciência reificada. Dissertação: Mestrado em filosofia. Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

³ MÉSZÁROS, István. A teoria da alienação em Marx. trad. Nélio Schneider. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 40

formação de tal consciência é, para Bosi, um motivo condutor da experiência de Isaías n'*O Globo* – que lhe será uma "escola de desengano", além de emprego. 4 O crítico, em seguida, afirma:

[Isaías] passa por um processo bivalente de modelagem pelo meio e resistência ao meio, do qual emerge o ponto de vista complexo das *Recordações*. Para avaliar a força plasmadora da imprensa na biografia de Isaías, é preciso qualificar as suas reações a um contexto que é todo feito de assimetrias. São respostas ambivalentes: ao lado de flechadas contra o cinismo ou a hipocrisia reinante, o protagonista confessa que a sua alma se foi deixando penetrar por aquelas mesmas tendências dissolventes que, em momentos de brio, ele conseguira repelir.

E há o outro lado da sua educação pelo jornal: aquele degrau, baixo embora, que ele conseguira subir na hierarquia da empresa, basta para satisfazer às suas carências imediatas além de enfuná-lo com uma hora de vaidade quando é visto como "o jornalista", e até "o doutor", no meio suburbano que ele ainda frequenta por injunções econômicas. Essa cooptação do "mulatinho" pelo *Globo*, onde se acotovelam os subidos na vida, não é menos efetiva do que a sua lucidez intermitente, e forma com esta um par desafinado mas nem por isso menos representativo do nosso drama social.⁵

Assim, as assimetrias e posturas contraditórias tornam a narrativa disruptiva. As oscilações da posição do herói entre aderir e se indignar criam um campo minado para o leitor. A profunda contradição de Isaías atravessa e transcende esquemas ideológicos rígidos. A fragilidade de seu engajamento político surge em parte pela sua posição desenraizada na cidade e de seu trabalho enquanto contínuo, o que o leva a conhecer apenas "diletantes de ideias antiburguesas". O contato com palavras vazias de seus colegas de redação e dos intelectuais com quem convive, assim como a falta de exemplos de ação organizada, traz uma "desconfiança paralisante" em relação às doutrinas políticas, que aparentam sempre mediadas ou mesmo deformadas pelo discurso dos ditos intelectuais. Disto decorre a não adesão firme e coerente a quaisquer teorias. A partir disto, Bosi aponta que como a característica do jornalismo figurado na obra trata os discursos apenas em sua superfície, ele impede que o herói consiga construir uma dimensão "verdadeiramente política do eu". Assim, Isaías não logra se enraizar em nenhum grupo social ou político específico e oscila intermitentemente entre uma postura crítica e uma cooptação pelo status quo. 6 A fim de estudar a complexidade dos túneis deste formigueiro que constitui o material denso das Recordações, seguir-se-á mapas similares aos apontados por Bosi, como a complexidade da personagem, suas contradições e oscilações entre crítica e aceitação da ideologia dominante no jornal.

⁴ BOSI, Alfredo. Figuras do eu em Isaías Caminha. Em: Literatura e resistência. Op. cit., p 195.

⁵ Idem, p. 200.

⁶ Idem, pp. 202-203.

Pensando na materialidade das relações sociais representadas na obra, no contexto histórico brasileiro, marcado pela herança colonial, raça e classe estão intimamente ligadas como resultado da invasão portuguesa, e uma condição prende-se à outra. Logo, uma consciência de classe neste contexto está, também, ligada às relações raciais e sociais materialmente estabelecidas. Isaías Caminha, sendo um sujeito pobre e negro, sua raça e classe delimitam sua potencial consciência de classe.

Ainda que se faça tal procedimento, o romance exige alguns cuidados na análise da consciência do herói: apontou-se que este passou por um arrefecimento de sua vontade de engajamento em possíveis lutas sociais, como na Revolta dos Sapatos. Porém, o desenvolvimento de seus pensamentos e ações perante o racismo que ele sofre ao longo da narrativa demonstram um aumento de sua consciência neste aspecto específico: ele passa do desconhecimento sobre esta opressão para sua percepção e um combate direto, através da violência física, na cena em que Isaías agride o colega de trabalho, após ter sido promovido. Desta forma, avalia-se que a consciência do herói guia-se por dois vetores diferentes, de raça e de classe, formando uma unidade complexa. Considere-se, então, para fins investigativos, olhá-las de forma separada a fim de compreender melhor o desenvolvimento da consciência de Isaías estabelecido na narrativa.

Como o ato de narrar a história de Isaías Caminha é posterior à ação sofrida, o narrador apresenta diferenças temporais em sua percepção sobre os acontecimentos narrados. Ele os narra quer considerando a sua percepção logo após ele ter sofrido as suas experiências, emocionalmente envolvido; quer considerando a sua avaliação distanciada dos eventos, já na maturidade, quando estabelecido financeiramente e já tendo refletido sobre seu passado. Assim, o narrador focaliza sua perspectiva através de dois ângulos temporais distintos: no do jovem Isaías, localizada no passado imediato da ação do romance; e do Isaías adulto, localizado após a reflexão acerca dos eventos. Bosi aponta que conforme o narrador analisa o passado, ele pontua em cada situação as alterações de sua autoimagem — ora se deslocando para uma integração precária, ora retrocedendo ao isolamento suburbano.⁷

Quando o narrador descreve e analisa seus eventos subjetivos, apontando algum processo de mudança em sua consciência, demonstra-se mais uma visão *a posteriori* do evento ocorrido do que a perspectiva do eu jovem no momento da ação. Portanto, quando a narração oferece indícios contundentes do processo de alienação, estes provêm do Isaías mais velho, que já retomou sua consciência acerca do sofrido – o que possibilita a própria obra: caso estivesse alienado, não poderia

⁷ Idem, pp. 191-192.

descrever o processo que o levou a tal alienação de forma direta e consciente. Isto é evidenciado já na "Breve notícia", texto que serve de prólogo ao romance. Nesta abertura, Lima Barreto apresenta-se como editor da obra e tece uma apresentação ao texto. Isaías Caminha, autor das *Recordações*, era seu amigo que, naquele momento, trabalhava como escrivão da Coletoria Federal de Caxambi, Estado de Espírito Santo. Sob o pretexto de uma segunda edição do livro, Lima Barreto decide reestabelecer o prefácio original do próprio Caminha, suprimido anteriormente, "pois não havia motivo para supressão de tanta cousa interessante que muito concorre para a boa compreensão do livro".⁸

Na transcrição do prefácio, Isaías narra as motivações que o levaram a redigir as *Recordações*: cerca de dois anos antes da redação desse texto, ele encontrou numa revista nacional "considerações desfavoráveis" acerca da inteligência de pessoas de nascimento similar ao dele, redigidas por um dos colaboradores da revista. Num primeiro momento desejando escrever verrinas contra o autor de tais palavras, o narrador decide que isto não adiantaria. "O melhor, pensei, seria opor argumentos a argumentos, pois se uns não destruíssem os outros, ficariam ambos face a face, à mão de adeptos de um e de outro partido".⁹

Essa reflexão, uma vontade de ter seu direito de resposta para expor uma visão contrária à apresentada, serviu de estopim para o romance: "vieram-me recordações de minha vida, de toda ela, do meu nascimento, infância, puerícia e mocidade". Vendo seus primeiros anos como promissores, em comparação com seu "triste e bastardo fim de escrivão de coletoria de uma localidade esquecida", Isaías deu, por instantes, razão ao autor do escrito na revista. Isto o impele a um estado reflexivo:

Cheio de melancolia, daquela melancolia nativa que me assombra nas horas de alegria e mais me deprime nas de desalento, acendi nervosamente um cigarro, fui à janela, olhei um momento o rio a correr e me pus a analisar detidamente os fatos de meu passado, que me acabavam de passar pelos olhos.

Verifiquei que, até o curso secundário, as minhas manifestações, quaisquer, de inteligência e trabalho, de desejos e ambições, tinham sido recebidas, senão com aplauso ou aprovação, ao menos como cousa justa e do meu direito; e que daí por diante, dês que me dispus a tomar na vida o lugar que parecia ser de meu dever ocupar, *não sei que* hostilidade encontrei, *não sei que* estúpida má vontade me veio ao encontro, que me fui abatendo, decaindo de mim mesmo, sentindo fugir-me toda aquela soma de ideias e crenças que me alentaram na minha adolescência e puerícia. ¹¹

Com estes dois parágrafos, o narrador explicita seu processo parcial de reconhecimento daquilo pelo que passou, espantando-se com o afastamento gradual da colocação social que entendia ser justa.

⁸ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). *Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Op. cit., p. 126.

⁹ Idem, p. 127.

¹⁰ Id. Ibidem.

¹¹ Idem, p. 128. Os grifos são meus.

Prosseguindo a descrição de sua reflexão no prefácio ao romance, Isaías afirma que acreditou estar "fora de minha sociedade, fora do agrupamento a que tacitamente eu concedia alguma cousa e que em troca me dava também alguma cousa". O narrador percebeu-se às margens da integração social, tal como havia em seu ambiente familiar: ao sair dele, era como se não estivesse mais ligado a nenhum agrupamento. Compreendeu que passara por uma alienação em relação ao gênero humano: a certo momento, ele não mais se via ligado às outras pessoas, como se não pertencesse à humanidade. Tratase do lugar relegado ao homem pobre livre na ordem escravista. Prosseguindo, o narrador passa por uma mudança de consciência:

Não sei bem o que cri; mas achei tão cerrado o cipoal, tão intricada a trama contra a qual me fui debater, que a representação da minha personalidade na minha consciência se fez outra, ou antes, esfacelou-se a que tinha construído. Fiquei como um grande paquete moderno cujos tubos da caldeira se houvessem rompido e deixado fugir o vapor que movia suas máquinas. E foram tantos os casos dos quais essa minha conclusão ressaltava, que resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem perífrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na nossa carne e nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão belos começos.¹³

O espanto e o ódio originados pelo encontro casual com um texto racista e elitista engendraram um movimento no interior de Isaías: ele sai de aparente estagnação e de sua integridade subjetiva para uma perturbação e melancolia diante do desnível entre seus primeiros sonhos e a irrealização de sua formação educacional. As razões de seus sonhos não terem se sucedido da forma esperada não eram pela "natureza" de sua raça ou de sua classe, como afirmava tal artigo, mas sim, como o romance desenvolve, resultado da estrutura socioeconômica, que produz desigualdade e exclusão de sujeitos pobres e racializados.

O desejo de ter seu direito de resposta ao autor do artigo "científico" o moverá além: seu produto final serão as *Recordações*. Sua intenção de redigir o romance não seria, segundo o próprio narrador, fazer uma obra de arte, ainda que Taine dissesse que a obra de arte "tem por fim dizer aquilo que os simples fatos não dizem". Na prática, ele acaba por compor um romance acabado, ainda que a falsa modéstia do narrador mais de uma vez o negue e peça desculpas por sua "falta de estilo e capacidade literária". Aqui há algo de interessante: Isaías cria um romance completo que, inclusive, conta com uma introdução. A aparente desproporção entre a extensão do romance e o artigo em embate mostra uma ferrenha vontade de tentar provar que há mais argumentos que apontam para a opressão estrutural, mas nenhum para a suposta incapacidade imanente dos pobres e negros. Some-se a isso que

¹² Id. ibidem.

¹³ Idem, pp. 128-129. Os grifos são meus.

o romance não serve de resposta apenas ao texto da revista, mas também se dirige ao leitor preconceituoso que compartilha da mesma opinião, bem como aos intelectuais positivistas que promoviam tais ideias. O narrador ainda reafirma não se tratar de uma "obra de ódio". Para ele, evitar esse afeto poderia demonstrar que, ao redigir o seu romance, ele já sofreu um processo de reflexão que o afastou desse sentimento, sendo que seu romance não resultou somente de uma exteriorização de emoções: "Não é meu propósito também fazer uma obra de ódio; de revolta enfim; mas uma defesa a acusações deduzidas superficialmente de aparências cuja essência explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não no indivíduo desprovido de tudo, de família, de afetos, de simpatias, de fortuna, isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insídia do veneno". ¹⁴ Evitando que o ódio contamine sua redação e se pondo a refletir sobre os acontecimentos passados com distanciamento crítico, Caminha coloca-se no caminho de superação da alienação; de demonstrar os mecanismos sociais por trás do fracasso do indivíduo desprovido de tudo. Eliminando o impulso do ódio, ele pode ter um processo de compreensão mais profundo acerca do que dificultou sua formação.

A partir do prefácio, o narrador, tendo apontado para a construção do romance como uma resposta ao racismo, já orienta a leitura do romance, voltada uma busca analítica de retomada de sua consciência sobre os desatinos do país e sobre sua participação neles. Concluindo a "Breve notícia", Lima Barreto ressurge como narrador e reforça que esta introdução de seu amigo Isaías contém a interpretação da obra ao explicitar que "o prefácio, penso eu, consolida a obra e a explica, como os leitores irão ver". Por fim traz à tona que, depois que se passaram dez anos desde a composição de *Recordações*, Isaías já perdeu muito de sua amargura, mudou de vida e já não se incomodava tanto com seu livro, quando anunciou suas intenções de ser representante do Espírito Santo na Assembleia Estadual para concorrer a deputado federal, na próxima legislatura.

Enfim, Lima Barreto direciona uma pergunta ao leitor: "Deus escreve direito por linhas tortas, dizem. Será mesmo isso ou será de lamentar que a felicidade vulgar tenha afogado um espírito tão singular? Quem sabe lá?". ¹⁶ Nesta passagem, há um movimento de buscar a cumplicidade do leitor para justificar o fato de Isaías ter se deixado corromper e cooptar pela engrenagem de dominação. Caminha, ao contentar-se com uma carreira distante da originalmente pretendida, opta pela "felicidade vulgar" que os privilégios desta carreira proporcionam. Vulgar aqui parece remeter a algo prático e imediato.

¹⁴ Idem p. 129.

¹⁵ Id. Ibidem.

¹⁶ Idem, p. 130.

Desta forma, há certa autovitimização cínica e dissimulada que lembra a autocomplacência de Brás Cubas, formando mais um diálogo com a obra machadiana.

Para Coutinho, o contato com diversas personagens educa Isaías, para o bem e para mal, a ver o mundo sem ilusões. Esta obra lima-barretiana teria lançado as bases de um importante romance de educação brasileiro. Pensando acerca do romance de formação 8, pela leitura de *Recordações* percebese que Lima Barreto se apodera dele numa espécie de inversão, operada pela alienação e pela dificuldade de o indivíduo pobre e negro atingir seus sonhos. Educar-se para as práticas sociais neste contexto traduz-se mais como um processo de desilusão do que de formação. A formação desiludida que deforma os princípios éticos e os valores morais iniciais do herói torna *Recordações*, neste aspecto, uma espécie de "romance de antiformação".

Antonio Arnoni Prado propõe que o inconformismo inicial de Isaías deságua numa crítica solitária que se dilui numa adaptação à realidade que ele mesmo critica. Discordo, porém, do argumento de Prado de que Isaías teria chegado, ao fim do Capítulo XIV, a um desengano narrado em forma de confissão de seu fracasso. O herói não é malsucedido: ele aprende a operar as estruturas sociais e as utiliza para adquirir uma posição de prestígio, como se percebe ao fim de "Breve notícia". O mesmo se sucede com a crítica de Fantinati, que além de concordar com a tese de insucesso do herói, afirma que há um processo de reconhecimento no capítulo final que leva Isaías a querer sair do Rio de Janeiro, como uma "fuga nostálgica no tempo e espaço primitivo-inicial". Também Fantinati aponta para uma reificação e a ciência do escritor sobre ela:

Consciente de sua reificação e incontinência instintiva o escritor teme que ela possa conduzir o mundo à catástrofe, caso ele falhe em sua missão de aliado clarividente. Movida pelo erro e pela cegueira, a burguesia instaura a luta entre os parceiros sociais, vendo-os não como seres associados, que se ajudam mutuamente, mas sim como competidores e adversários e como tais passíveis de eliminação mútua. Como vítimas dessa violenta competição surgem, em primeiro lugar, os negros, considerados racial e socialmente inferiores. Mas não é só o destino da raça negra que está em causa e sim o destino de todos os seres humanos, uma vez que a natural progressão da violência pode conduzir a própria destruição do gênero humano.

[...] para que a proto e a deuto-sociedade reconheçam o processo sacrificial [de Isaías, em busca de redimir-se por ter adotado um pacto com o meio urbano e as elites], é necessário que a deuto-sociedade reconheça também que sofreu uma "queda" aos olhos da consciência moral que o escritor encarna e cujas regras enuncia. Consciente da "queda" deve ela realizar uma degradação meritória – sacrifício – par (sic) alcançar um melhoramento merecido, isto é, a

¹⁷ COUTINHO, Carlos Nelson. O significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira. Em: Op. cit., p. 27.

¹⁸ Cf. BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *O romance de educação na história do realismo*. In: Estética da criação verbal. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. pp. 221-276.

¹⁹ PRADO, Antonio Arnoni. Lima Barreto: o crítico e a crise. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1976. pp. 105-106.

²⁰ Idem, pp. 106-107.

²¹ FANTINATI, Carlos Erivany. O Profeta e o Escrivão: estudo sobre Lima Barreto. Op. cit., pp. 104-107, passim.

reabilitação como culpada aos olhos do proto-pacto [da sociedade conforme era antes da instalação da ordem burguesa].²²

Assim, para Fantini, Isaías sofre um processo de queda moral da consciência. Quando ele se deixa corromper, ele perde a sua consciência e se aliena. Mas falando posteriormente ele também toma consciência de sua queda moral. Complemento esta análise propondo que a consciência da "queda moral" do herói não é acompanhado de um processo de redenção individual ou coletiva. O que se vê em *Recordações* é uma visão pessimista sobre o entrave social que lima a vida dos pobres e negros, porém, sem propor uma solução para esta questão. Formulam-se e destrincham-se as questões sobre as contradições do país, mas não há a intenção de ser propositivo. A impostura de um vitimismo, mediado pela desilusão e pela frustração de trocar seus primeiros anseios por um lugar de compactuação com as estruturas de dominação que o fizeram sofrer, bem como seus recursos irônicos, não trazem proposições de ruptura com as estruturas de dominação: logo, a iluminação de Isaías é apenas individual e não compartilhada com seus pares.

Ainda que Lima Barreto preconize a tarefa do escritor como um "sacerdócio" 123, Isaías busca, na realidade, não ser um mártir, mas justificar sua adesão ao sistema em detrimento da luta contra ele. Sua visão pessimista em relação às instituições propõe que, em seu momento histórico, não há chances de reconfiguração devido à inação coletiva e às violentas formas de dominação. Tendo consciência das estruturas, ele pesou os prós e contras de cada decisão possível e optou pela que lhe desse uma vida mais confortável. Conclui-se, desta forma, que, sendo barrado da possibilidade de poder estudar e, acachapado pelo ambiente de trabalho, que mina todas suas forças e vontades, o Isaías maduro opta por um conformismo consciente, longe de quaisquer idealismos. O herói, agora experienciado, orbita uma zona cinzenta entre a perpetuação do sistema e sua aceitação crítica.

²² Idem, pp. 123-124.

²³ Cf. BARRETO, Lima. *O destino da literatura*. Em: Impressões de leitura e outros textos críticos. Org. Beatriz Resende. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017. pp. 265-282.

4. O jornalismo de Recordações do escrivão Isaías Caminha

4.1. Perspectivas iniciais: o viajante faminto se depara com a colmeia

Para Nelson Werneck Sodré, a história da imprensa é, também, a história do desenvolvimento capitalista, na qual o controle dos meios de difusão de ideias e de informações é uma luta em que surgem diferentes organizações e agentes de diversas situações sociais, culturais e política, com seus interesses e aspirações próprios. Neste sentido, ao se investigar a representação do jornalismo em *Recordações*, deve-se pensar, também, na representação das relações de uma sociedade capitalista e de seus processos de disputa. Assim, ao se investigar o romance, é importante considerar como se dão as relações entre o jornalismo e a sociedade representada na obra: isto implica observar as estruturas do jornal e a interação de seus funcionários e patrão, buscando as tensões e conflitos da sociedade desigual que eles habitam.

Ao fim do Capítulo VII, Isaías percebe em Ivan Gregorovitch um gesto implícito que indicava que lhe ajeitaria um emprego. Na visita, "à noitinha", à redação d'*O Globo*, no Capítulo VIII, o narrador apresenta a redação como um local de proporções diminutas, beirando o claustrofóbico:

Era uma sala pequena, mais comprida que larga, com duas filas paralelas de minúsculas mesas, em que se sentavam os redatores e repórteres, escrevendo em mangas de camisa. Pairava no ar um forte cheiro de tabaco; os bicos de gás queimavam baixo e eram muitos.

O espaço era diminuto, acanhado, e bastava que um redator arrastasse um pouco a cadeira para esbarrar na mesa de trás, do vizinho. Um tabique separava o gabinete do Diretor, onde trabalhavam o secretário e o redator-chefe; era também de superfície diminuta, mas duas janelas para a rua davam-lhe ar, desafogavam-no muito.²

A descrição comporta um reforço contínuo do aperto vivido pelos trabalhadores deste jornal: o espaço é insuficiente, e a própria mobilidade corporal fica comprometida. O único dado positivo sobre o local são as janelas que aliviam a sensação de claustrofobia. Esta é acentuada também pelo cheiro forte de tabaco e das lâmpadas de gás – sendo muitas, certamente há o aroma residual da queima. Além, disso, o fato de o gabinete do diretor ser separado apenas por um tabique torna a sua presença constante e praticamente indissociável do local de trabalho. Este dado potencializa a presença opressora do diretor e amplia as formas de sufocamento presentes no local. O uso do termo "acanhado" na descrição da redação é importante, pois além de trazer consigo a ideia literal de um espaço estreito, ainda possui o sentido figurado de causar acanhamento, de pouca abertura de espírito (falta de grandeza

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 1.

² BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Op. cit., p. 219.

e generosidade). Este termo contribui duplamente para a figuração do jornal, ao constituir um índice de um local de trabalho fisicamente e psicologicamente fechado.

Posteriormente, a ideia de um local de trabalho "acanhado" é recuperada pelo narrador, à qual liga, ainda por cima, a ideia de um enxame operariado: "Aquela casa, como todas do seu feitio, em que se fabricam novidades para o público, era uma colmeia de gênios. Colmeia é bem o termo porque era pequena e acanhada". Trata-se de uma metáfora que reforça as relações de poder: a Loberant cabe o lugar de *abelha-rainha* e, para os trabalhadores, metaforicamente, o posto de *abelhas-operárias*, sujeitos à exploração. A palavra "colmeia" se alinha nesse sentido à polissemia de "acanhado".

Nessa passagem o narrador menciona que diferentes departamentos do jornal, como o de revisão e o de composição, ficavam misturados e que os redatores escreviam "uns em cima dos outros", em péssimas condições sanitárias: "Pela sala em que esses dois departamentos [revisão e composição] funcionavam, flutuava um forte odor de urina, desprendido de um mictório, que existia entre duas caixas da tipografia. No dia que notei isso, não fazia oito que um artigo furioso atacava o governo pelas más condições higiênicas do Hospício Nacional de Alienados". 4 O trecho reforça a insalubridade do local de trabalho e apresenta um dos indícios da disparidade entre o que o jornal cobra de outras instituições e o que o ele pratica (como no caso mencionado no capítulo anterior, no qual o jornal incita a população a se revoltar, mas depois vende as notícias ao governo e passa a acalmar o ânimo da população).

Logo após a descrição deste espaço, o narrador contrasta a pequenez da redação com sua grande influência na opinião pública: "Estava na redação do 'O Globo', jornal de grande circulação, diário e matutino, recentemente fundado e já dispondo de grande prestígio sobre a opinião". Essas caracterizações antitéticas (pequeno versus poder de influência) é simétrica à mediocridade intelectual de seus jornalistas com o poder de ação política do jornal. A análise de Figueiredo também aponta isto ao afirmar que os integrantes do jornal, figurados com tintas de caricatura, possuem uma disparidade entre sua persona pública e aquilo que realmente são.⁶

O herói, chegando à redação, pergunta a um repórter de menor escalão, de nome Oliveira, sobre o paradeiro do russo com o qual Isaías travara conversa no Capítulo III, durante seus primeiros dias no Rio de Janeiro. Nesse momento anterior, Oliveira foi pintado como sujeito genioso e tendente a afetar

³ Idem, p. 241.

⁴ Idem, p. 242

⁵ Idem, p. 219.

⁶ FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Trincheiras de Sonho: ficção e realidade em Lima Barreto*. Op. cit., p. 174.

posição de superioridade, qualificado como "bobo". Na primeira visita de Isaías ao jornal, Oliveira trata o herói com descaso: "O *eminente* repórter levantou um pouco o olhar de cima do *importante* escrito (relação dos decretos assinados no último despacho) e, ao dar com a minha fisionomia conhecida e *humilde*, abaixou-o logo e, entre os dentes, transcendentalmente *superior*, respondeu: 'ainda não veio". Há um contraste gerado pela seleção de adjetivos que qualificam Oliveira como "eminente", e "superior", com o aspecto "humilde", atribuído ao Caminha. Porém, o efeito é irônico, ao unir, na mesma imagem, o substantivo de natureza baixa, *dentes*, que aponta para a sua condição de fera, e o advérbio *transcendentalmente*: o narrador rebaixa a suposta superioridade de Oliveira em um traço orgânico, algo bestial, que se demonstra agressivo em uma espécie de alerta para que o herói deixe o repórter em paz.

A postura de Oliveira de tentar rebaixar Isaías pelo olhar acaba por rebaixar a si mesmo. O desdém do jornalista é smais um exemplo da deslegitimação da incapacidade intelectual de outrem pelo narrador, explorada anteriormente. A antipatia e a arrogância de Oliveira revelam mais de seus preconceitos. Além de reforçar as barreiras sociais já anteriormente impostas a Isaías, a postura do repórter aponta para uma reprodução da hierarquia social e transferência do domínio que o patrão exercia nos empregados, e destes para os mais humildes.

A certo momento, surge o Laje da Silva, que se dirige a Oliveira. No decorrer do diálogo, o diretor do jornal, Ricardo Loberant, irrompe na sala, e os repórteres se calam. É dessa forma que esse personagem é introduzido no romance, numa representação do silêncio respeitoso e submisso desde o primeiro momento. O gesto de os empregados se calarem apenas com sua entrada reforça a figura do chefe como cerceadora de liberdade e lembrete da imposição de produtividade.

Segundo Isabel Lustosa, esta personagem remeteria a Edmundo Bittencourt, o polêmico proprietário de jornal do começo do século XX, formado em advocacia e amigo de Rui Barbosa, que o empregou no jornal *A Imprensa*. Loberant é descrito como um homem muito alto e magro, anguloso, de cabelos de um louro "sujo", puxado para o castanho. Possuía um "olhar erradio, cheio de desconfiança". O narrador relata pormenorizadamente sua história prévia até tornar-se dono de *O Globo* e, em seguida, o início da circulação do jornal *O Globo*:

⁷ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). *Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Op. cit., p. 219. Os grifos são meus.

⁸ BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*; introdução de Alfredo Bosi; prefácio de Francisco de Assis Barbosa; notas de Isabel Lustosa. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010. p. 170, nota de rodapé. (Doravante me referirei às notas de Lustosa como "nota de rodapé da p. X da Edição da Companhia das Letras de *Recordações*")

Os curiosos compraram-no e com indiferença leram ao alto o nome do diretor: Ricardo Loberant. Quem é? Ninguém sabia. Mas o jornal atraía, tinha um desempenho de linguagem, um grande atrevimento, uma crítica corajosa às cousas governamentais, que, não se sabendo justa, era acerba e parecia severa. Este gostou, aquele apreciou, e dentro de oito dias ele tinha criado na multidão focos de contágio para o prestígio de sua folha. Vieram as informações a seu respeito. Algumas pessoas do foro informaram que o doutor Ricardo Loberant era um advogado violento, atrevido, que tinha por hábito discutir pelos apedidos do "Jornal do Commercio", com mais azedume que lógica, as causas intrincadas que lhe eram confiadas. E o jornal pegou. Trazia novidade: além de desabrimento de linguagem e um franco ataque aos dominantes, uma afetação de absoluta austeridade e independência, uma colaboração dos nomes amados do público, lembrando por este aspecto os jornais antigos que a nossa geração não conhecera. O Rio de Janeiro tinha então poucos jornais, quatro ou cinco, de modo que era fácil ao governo e aos poderosos comprar-lhes a opinião favorável. Subvencionados, a crítica em suas mãos ficava insuficiente e cobarde. Limitavam-se aos atos dos pequenos e fracos subalternos da administração; o aparecimento d' "O Globo" levantou a crítica, ergueu-a aos graúdos, ao Presidente, aos ministros, aos capitalistas, aos juízes, e nunca os houve tão cínicos e tão ladrões. Foi um sucesso; os amigos do Governo ficaram em começo estuporados, tontos, sem saber como agir. Respondiam frouxamente e houve quem quisesse armar o braço do sicário. A opinião salvou-o, e a cidade, agitada pela palavra do jornal, fez arruaças, pequenos motins e obrigou o governo a demitir esta e aquela autoridade. E "O Globo" vendeu-se, vendeu-se, vendeu-se...9

Na citação longa há uma grande síntese de tudo aquilo que será encenado de forma pormenorizada ao longo do romance, mas em situações diversas. O caráter sensacionalista, a manipulação da informação, independentemente de sua veracidade, como estratégia de conquista da opinião pública e, assim, de aumento do número de assinaturas e da venda de exemplares do jornal, a instrumentalização do exercício crítico como forma de achaque contra o governo são traços constituintes da prática editorial d'*O Globo*. Seu dono, Loberant, antes desconhecido no mundo jornalístico, passa a dispor de grande poder. Das poucas informações que se sabiam dele encontra-se seu hábito anterior, enquanto advogado, de escrever na seção de *apedidos*, isto é, uma espécie de coluna do leitor, com muito mais azedume que lógica. Como advogado, é deduzível que ele domine as letras, mas, as emprega antes para reclamar, exigir e censurar do que considerando o aspecto lógico e justo envolvido na questão: um estilo sem lógica e baseado numa acidez discursiva é menos argumentativo do que emotivo e sensacionalista.

Há uma relação entre o *estilo* do exercício da advocacia, atrevido e irado, com o das notas dos *apedidos* e o da notícia de *O Globo*. A frase "e nunca os houve tão cínicos e tão ladrões" refere-se ironicamente ao exagero com o qual o jornal criticava ferozmente todos os políticos, juízes e capitalistas como estratégia para se deixar cooptar e ser subvencionado pelo governo. Desta forma, o narrador apresenta a hipocrisia do jornal de afetar independência enquanto busca, com a agressividade

⁹ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). *Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Op. cit., p. 221.

da linguagem das notícias, cooptar a cumplicidade do leitor para assim conquistar seus interesses junto ao governo. Já aqui vê-se a reificação da notícia como mercadoria: ela deixa de ter a finalidade nela mesma e se torna moeda de troca.

No Rio de Janeiro, a imprensa anterior à República era variada, dividida entre grandes e pequenos jornais, bem como entre revistas de linha editorial e circulação diversa; ela era também numerosa para as condições que lhe presidiam a existência – a saber, os moldes ainda pré-industriais de produção e distribuição, como os prelos de madeira de uso manual e distribuição carente de transporte rápido. 10 Ao final do século XIX, evidenciava-se, cada vez mais, uma grande mudança estrutural, na qual o aperfeiçoamento das técnicas de impressão e distribuição permitiu a consolidação paulatina da imprensa industrial em moldes similares aos da Europa e dos Estados Unidos – como a aquisição de prelos mais modernos, como as máquinas Martinelli, e a melhoria nas estradas. Assim, a "imprensa brasileira aproximava-se, pouco a pouco, dos padrões e das características peculiares a uma sociedade burguesa": a busca incessante pelo lucro adjunta do imperativo de agilidade de produção. Deve-se produzir cada vez mais e mais rápido. 11 Em meados de 1895 os grandes jornais já definiam-se com estrutura empresarial, na qual as funções e hierarquias estavam já delimitadas, diferentemente do momento anterior, quando as diferentes etapas produtivas eram acumuladas entre poucos indivíduos. 12 O grande jornal já opera com as lógicas de produção e lucro rápidos do capitalismo, ainda que a sociedade brasileira não tivesse desenvolvido plenamente este sistema econômico e se subordinasse às sociedades capitalistas como a inglesa, a francesa e a estadunidense. Percebe-se, até aqui, que o jornal figurado em Recordações bebe de fontes históricas, transfigurado como uma representação de uma empresa que almeja, acima de tudo, obter lucros e vantagens. É necessário vender, seja disseminando notícias falaciosas ou angariando público por meio de um sensacionalismo cínico.

O poder do jornal sobre a voz popular retorna para Loberant. Como o romance figura pormenorizadamente a redação deste jornal, sendo dele a forma de jornalismo apreendida e apresentada de forma mais detida por Isaías, pode-se afirmar que *O Globo* é uma metonímia da prática jornalística dominante. Da mesma forma, se for aceito que o jornal é contíguo ao seu dono, Loberant contêm em si a transfiguração lima-barretiana da prática corrente dos donos de jornais em geral. Disto entende-se que as relações de favor e poder estabelecidas a partir desta personagem são referenciais para a grande imprensa da Primeira República como um todo. Assim, *O Globo* alegoriza a mercantilização da notícia

¹⁰ Idem, p. 257.

¹¹ Idem, p. 261.

¹² Idem, p. 266.

por todo o sistema jornalístico. Segundo Lustosa¹³, este jornal faz alusão ao *Correio da manhã*, fundado em 1901 na capital do Rio de Janeiro. Robert John Oakley discorre sobre o assunto, dizendo que Lima Barreto, além de "resumir" o jornal, logrou figurar suas tensões no romance. O poder de Loberant contrasta profundamente com sua mediocridade intelectual, característica irradiada por toda imprensa ficcionalizada. Em suas matérias, os fatos são deturpados, e o que sobra são os jogos de poder. Oakley também sugere que o romance como um todo se pauta pela relação do herói com o poder, desde a cena do fazendeiro Belmiro até sua relação com Loberant. Assim, na narrativa se desdobra a luta de um sujeito sem poder, Isaías, contra os detentores do poder, até que se sucede a "absorção" do herói pela estrutura.¹⁴

4.2. Recordações balzaquianas

Antes da redação de *Recordações*, Honoré de Balzac já havia publicado as *Ilusões Perdidas*, que ficcionaliza a imprensa burguesa. Ainda que histórica, estrutural e ideologicamente diversos, há alguns pontos de convergência entre a figuração da imprensa nestas obras, desde o enredo, a descrição do *modus operandi* do jornalismo e as consequências do poder político da imprensa na vida dos protagonistas. A ação de ambos romances pode ser resumida em um fio condutor análogo: jovens interioranos, de inteligência notável, decidem arriscar a vida na capital, a fim de prosseguir com sua ambição intelectual e social; suas primeiras tentativas são malogradas, e o auxílio que lhes permitiria permanência na cidade lhes foge à mão no momento mais necessário; a bancarrota transforma-se em terror iminente; um suspiro de alívio em Lucien e Isaías emerge quando eles se empregam no jornalismo, por meio do favor; os primeiros anseios são perdidos, paulatinamente, até o fim da ação. Cabe ressaltar que Lima Barreto foi leitor ávido de Balzac, tendo em sua biblioteca pessoal, a "Limana", vários volumes do autor francês. A inda que o romance *Ilusões Perdidas* não esteja discriminado dentre as obras na posse de Lima Barreto, nota-se que este certamente o leu, devido às características em comum entre as obras.

Durante a ação de *Ilusões Perdidas*, o narrador tece, a partir da vivência de Lucien com o meio jornalístico, uma extensa demonstração sobre o funcionamento dos jornais e sua reificação como mercadoria. É uma profissão na qual o importante "não se trata de escrever [...], mas de fazer os outros escreverem": os chefes de redação direcionam aos seus empregados o conteúdo desejado para um fim

¹³ Nota de rodapé da p. 170 da edição da Companhia das Letras de *Recordações*.

¹⁴ Cf. OAKLEY, Robert John. *Lima Barreto e o destino da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2011. pp. 52-71, passim.

¹⁵ É possível verificar a catalogação dos livros pertencentes a Lima Barreto no *Inventário* do *Apêndice* de BARBOSA, Francisco de Assis. *A Vida de Lima Barreto*. Op. cit., pp. 353-383.

específico, e a estes cabe apenas redigi-lo. ¹⁶ Entre si os jornalistas trocam favores, um redigindo textos para o outro, a fim de publicar em algum jornal específico, com o intuito de atingir certo político, promover certo afeto pessoal, e assim por diante. O mesmo se dá pela compra de artigos por atrizes, escritores e políticos. Desta forma, o jornal

[...] se tornou um meio para todos os partidos; de meio, virou comércio, e, como todos os comércios, não tem moral nem princípios. Todo jornal é [...] um armazém onde se vendem ao público palavras da cor que ele quiser. [...] Um jornal não é mais feito para esclarecer, mas para adular as opiniões. [...] O jornal pode se permitir o comportamento mais atroz, ninguém se considera aviltado pessoalmente por isso. ¹⁷

A função original da atividade jornalística, disseminar notícias, divulgar assuntos científicos e produzir matérias de crítica literária fica ofuscada pela obtenção de lucro a partir da mercadoria "jornal" e "notícia": esta atividade vira uma via de simples e puro comércio, produzindo para seus clientes aquilo que este querem ler. Se Isaías obteve trabalho pelo favor de Gregorovitch, o mesmo já acontecera com Lucien pelo favor de Lousteau, um jornalista que o herói de Balzac conhece num restaurante frequentado por trabalhadores mais pobres.

Ao fim do romance de Balzac, o que sobra é a apreensão da imprensa como um mercado de ideias, construído a partir das relações de poder e que traz a notícia, a crítica e outras manifestações da informação como mercadorias produzidas por homens alienados daquilo que produzem. A história de Lucien é a de um sujeito que não pôde lutar contra as forças da imprensa e, ao se tornar não lucrativo, é dispensado do meio, destruindo suas ilusões sobre arte e sociedade.

György Lukács compara *Ilusões Perdidas* a *Dom Quixote*, como dois grandes exemplos de romances que tratam da desilusão. Porém, uma das várias diferenças consiste em que, em Cervantes, a sociedade burguesa destrói as últimas ilusões feudais. Em Balzac, "ao contrário, são exatamente a concepção do homem, a concepção da sociedade e da arte, etc., surgidas da evolução burguesa, isto é, os mais altos produtos ideológicos da transformação revolucionária burguesa, que se reduzem a meras ilusões, ao se defrontarem com a realidade da economia capitalista". ¹⁸ Já neste autor foi notado um processo de alienação ocorrido na prática jornalística: Lukács avistou nas *Ilusões Perdidas* um "poema tragicômico que trata da 'capitalização do espírito", no qual pela primeira vez viu-se um olhar zombeteiro sobre como a economia capitalista, principal produtora da ideologia burguesa, leva os

¹⁶ BALZAC, Honoré de. *Ilusões Perdidas*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. p, 271.

¹⁷ Idem, p. 358.

¹⁸ LUKÁCS, György. *Balzac: Les Illusion Perdues*. In: Ensaios sobre literatura. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1965. p. 95.

ideais da burguesia à dissolução. ¹⁹ Balzac representa, em toda sua complexidade, a transformação da literatura, bem como dos jornais, dos teatros e dos editores em objeto de troca. ²⁰ Esta análise de Lukács expressa sua conceitualização do jornal como ápice da reificação capitalista, por transformar produtos da intelecção como mercadorias, alienando, assim, o homem de sua própria atividade reflexiva – ideia também abordada em *História e consciência de classe*. ²¹

Wisnik, corroborando Lukács, retoma a questão da mercantilização no jornalismo da seguinte forma:

A lógica da vida jornalística, no romance [Ilusões Perdidas], está articulada a um processo difuso de tráfico de influência e de produtos (onde a crítica literária e de espetáculos, o publicismo político e a crônica mundana associam-se a formas incipientes de merchandising, transações com livros e bilhetes de teatro, manobras com a claque). É como se, nessa fase de "acumulação primitiva" da indústria cultural, as áreas da imprensa, da publicidade e da produção de espetáculo, necessariamente articuladas mas hoje melhor "definidas", participassem de um mesmo embrulho cuja confusão não deixa de ser significativa de sua interdependência estrita.²²

Assim, a reificação opera-se na construção em curso de uma indústria da cultura, ainda em vias de realizar uma divisão do trabalho no Brasil: cada produção do espírito humano é transformada em produto e comercializado sob a mão de detentores do capital monetário e cultural, agora interligados. No campo do pensamento, a reflexão cede lugar a processos de disputa por poder. Wisnik acrescenta que os jornalistas de *Ilusões Perdidas* "manifestam uma escancarada consciência, cínica, de todos esses processos de uso e abuso de poder". Assim, no romance de Balzac forma-se uma rede de influências em busca de lucros pessoais que termina por reificar o exercício de intelecção dos letrados, jornalistas e artistas que, ou aceitam os jogos de poder e entram neles, em busca de migalhas, ou são jogados no ostracismo.

4.3. Vendem-se palavras na banca da colmeia

Considerando as diferenças histórico-sociais possíveis, propõe-se que Lima Barreto apreendeu, assim como Balzac, os mecanismos de reificação presentes nos jornais e apropriou-se da tensão formada historicamente entre os poderes político, econômico e intelectual para ficcionalizar a imprensa

¹⁹ Idem, pp. 96-97.

²⁰ Idem, p. 98.

²¹ Cf. LUKÁCS, György. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 222.

²² WISNIK, José Miguel. *Ilusões Perdidas*. Em: Ética. Org. de Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 323.

²³ Idem, p. 324.

de *Recordações*. Uma de suas intenções seria figurar o processo de venda da informação e subserviência seletiva dos jornalistas à ideologia dominante, bem como o questionar a própria intelectualidade. Estes temas estão presentes já em Balzac, mas Lima Barreto possui uma apreensão particular e distinta da do autor francês, em parte tendo em vista a mudança de momento histórico, local geográfico, espaço social e seus próprios pressupostos estéticos. Há, por exemplo, a adição do elemento da desigualdade racial, conforme Coutinho pontua²⁴, já anteriormente demonstrado.

Assim como os planos de Loberant visam seu lucro e o estabelecimento de seu poder sobre os demais jornais, seus empregados, ainda que amedrontados pelo poder tirânico do chefe, desejam alcançar formas de influência, prestigio e conquista de cargos públicos vitalícios. O romance apresenta incessantemente as relações pessoais pautadas pela possibilidade de venda e lucro das informações. Ainda no Capítulo VIII, acompanham-se mais exemplos da alienação da atividade intelectual, que já fazem o romance estender tal prática para uma parcela da classe intelectual que vai além daquela que se ocupa com o jornalismo: na primeira visita de Isaías a *O globo*, o narrador destaca a presença do renomado escritor Veiga Filho, que, segundo Isabel Lustosa, seria a representação mais cruel feita sobre Coelho Neto. Lima Barreto, até o fim de sua vida, fez inúmeras críticas a Neto, "cujo prestígio considerava descabido e produto da maior hipocrisia da sociedade de seu tempo". Esta leitura é oportuna, pois é justamente isto que o narrador quer demonstrar com esta visita. Na passagem, o narrador relata que Veiga ministrou recentemente uma conferência elogiada por Floc e por Oliveira. O escritor indaga a Floc se este já escreveu a notícia sobre a tal conferência, pergunta que gera um diálogo inesperado:

- Ainda não; não tenho tempo... Vou ao banquete do ministro e...
- Quando a vais fazer?
- Hoje não posso, vou ao banquete; mas o Leporace podia dar... Leporace (gritou para o Secretário), escreve a notícia da conferência do Veiga!
- Não tenho tempo objetou o fanhoso secretário, aproximando-se do grupo.

Durante minutos estiveram discutindo quem devia dar ou não dar a notícia, sem chegar a um acordo. Leporace, então, lembrou que o próprio Veiga Filho a fizesse:

- Estás doido! objetou o romancista. Não viste o que aconteceu da outra vez? Que diriam?
- Ora! Que tolice! Como se houvesse alguém que acreditasse no murmúrio desses literatecos...
 Umas bestas, uns vagabundos; escreve, anda!²⁶

Além da proposta do próprio romancista redigir uma matéria sobre si – assinada por outrem –, a hesitação de Veiga Filho em aceitar a proposta deriva do receio de ser atacado novamente por redigir

²⁴ COUTINHO, Carlos Nelson. O significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira. Em: Op. cit., p. 26-27.

²⁵ Nota de rodapé da p. 189 da edição da Companhia das Letras de *Recordações*.

²⁶ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Op. cit., p. 236.

um texto sobre si mesmo, o que indica que essa era uma prática corrente do romancista. Prosseguindo a narrativa, acompanha-se a construção de um texto estritamente elogioso, na qual Veiga "patenteou uma grande erudição e conhecimentos não suspeitados", "jogando com as palavras como um malabarista hábil faz com as suas bolas multicores". O resultado é o seguinte:

Veiga Filho acabou de ler a notícia no meio da sala, cercada de redatores e repórteres. Enquanto ele lia cheio de paixão, esquecido de que fora ele mesmo o autor de tão lindos elogios, fiquei também esquecido e convencido do seu malabarismo vocabular, do sopro heroico de sua palavra, da sua erudição e do seu saber...

Cessando, lembrei-me que amanhã tudo aquilo ia ser lido pelo Brasil boquiaberto de admiração, como um elogio valioso, isto é, nascido de entusiasmo sem dependência com a pessoa, como coisa feita por um admirador mal conhecido! A Glória! A Glória! E de repente, repontaram-me dúvidas: e todos os que passaram não teriam sido assim? E os estrangeiros não seriam assim também?...

Mas a indiferença da nossa gente, pelas coisas de espírito, talvez justifique tais manejos, penso agora.

Naquela hora, presenciando tudo aquilo, eu senti que tinha travado conhecimento com um engenhoso aparelho de aparições e eclipses, espécie complicada de tablado de mágica e espelho de prestidigitador, provocando ilusões, fantasmagorias, ressurgimentos, glorificações e apoteoses com pedacinhos de chumbo, uma máquina Marinoni e a estupidez das multidões. Era a Imprensa, a Onipotente Imprensa, o quarto poder fora da Constituição.²⁷

Este é o desfecho do Capítulo VIII, um trecho profundamente revelador dos mecanismos da imprensa no romance que, inclusive, exemplifica o processo de reificação da notícia. Todos os presentes no jornal que presenciaram a redação da notícia forjada "esquecem-se" de que ela produto de construção da linguagem, confundindo-a, na admiração, com natureza própria do valor da obra do romancista. Para além disso, o narrador questiona o lugar de prestígio de um escritor, seja brasileiro ou estrangeiro, ao se questionar se não teria ocorrido o mesmo com todos os escritores prestigiados que vieram antes de Veiga Filho: assim, o narrador estabelece a dúvida de que a fama e um lugar no cânone talvez seja apenas resultado de publicidade e intervenções externas à suposta qualidade literária das obras.

Forma-se um comércio de influências e vantagens, mediado pelo favor e tendo como objeto de troca a publicação impressa. É curioso que o narrador, tendo em vista a ação e a reação de Veiga, bem como as demais atividades observadas n'*O Globo*, categoriza a atividade jornalística a partir abstrações, de índices ligados ao fantástico, como "tablado de mágica" e "ilusões", ainda que elenque objetos materiais e produtos humanos. Cite-se, como exemplo, a máquina Marinoni que, segundo Lustosa, era a prensa mais moderna de que se dispunha à época, sendo assim um índice da acentuada industrialização da imprensa e sinônimo dos próprios avanços do capitalismo. ²⁸ Percebe-se nisso que há

²⁷ Idem, pp. 237-238.

²⁸ Nota de rodapé da p. 193 da edição da Companhia das Letras de *Recordações*.

uma apreensão desse processo alienante que cinde o homem de seus produtos. Ao mesmo tempo que a notícia encantou o herói no momento em que a testemunhou, olhando de longe no tempo o narrador também acusa a consciência posterior de que ela resultou de uma fraude. Além disso, Isaías, para descrever a imprensa, curiosamente menciona um termo utilizado também por Marx, a ideia de "fantasmagoria", o que indica uma leitura e apreensão por Lima Barreto deste filósofo.

Isaías toma um passo lógico importante ao questionar-se se ações como a presenciada não seriam uma prática geral, o que tornaria o prestígio intelectual canonizado uma mercadoria comprada pela influência, não pela própria manifestação do conhecimento. O narrador tenta justificar tal manejo do jornalismo deslocando o procedimento da mercantilização da notícia para a "indiferença da nossa gente, pelas coisas de espírito". Em tal frase, pode-se pensar que ele fale da própria alienação, visto que indiferença é uma paralisia, aqui, generalizada, ou seja, constituinte da sociedade como um todo, apontada pelo termo genérico "nossa gente". Assim, a mercantilização dissocia-se de sua prática de origem e passa a ser substituída por uma suposta atitude inativa de todo o corpo social – que, na verdade, deriva de uma falta de acesso à formação educacional. O uso do termo "penso agora" é interessante, pois demonstra que o narrador atingiu tal percepção *a posteriori*, o que por si já indica um estado anterior de alienação da consciência. Tal afirmação é aferível no parágrafo de desfecho que indica uma atitude de espanto perante os mecanismos de poder da imprensa, ainda numa posição inativa, prévia à intelecção sobre os eventos presenciados.

4.4. Da vacina para os sapatos: a revolta histórica e o motim na ficção de Lima Barreto

Como proposto anteriormente, a desilusão intelectual sofrida por Isaías parece estar envolvida intimamente com sua aceitação dos sistemas sociais de opressão estabelecidos e a instrumentalização destes para benefício próprio, tornando-se, ao fim da ação do romance, um membro da classe política participante da perpetuação do sistema de favor. Nesse cenário, o herói parece justificar sua desilusão pela mediocridade (presumida ou alegada) reinante entre os intelectuais que se vendem, e também pela percepção de que a aquisição de uma formação espiritual orgânica e da capacidade técnica de nada serviriam para lhe sustentar. Nesse cenário, o desafio de Isaías é construir sua consciência de classe e se dar conta dos sistemas diferentes de opressão, mas realizar também um movimento dialético de reflexão sobre a possibilidade de agir ou não e concretizar o engajamento coletivo.

Para prosseguir nesta investigação, é oportuno realizar um contraponto entre o episódio de questionamento de Isaías acerca da inação de seus concidadãos para evidenciar que, após entrar no jornal, sua posição operou um processo de regressão do ímpeto de chegar à práxis que o separou de sua

classe. Tal contraponto será realizado pelo destrinchamento do episódio da revolta popular acerca do decreto municipal sobre o uso obrigatório de sapatos.

No capítulo X, o primeiro indício sobre a revolta que ocorrerá no capítulo XII é introduzido da seguinte forma pelo narrador: "Nascera a questão dos sapatos obrigatórios de um projeto do Conselho Municipal, que foi aprovado e sancionado, determinando que todos os transeuntes da cidade, todos que saíssem à rua seriam obrigados a vir calçados". ²⁹ No Capítulo XI, Isaías aluga um cômodo numa casa de hospedagem localizada no Rio Comprido, um antigo palacete com os dois andares divididos em quartos de aluguel com diferentes tipos de condôminos pobres, de origens, raças e regiões diversas, às vezes com uma mesma família partilhando um único quarto. Em diálogo com uma das habitantes da casa, D. Felismina, a lavadeira das roupas de Caminha, o protagonista toma conhecimento de um boato que circulava entre os moradores pelos corredores do casarão:

- Diga-me uma cousa, seu Caminha: há aí uma lei que obriga todos a andarem calçados?
- Há uma postura municipal.
- Mas é verdade isso mesmo? Pois então todos, todos?
- Na rua, é. Por que se assusta?
- Dizem que as folhas falam nisso e que até, contam aí, que quem tiver pé grande tem que sofrer uma operação para diminuir os pés, como os chinas... É verdade?
- Qual! É balela! Quem lhe contou?

Ao sair, ainda ouvi que, pelos corredores, se discutia o assunto com calor, girando sempre a conversa em torno daquela operação chinesa que o governo queria impor à população.³⁰

O herói ouve o boato com desatenção e segue sua rotina, sem se dar conta de que ele é já um indício da indisposição da população com a decretação dessa lei. A desatenção de Isaías às preocupações de Felismina já evidencia certa indisposição ou incapacidade de observar sua própria classe: a lavadeira era a única pessoa com a qual ele conversava no cortiço. Essa inobservância e incapacidade de escutar os pobres configura um elemento de seu processo de alienação e indiferença às questões de seu meio social, aos problemas de seus congêneres que também o afetam. Só mais adiante é que o narrador perceberá que esse boato já se espalhara por toda a população. Tivesse escutado mais pessoas e percebido as agitações dentre seu meio, o herói talvez pudesse ter inferido a iminência da revolta, como se verá adiante. A este inesperado descompasso em relação aos seus, soma-se o arrefecimento de seu impulso de engajamento. Tendo contato mais pormenorizado com as camadas populares e marginalizadas na capital, ele passa a observar melhor as contradições da estagnação dos

²⁹ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Op. cit., p. 261.

³⁰ Idem, pp. 278-279.

seus semelhantes. Com o avanço da narrativa, vê-se que são atenuadas a raiva e a percepção de que os populares deveriam se unir:

Admirava-me que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome, contra a moléstia e contra a civilização; que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e dificuldades. Não sei que estranha tenacidade a leva a viver e por que essa tenacidade é tanto mais forte quanto mais humilde e miserável. Vivia na casa uma rapariga preta que suportava dias inteiros de fome, mal vivendo do que lhe dava uma miserável prostituição; entretanto, à menor dor de dentes chorava, temendo que a morte estivesse próxima.³¹

Há aqui um exercício de observação empática do herói com outras pessoas de sua raça e classe, como a moça prostituta: a imperiosa necessidade de subsistência generalizada, a sujeição a toda sorte de carência e miséria, a ausência do respeito aos direitos sociais e a resiliência contra as opressões sociais já são tão grandes que a dor de dente assombra mais a moça pobre do que a fome, num país rico em alimento. As classes menos favorecidas normalizam a opressão estrutural, expressada pelo desejo de sobreviver. A partir disso forma-se uma contradição entre suportar a falta injustificável de um direito básico e o desespero diante de uma infecção. Ou ainda, o desespero excessivo da moça pela dor de dente pode se manifestar como extravasamento de todo seu sofrimento. Ele é a somatização de todas as outras dores e a gota final que fez o desamparo transbordar para fora do corpo aparentemente firme, mas que já se encontrava em seu limite. Assim, o choro da moça é como uma infiltração lenta e antiga numa casa: suas paredes internamente apodreciam sob a tinta que escondia a mancha de umidade, e, ao ruir, impressiona àqueles que viam apenas o lado externo. A reação da garota, inaudita aos olhos do narrador, ilustra, figura e alegoriza os motivos da eclosão da revolta popular que logo terá vez na narrativa, como se verá adiante. Trata-se de uma população da qual o mais básico dos direitos é suprimido e que vive na condição mais adversa possível, como ocorreu com o próprio Isaías no início da história. Nesse momento, ele ignora o seu sofrimento inicial no Rio de Janeiro no sofrimento atual de seu semelhante. Mero expectador das contradições de classe, não mais se detém em formas de mobilização, nem as reconhece como algo que também o afeta.

Percebe-se, desde aqui, um jogo alegórico com o material histórico da Revolta da Vacina: na virada do século XIX para o XX e na transição do Império para a República, as condições de vida na cidade do Rio de Janeiro vinham se deteriorando a níveis alarmantes.³² Nesse momento, a adversidade gerada pela queda na qualidade de vida; o embate entre antigos e novos costumes; os termos rígidos de aplicação da obrigatoriedade das vacinas e a truculência dos agentes sanitários acarretam forte pressão

³¹ Idem, p. 276.

³² SEVCENKO, Nicolau. A Revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Editora Unesp, 2018. p. 71.

sobre a população pobre. Todo este acúmulo de problemas pode indicar que o gérmen do conflito que desembocou na Revolta da Vacina tenha sido, conforme propõe Nicolau Sevcenko, a violência simbólica do governo de querer sujeitar a população (principalmente as camadas populares) à sua intervenção fisicamente violenta. As condições de vida trazidas pelo narrador são semelhantes pela representação de sua precariedade e, no romance, trocam-se vacinas pelo uso obrigatório de sapatos como decreto intransigente do governo.

Após o diálogo com Felismina, na redação, Isaías narra uma conversa entre Floc e Losque acerca da lei dos sapatos obrigatórios. Ambos concordam que a situação vai de mal a pior, e o segundo comenta que, no mesmo dia, ouvira comentários no bonde sobre um artigo de Ricardo Loberant atacando a medida. Em meio às especulações, surge Leyva (outro colega de Isaías, que será comentado mais tarde), que cobria temas policiais e "Vida Operária". Percebendo que o assunto refere-se à questão dos sapatos, irrompe: "- Vocês não imaginam... As coisas estão feias! Estive na Gamboa e na Saúde... Os estivadores dizem que não se calçam nem a ponta de espada. Não falam noutra coisa"³³. Aqui há uma figuração sobre o início da sedição militar ocorrida a 12 de Novembro, que utilizou o gérmen da revolta do dia 11 como álibi, mas que era patrocinada por monarquistas que desejavam restituir o poder³⁴. Assim, tanto no romance quanto nos eventos históricos, parte do poderio militar aparece como complicação para os planos do governo. Em seguida, Floc dispara em tom de confissão que "a cousa é necessária... Causa má impressão ver essa gente descalça... Isso só nos países atrasados! Eu nunca vi isso na Europa". Gregorovitch, que chegara há pouco, toma a voz e contradiz o dito de Floc dizendo que, apesar de calcar-se ser a regra mais ao Norte, isso se devia ao clima, pois em Nápoles, na Grécia, era visão comum ver pessoas descalças. Floc retruca usando Londres como exemplo de forma de vestir-se, ressaltando que lá se anda com sapatos e casacos. Daí Gregorovitch dispara, vendo como absurdo tal cobrança diante da situação local:

Que casaco! que sapatos! Naturalmente que hão de procurar coberturas para o frio, mas onde vão buscá-las? Ao lixo e é um disparate! Se queres uma multidão catita, arranja meios de serem todos remediados. Vocês querem fazer disto uma Paris em que se chegue sem gastar a importância da passagem ao mesmo tempo ganhando dinheiro, e esquecem de que o deserto cerca a cidade, não há lavoura, não há trabalho enfim... 35

³³ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). *Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Op. cit., pp. 292-293.

³⁴ Cf. SEVCENKO, Nicolau. A Revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. Op. cit., pp. 42-44.

³⁵ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Op. cit., p. 293.

Gregorovitch coloca como capricho a exigência do governo acerca do uso de calçados, num local onde mal há condições de vida dignas. Quer-se muito, investe-se pouco. A visão do estrangeiro entra em choque com a do crítico. Este conflito se estende em outros momentos e agentes durante a narrativa. Para além da oposição entre o estrangeiro e o crítico, aparenta-se formar também uma contraposição entre um pensamento mais de tendência anarquista contra outro alinhado por uma ideologia reacionária.

Na ficção, a escolha do autor de trocar a *vacinação* pelo uso compulsório de *sapatos* evidencia não o intuito *sanitário*, mas *higienista* do decreto que gerou a revolta. Pois enquanto a doença punha em jogo questões de saúde pública, os pés descalços são índice de um lugar social tido por desprezível pelas camadas dominantes. Além de ser destinada a satisfazer os hábitos de luxo e ostentação destas camadas, tratava-se também de uma questão higienista de apagar a aparência da pobreza, calçando os pobres às a fim de "embelezar" a cidade aos olhos dos investidores e estrangeiros. Desta forma, a atenção ao exterior fala mais alto do que a necessidade e a carência, configurando uma medida cruel de interesses que, não bastando segregar grande parte da população de seus direitos, ainda visava seu apagamento e silenciamento. Já muito antes da discussão entre os jornalistas acerca do decreto o narrador evidencia isso:

Projetavam-se avenidas; abriam-se nas plantas *squares*, delineavam-se palácios, e, como complemento, queriam também uma população catita, limpinha, elegante e branca: cocheiros irrepreensíveis, engraxates de libré, criadas louras, de olhos azuis, com o uniforme como se viam nos jornais de moda da Inglaterra. Foi esse estado de espírito que ditou o famoso projeto dos sapatos.³⁶

Logo antes dessa passagem, o narrador também observa a repulsa que a elite dominante alimenta pelo aspecto pobre e popular impressa na própria imagem da cidade, de caráter meramente voltada à competição com Buenos Aires pela "elegância" aparente:

Nós passávamos então por uma dessas crises de elegância, que, de vez em quando, nos visita. Estávamos fatigados de nossa mediania, do nosso relaxamento; a visão de Buenos Aires, muito limpa, catita, elegante, provocava-nos e enchia-nos de loucos desejos de igualá-la. Havia nisso uma grande questão de amor-próprio nacional e um estulto desejo de não permitir que os estrangeiros, ao voltarem, enchessem de críticas a nossa cidade e civilização. *Nós invejávamos Buenos Aires imbecilmente.*³⁷

Essa competição é completamente fútil. Além de desconsiderar problemas sociais realmente alarmantes, como a fome e a miséria, o exemplo argentino é, inclusive, aquele que à época mais se assemelha à Europa, por ter sido o país latino-americano.-Sendo assim, invejar Buenos Aires é como

³⁶ Idem, p. 262.

³⁷ Idem, p. 261. O grifo é meu.

ansiar a chance de poder aparentar-se com a Europa. Na citação acima, a assertiva do narrador em dizer que "invejávamos *imbecilmente* Buenos Aires" realiza-se de um modo irônico. Por meio do emprego do plural "nós", incluindo-se sarcasticamente num grupo social que, privilegiando a ostentação do luxo em detrimento da preocupação com a miséria e a fome, ele supostamente sofreria uma crise narcísica com sua própria imagem.

O emprego do termo "mediania" é polissêmico. Recorrendo a dicionários de época, como Raphael Bluteau, Antonio de Moraes Silva e Luiz Maria da Silva Pinto, vê-se que esta palavra, vinda do latim mediocratias, pode significar: "mediocridade", como algo inferior; um modo de vida sem luxos, análogo à "avareza"; "moderado", no sentido político-ideológico, como antônimo de "radical"; ou adjetivo relativo a "médio", como um ponto médio entre dois extremos.³⁸ Dito isto, nota-se que o sentido empregado ao termo é irônico: considerando o inclusivo "nós", utilizado pelo narrador, e que relaciona "mediania" ao termo "relaxamento", vê-se que o sentido intencionado é o de que este sujeito coletivo estaria num estado de mediocridade em relação ao seu modo de vida - e que isto demandava uma mudança, seguindo o exemplo argentino. Porém, isto leva em consideração apenas um critério estético e não social: o que incomoda não são as crises sociais como a miséria, mas um desleixo com a aparência da cidade. Esta perspectiva é reforçada pelo narrador com a formulação "nós invejávamos Buenos Aires imbecilmente". Neste caso, nota-se que o sentido expressado é de mediocridade intelectual e social, por desejar copiar Buenos Aires de forma acrítica, sem considerar que no Brasil vivia-se outro contexto histórico-social, com outras demandas, priorizando apenas as aparências. Assim, "mediania" tem uma função satírica, ao revelar o ponto de vista socialmente cego da alta sociedade, em contraponto à visão social do narrador, gerando uma reprovação que desqualifica a natureza das demandas elitistas de modificação na paisagem urbana carioca. Da mesma forma, qualificativos como "imbecilmente", "limpinha" e "branca", da forma como são selecionados e concatenados, juntos a procedimentos como ficcionalizar a Revolta da Vacina trocando-a por uma revolta dos sapatos, criam um poder imagético de focalizá-los a partir de reprovação e ironia.

Beatriz Resende aponta que, historicamente, a cidade do Rio de Janeiro é caracterizada pela "fragmentação" social e política, com diferentes espaços urbanos que guardam entre si diferenças profundas. Crescem, concomitantemente, um Rio de Janeiro "ideal" e, outro, "real". Para a autora, a cidade "ideal" dos cartões-postais deseja ocultar a cidade "real", despachando quaisquer índices de "figurantes indesejáveis". A crítica aponta: "o desejo de fazer do Rio do início do século uma cidade de

³⁸ MEDIANIA. Consulta por termo em dicionários de época disponibilizados no site da **Brasiliana digital**. Disponível em: http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/1%2C2%2C3/mediania>. Acesso em 02 abr. 2021.

padrão europeu se traduz num ufanismo absolutamente ingênuo, mas que serve às intenções de caráter ideológico que apontam para as camadas subalternas como espectro da desordem". A reprovação e a ironia no discurso do narrador sobre a inveja imbecil das elites por Buenos Aires e pela Europa (por extensão) é retomada na análise de Resende sobre Lima Barreto não oferecer à cidade uma "foto retocada", mas sim um "espelho" para que esta se observe. Mais precisamente, é conveniente aproximar a construção imagética de Lima Barreto mais a um espelho retorcido, que distorce a imagem refletida: a partir da deformação pelo ridículo, os traços típicos da ideologia burguesa ficam escancarados pela sua amplificação, como uma imagem caricatural e satírica, um tipo de representação muito caro à escrita lima-barretiana, como ocorre em *Os Bruzundangas*.

A publicização da regulamentação da obrigatoriedade da vacina pelo governo ocorreu em 9 de novembro de 1904. Tal medida era de interesse geral da população. Para convencer a população a aderir, o governo usou como argumento a ideia de que ela seria "de inegável e imprescindível interesse para a saúde pública". No mesmo ano, foram atestados vários focos endêmicos de varíola no país, sendo o maior surto localizado na cidade do Rio de Janeiro.⁴¹

Contudo, naquele momento, com efeito, dentre os motivos que impeliram as mudanças na paisagem urbana do Rio de Janeiro ligam-se os interesses em atrair os investimentos do capital estrangeiro, sanear os espaços públicos, capacitar melhor a infraestrutura para a circulação de mercadorias e, com isso, dinamizar a economia local. Segundo Sevcenko:

O espaço das docas era muito pequeno para armazenar os artigos que se destinavam ao mercado nacional, assim como ao internacional. [...] as ruas da cidade ainda eram vielas coloniais, estreitas, tortuosas, escuras com declives acentuadíssimos. [...] Em suma, a cidade, com desenho e proporções coloniais, não era mais compatível com a função de grande metrópole que a atividade febril do porto lhe impingira.⁴²

Porém, não bastava a reurbanização para atrair o capital estrangeiro, já que o foco endêmico de várias moléstias afastava o investimento estrangeiro. A fim de concretizar a campanha de atração do capital internacional, produtos importados e favorecer a imigração, as elites viram como impreterível e urgente, para além das mudanças estruturais, o saneamento da cidade. Fato que explica a sensação de urgência em avançar na campanha da vacina antivariólica, sem se esquecer da instrumentalização do

³⁹ RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. 2ª ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. pp. 99-100.

⁴⁰ Idem, p. 100.

⁴¹ SEVCENKO, Nicolau. A Revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. Op. cit., p. 18.

⁴² Idem, p. 59.

assunto como estratégia para higienizar e gentrificar as regiões centrais da cidade. ⁴³ Como se vê, Lima Barreto fez uso destas tensões para figurar os conflitos socioeconômicos de classe em seu romance.

A crítica lima-barretiana ao embricamento de interesses particulares da parcela dominante com a esfera pública em um momento crítico demonstra-se através dos diálogos e posturas das personagens ligadas às camadas dominantes e seus anseios individuais e longe de qualquer republicanismo, como na tensão entre Floc e Gregorovitch. Da mesma forma, há uma ressonância entre a brutalidade arbitrária do governo histórico e o da ficção. Retomando a narrativa histórica, Sevcenko aponta que "obstavam [os opositores à obrigatoriedade da vacina], enfim, não contra a vacina, cuja utilidade reconheciam, mas contra as condições da sua aplicação e acima de tudo contra o caráter compulsório da lei". Aprovada sem maiores planejamentos, não foi posto em questão a preparação psicológica da população, e, com certa ingenuidade, esperou-se por sua adesão incondicional à campanha de vacinação. Sevcenko destaca a "insensibilidade política e tecnocrática" do governo, que se preocupou unicamente com questões práticas, ignorando o potencial impacto psicológico de tal imposição unilateral, o que foi fatal para o efetivo cumprimento da lei. Os termos da regulamentação da lei de vacinação eram terminantemente rígidos: deveriam ser examinados e vacinados de recém-nascidos a idosos, sob ameaças de multas pesadas e demissões sumárias.

As agitações da revolta iniciaram-se um dia após a publicação da regulamentação da vacina, com grande ajuntamento de pessoas na rua do Ouvidor, praça Tiradentes e no largo de São Francisco de Paula. Tendo recebido ordens expressas para proibir e dispersar manifestantes, a polícia se põe a prender os oradores da agitação. Em troca, ela recebe uma investida de pedradas da população. O dia termina com uma noite de tensão e insegurança, devido a este conflito.⁴⁷

Na manhã do dia seguinte (11 de novembro de 1904), estoura a revolta: havia sido marcado um comício da Liga contra a Vacina Obrigatória no largo de São Francisco de Paula, em contrariedade às ordens de proibição feitas pela polícia. Não tendo aparecido os oradores oficiais, populares tomam as rédeas do evento com discursos improvisados. Ao receberem ordem para intervir, as autoridades policiais são recebidas com vaias e provocações tão logo se aproximam. Tenta-se realizar prisões, mas, mais uma vez, se faz uma investida de pedradas. Começa então o confronto: é ordenada uma carga de cavalaria armada a sabre contra a multidão. Após caírem os primeiros feridos e o sangue manchar as

⁴³ Idem, p. 61.

⁴⁴ Idem, p. 19.

⁴⁵ Idem, p. 26.

⁴⁶ Idem, pp. 23-26.

⁴⁷ SEVCENKO, Nicolau. A Revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. Op. cit., p. 26.

calçadas, o tumulto se torna generalizado. ⁴⁸ Apesar da tentativa de capitalização política da revolta, esta "tende a tomar um curso dispersivo e espontâneo". ⁴⁹

A revolta seguiu pelos três dias seguintes: nesse ínterim a legião de amotinados irrompeu em fúria, destruindo veículos, lâmpadas de ruas, calçamentos; erguendo barricadas; assaltando delegacias e repartições públicas e enfim tomando controle da região central e de barros periféricos como a Saúde e a Gamboa – os mesmos mencionados pelo romance. Em meio ao caos, o governo fez uso de todos os recursos possíveis para repressão. Não bastando o Exército e a Marinha para conter a revolta popular, as autoridades investiram com bombardeio de regiões costeiras com embarcações de guerra e, por terra, com o ataque da Guarda Nacional; só assim conseguindo sufocar os insurgentes. No dia 16, o governo revoga a obrigatoriedade da vacina contra a varíola, e toma uma série de ações para prender manifestantes, militares insurrectos e afins, o que culmina no fim do amotinado. Os militares acusados da tentativa de golpe foram detidos; os líderes civis presos e processados em tribunais; os populares foram perseguidos e presos aos montes. A cidade fica irreconhecível, parcialmente destruída. O número de mortos é incalculável, com maioria absoluta de populares insurrectos.

Retomando o romance, a arbitrariedade do Estado surge como um controle extremo sobre os corpos: se muito das críticas à época da vacina vinham de um olhar de parcela da população atravessada de moral pudica e desconhecimento sobre a ciência e o processo de vacinação, na obra de Lima Barreto o que é oferecido é o boato da operação nos pés para aqueles que não quisessem sapatos. Se na revolta histórica a visão que certa parte da população tinha da vacina era a de um ataque à moralidade de então, no romance a visão que a população tem é de que o Estado deformaria seus corpos. O que se entrevê nisso é a certeza dos populares acerca do poder opressivo do governo, o que demonstra sua percepção acerca da exploração que já os brutaliza. A associação disparatada (e xenófoba) de transformar os pés da população e modelá-los como nos dos chineses aparece como índice do absurdo em uma relação sem causa: não importava para o povo o porquê de o governo realizar tal procedimento, nem como seria feito, mas sim que o Estado *realmente* poderia fazê-lo.

Voltando à ordem dos eventos narrados sobre a revolta dos sapatos, quase todos os jornalistas de *O globo* previam um motim iminente, em discussões acaloradas. Loberant delega a Isaías a entrega de uma carta para um senador F. Descendo as escadas, o herói ouve o diretor do jornal bradar: "— Esses

⁴⁸ Idem, p. 27.

⁴⁹ Idem, p. 30.

⁵⁰ Idem, pp. 30-32.

f... hão de ver se valho alguma coisa! Súcia!". O narrador, pouco depois, se põe a pensar sobre o motim prestes a irromper-se:

A irritação do espírito popular que eu tinha observado na minha própria casa não me fez pensar nem temer. Julguei-a especial àqueles a quem tocavam e nunca que aquelas observações ingênuas se tivessem transformado em grito de guerra, em amuleto excitador para a multidão toda. Mais tarde, entretanto, verifiquei que a crença de que o Governo pretendia operar violentamente os homens e mulheres de pés grandes, como os chinas, é que tinha impressionado fortemente os espíritos levando-os ao sangrento motim que estalou.⁵¹

Como se vê explicitado pelo narrador, apenas tardiamente ele entenderia a força do boato que impeliu a revolta dos sapatos. Como símbolo, o boato está como o dente doendo para a prostituta na qual Isaías via forte tenacidade: o boato é a gota final, e a possibilidade de operação forçada surge como signo de violência máxima possível pelo governo, acima de tudo que já era suportado num limite sobre-humano pelas populações marginalizadas. Este momento de descompasso com o espírito popular, pela percepção de que ele era um devaneio próprio às pessoas de sua casa, além de evidenciar um distanciamento de Isaías de seu próprio meio, o episódio também deixa ver o caráter inesperado da proporção do motim. Avaliando o irrompimento do motim, Isaías comenta:

As vociferações da minha gazeta tinham produzido o necessário resultado. Aquele repetir diário em longos artigos solenes de que o governo era desonesto e desejava oprimir o povo, que aquele projeto visava enriquecer um sindicato de fabricantes de calçado, que atentava contra a liberdade individual, que se devia correr a chicote tais administradores, tudo isso tinha-se encrostado nos espíritos e a irritação alastrava com a violência de uma epidemia.⁵²

O narrador chega à conclusão, *a posteriori*, de que a manipulação jornalística contra a opressão do governo em junção aos boatos sobre a possibilidade de o governo operar os pés da população, funcionam como estopins diversos e complementares de um mesmo caos. Como na História, um fator apenas não configura o determinante único de uma revolta, mas toda uma rede de situações num dado contexto. Se o boato não fosse inventado por Loberant, ele o temperou com o discurso instigante da imprensa.

O herói pôde acompanhar os amotinados observando-os da sacada do jornal. No romance, por três dias o conflito se estendeu. Armou-se barricadas na rua do Ouvidor e cobriu-se o pavimento das ruas com rolhas, para retardar o avanço dos soldados. Houve trocas de tiros. Plínio de Andrade, que Isaías conhecera no círculo de amizades de Abelardo Leyva, e com quem há muito o herói não travava conversa, morreu durante os combates. É uma morte com peso simbólico, pois do grupo de Abelardo,

⁵¹ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Op. cit., p. 295.

⁵² Idem, p. 297.

Plínio era o crítico mais mordaz ao jornalismo. Seu aparecimento no Capítulo VII é marcante justo por anteceder o capítulo no qual Isaías entrará para *O Globo*. Para Plínio a imprensa era uma quadrilha e nada havia de mais parecido com o pirata antigo do que um jornalista, pois em ambos se configurava uma ausência de senso moral: "assim dominam tudo, aterram, fazem que todas as manifestações de nossa vida coletiva dependam do assentimento e da sua aprovação...". Indo além, sem negar que um jornal podia, no passado, oferecer alguns tipos de serviços à sociedade, hoje, porém, seria a "mais tirânica manifestação do capitalismo e a mais terrível também": um poder vago, impessoal, uma empresa destinada a dominar as massas e favorecer os lucros empresariais, justamente como já foi discutido. Desta forma, a morte de Plínio de Andrade durante os confrontos de uma revolta parcialmente incentivada pela imprensa configura-se como uma afirmação de seu caráter destrutivo que este colega de Isaías tanto frisava: os grandes detentores do poder jornalístico mantêm-se ilesos, enquanto a população confronta o poder governamental, em parte direcionada a isto por aqueles. O narrador anuncia a morte de Plínio *en passant*, numa frase única, sem exprimir juízos pessoais acerca da morte de um conhecido.

Logo em seguida, Isaías destrincha a desorganização do motim:

Havia a poeira de garotos e moleques; havia o vagabundo, o desordeiro profissional, o pequenoburguês, empregado, caixeiro e estudante; havia emissários de políticos descontentes. Todos se misturavam, afrontavam as balas, unidos pela mesma irritação e pelo mesmo ódio à polícia, onde uns viam seu inimigo natural e outros o Estado, que não dava felicidade, a riqueza e a abundância.

O motim não tem fisionomia, não tem forma, é improvisado. Propaga-se, espalha-se, mas não se liga. O grupo que opera aqui não tem ligação alguma com o que tiroteia acolá. São independentes; não há um chefe geral nem um plano estabelecido. Numa esquina, numa travessa, forma-se um grupo, seis, dez, vinte pessoas diferentes, de profissão, inteligência, e moralidade. Começa-se a discutir, ataca-se o governo; passa o bonde e alguém lembra: "Vamos queimá-lo". Os outros não refletem, nada objetam e correm a incendiar o bonde. 55

O narrador pontua o caráter popular e diversificado do motim, formado por pessoas com diferentes motivos de revolta, classes e perspectivas de mundo. A morte de Plínio é uma decorrência do caos instaurado, uma verdadeira guerra civil, pontuado pelo substantivo "poeira", que incute o sentido de algo sem coesão e amorfo, seguido por uma longa enumeração de tipos sociais díspares misturados, unidos tão somente pelo ódio, seja à polícia, seja ao Estado. Da mesma forma, a própria ideia de motim e seu improviso indicam a desorganização popular, e consequentemente, uma ausência de consciência de classe: há a percepção subjetiva e individual da opressão, mas não há a construção de uma unidade

⁵³ Idem, p. 215.

⁵⁴ Idem, p. 216.

⁵⁵ Idem, pp. 297.

entre os sujeitos. Apenas uma amálgama de revoltas individuais. Cabe ressaltar ainda que a aparente falta de fisionomia do motim é mais retórica do que prática. Lembrando que Plínio é identificado como negro na narrativa, sua morte, mais do que a decorrência do caos, é amostra de quais grupos realmente são alvos da repressão. A ficção de Lima Barreto parece concentrar o foco de sua atenção da revolta nas violentas consequências que ela acarreta na vida da população pobre e racialmente segregada. Tendo em vista o estouro do conflito em bairros pobres (Saúde e Gamboa), sua população foi mais vitimizada pela ação da repressão.

Exemplo disso é a existência de um tipógrafo pobre, morador da Saúde, que passou todos os dias da revolta dentro do prédio do jornal, temendo ser morto à bala. O narrador frisa que "houvera muitas mortes assim, mas os jornais não as noticiavam", simultaneamente evidenciado quais grupos eram mais atingidos e a seletividade da imprensa ao noticiar as baixas. Além disso, ela continua estimulando o motim, apesar do risco de morte: "Todos eles [os jornais] procuravam lisonjear a multidão, mantê-la naquelas refregas sangrentas, que lhes *aumentava a venda*. Não queriam abater a coragem do povo com a imagem aterradora da morte". ⁵⁶

Como desdobramento prático do que o narrador disse, logo em seguida, um pequeno vendedor de jornais, que estava a serviço de Loberant, morre esmagado por uma cavalaria policial: A polícia mata um civil pobre que apenas trabalhava e não participava do motim, apenas por este estar em seu caminho. O capítulo da revolta termina com uma demonstração crua de crueldade coercitiva, Apesar da aparente revolta do diretor do jornal *O Globo* com o fato, no começo do capítulo seguinte a morte do vendedor de jornais não é noticiada, mas sim a de um cozinheiro de Ricardo Loberant, que é posto como um bem precioso para este – uma alienação. Nessa morte o dono do jornal vê não o humano, mas sua atividade produtiva, objetificando-o. Em seguida, o narrador pontua todos os favores e benefícios que sua redação recebeu do governo para que ajudasse a amenizar os ânimos dos civis e a atenção total dos jornalistas para os benefícios que receberiam. Não há revolta pelos danos causados aos populares, e negocia-se com o detentor do poder que gerou a revolta civil.

Desta forma, configura-se nesse capítulo uma crítica lima-barretiana à mercantilização da notícia a qualquer custo. Retomando os eventos históricos, com a República consolidada e a imprensa reconfigurada numa estrutura capitalista, vendia-se informação como qualquer outra mercadoria. Destarte, a imprensa definiu sua função como um organismo a serviço do capital e do poder hegemônico do país, movimentando o mercado de informação. Nos primeiros anos da República, ela

⁵⁶ Idem, p. 298. O grifo é meu.

moldou-se ao poder político vigente, ainda não totalmente capitalista, pois o Estado, pela análise de Sodré, servia principalmente à estrutura pré-capitalista tradicional – a saber, às oligarquias das famílias detentoras de terra e demais capitais adquiridos durante o processo colonizador e transferidos de geração a geração. O advento do Estado republicano não levou a sociedade a uma igualdade real de direitos, mas apenas consolidou as oligarquias burguesas como detentoras do poder. Em meio às relações entre imprensa e poder, a compra da opinião jornalística pelo governo torna-se rotina a partir de Campos Sales, que a confessava. Esta avaliação de Sodré corrobora a crítica lima-barretiana à imprensa como um mercado aliado ao *status quo* das oligarquias.

A forma como o narrador constrói o desfecho da narrativa da revolta dos sapatos, por meio da exposição das mortes e a omissão subsequente delas no jornal, focaliza que os detentores do poder procuram se beneficiar dos favores governamentais à custa da morte dos pobres e racializados. A desigualdade mantém-se, e os direitos mais básicos dos mais marginalizados seguem sendo violados. É a morte sistematizada e programática dos oprimidos. O caráter trágico deste episódio é a imprensa ter servido como máquina de ilusões para a população se revoltar contra um inimigo mais poderoso. Nas palavras de Figueiredo, "a palavra como informação, apresentada no romance, reveste-se do mesmo antigo conteúdo que aprisiona o original, subverte o conhecimento, fetichizando-o, contamina o exercício do direito com o favor e a dádiva. Tudo isso em nome da ordem para alienar o indivíduo de sua própria existência e da vida social, sob a regência do progresso".⁵⁸

Tendo em vista a análise apresentada até aqui, discordo da proposição de Oakley sobre a revolta dos sapatos ser uma "alusão cômica" à revolta da vacina, pois nesta alegorização opera-se, tal como no desfecho de Policarpo, uma reversão do cômico para o trágico. Do que se julgaria cômico sobra apenas o caráter absurdo que escancara o teor higienista do poder público. Aqui chega-se a algo mais próximo ao absurdo kafkiano sobre os limites da burocracia: o Estado e a Imprensa (esta embricada naquele) não funcionam como mediadores e garantidores dos desejos e direitos do povo, mas sim como máquinas de moer pobres e negros. Assim, o episódio da revolta dos sapatos é melhor descrito como uma alegoria tragicômica, uma sátira de sabor amargo.

Frente a todos os eventos presenciados nos bastidores d'*O Globo*, Isaías, ao longo do motim, assume unicamente uma postura passiva. Ele contenta-se em ser espectador, ainda que o narrador evidencie a ação do jornal voltada para estimular a população, embora a desdenhe. Seu descompasso

⁵⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Op. cit., p. 276.

⁵⁸ FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Trincheiras de Sonho: ficção e realidade em Lima Barreto*. Op. cit., p. 184.

⁵⁹ OAKLEY, Robert John. Lima Barreto e o destino da literatura. Op. cit., p. 66.

em relação aos seus semelhantes é um índice importante da alienação progressiva de sua consciência. A isto se soma o seguinte: se o motim teve um caráter diverso em relação aos participantes e seus objetivos e, tendo o próprio herói motivos para se revoltar, sua postura inativa revela uma reversão daquele primeiro impulso de ação demonstrado anteriormente. Assim, a inação de Isaías é um índice proporcional de sua alienação.

5. A desilusão intelectual de Isaías Caminha

Para uma maior compreensão acerca do processo de desilusão intelectual do herói, é necessário destrinchar o jornalismo profissional e a intelectualidade representados no romance de Lima Barreto e seus correlatos históricos.

No contexto da Primeira República, com a grande influência da imprensa sobre a população, cada vez mais esta atraiu os intelectuais como atividade lucrativa. Sevcenko aponta o jornalismo como "a nova grande força que absorveu quase toda a atividade intelectual nesse período", crescendo emparelhado com o processo de mercantilização da cidade, como uma estrutura que concentra poder político, econômico e intelectual. Trata-se de um momento de incertezas, como Figueiredo aponta:

Nos primeiros anos de República, evidenciam-se dois mundos de valores distintos na contradição entre as mentalidades e a elaboração do sonho republicano. De um lado, o mundo dos valores e ideias dos intelectuais, em pleno processo de desilusão com o novo regime: do outro, as classes pobres, que nunca haviam sido tocadas pelas promessas dos republicanos. Para o grosso da população, o ideal republicano traduziu-se em atitudes repressoras, como prisões, deportações, destruição de cortiços e favelas, para atender aos apelos do progresso e da ciência.²

As observações de Resende sobre um Rio de Janeiro fragmentado consoam as de Figueiredo. A linguagem funcionaria como alavanca social e era configurada como condição de respeitabilidade pública. Neste contexto, a língua se divide entre a dos "doutores", utilizada como ferramenta de distinção e, outra, cotidiana e popular.³ No romance, tal dicotomia entre intelectualidade e a camada pobre da população se apresenta por meio do contraste das relações travadas por Isaías Caminha com indivíduos de classes e pensamentos diversos. Dentre os intelectuais, há o já citado Abelardo Leyva que, ao conhecer Isaís, se propõe a iniciá-lo no Rio de Janeiro. Sua descrição aponta que ele seria "poeta e revolucionário", mas "como poeta, tinha a mais sincera admiração pela beleza das meninas e senhoras de Botafogo".⁴ Já como revolucionário, a personagem coloca-se como "socialista adiantado", apoiando-se em obras de Teixeira Mendes e em leituras de "formidáveis folhetos de capa vermelha", sendo ainda secretário de um "Centro de Resistência dos Varredores de rua". A descrição do posicionamento ideológico de Leyva já adianta sua característica eclética, capaz de absorver pensamentos contrários, como o cientificismo positivista e a ideologia utópica dos socialistas.

¹ SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república. Op. cit., p. 99.

² FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. Trincheiras de Sonho: ficção e realidade em Lima Barreto. Op. cit., p. 28.

³ RESENDE, Beatriz. Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos. Op. cit., pp. 103-104.

⁴ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Op. cit., p. 206.

Leyva "vivia pobremente, curtindo misérias e lendo, entre duas refeições afastadas, as suas obras prediletas e enchendo a cidade com os longos passos de homem de grandes pernas". O herói é inserido no círculo de amizades de Leyva, um grupo de indivíduos pobres de ânimo revolucionário que se encontrava num café, sendo o Leyva considerado o "chefe" e a "inteligência" do grupo. Vaidoso, ele gabava-se de ter conduzido duas greves e de ter mudado a mentalidade do operariado de Bangu por meio de conferências. Já os outros colegas do grupo, "sem a sua enfibratura, os seus rompantes de atrevimento e a sua ambição oculta, mais sinceros talvez por isso, limitavam-se a falar e a manifestar as suas terríveis opiniões em publicações pouco lidas". Neste trecho, Lima Barreto parece visitar a crítica de Dostoievsky à vaidade intelectual carente de uma prática realmente transformadora da sociedade, talvez melhor explicitado nas *Memórias do Subsolo*, no qual o narrador comenta a certo momento que, por vezes, os intelectuais saem do "oco" para incorrer no "vazio".

Em *Recordações*, na construção da personagem Leyva, o uso de verbos como "gabar-se" e a contraposição de sua figura expansiva com a de seus amigos, por meio de qualificativos como "mais sincero", evidenciam o distanciamento crítico do narrador da prática política de Leyva. O narrador segreda ao leitor que Leyva aparentava ser mais sincero na sua poesia "palaciana e de modista" do que nas ideias revolucionárias. Assim, é apresentada a contradição entre um discurso e um perfil que se toma por revolucionário, mas se permite poetizar temas em favor da cultura do palácio e de modismos. O narrador aponta o oportunismo da personagem como o que lhe determinava as opiniões, e conclui:

[...] o seu fundo era cético e amoroso das comodidades que a riqueza dá. Cessassem suas dificuldades, elas desapareceriam e surgiria então o verdadeiro Leyva, indiferente aos destinos da turba, dando uma esmola em dia de mau humor e preocupado com uma ruga no fraque novo que viera do alfaiate.⁷

O discurso do narrador coloca os ideais libertários de Leyva em xeque, expondo-o como alguém que se alia à classe dominante tão logo fosse possível satisfazer seu interesse de ascensão social. Nesse sentido, sua prática política é mercadoria, puro meio e instrumento para conquistar lugar na hierarquia social. Por outro lado, há a afirmação do narrador de não julgá-lo "perfeitamente hipócrita" e de que sua situação de pobreza era a causa de tal postura: este contraponto é interessante, pois o narrador parece se valer de Leyva como uma antecipação de Isaías, que adere à ideologia e aos valores do sistema político e econômico dominante para melhorar de vida assim que o favor o propiciasse. Isaías faz o mesmo que Leyva ansiava, mas enquanto critica este, o narrador passa o romance inteiro tentando

⁵ Id. ibidem.

⁶ Idem, p. 207.

⁷ Id. ibidem.

justificar as próprias ações passadas. Isto gera um resultado ambíguo: ao mesmo tempo que critica Leyva, o narrador antecipa sua ações futuras, mas com uma indulgência que, no passado, não via no colega e, nas críticas que Isaías faz ao colega é possível ver em espelho as críticas que ele não se faz diretamente.

Ao longo do romance, vê-se que a figura de Leyva possui uma constituição ambígua. Durante uma das conversas do grupo no café, Isaías acompanha uma discussão entre aquele e Agostinho Marques. Esta personagem fala de outro ponto de vista social: trata-se de um solicitador, profissional que não mais existe no país, mas era circunscrito à área do direito. Trabalhando para certo doutor Leitão Fróes, Marques "ganhava um conto e tanto por mês e pretendia formar-se em direito precisando de mim, para lhe explicar uns preparatórios". Com isso, o narrador já expõe um poder aquisitivo maior desta personagem em relação às demais, o que servirá de reforço à posição política tomada por Agostinho ao longo do diálogo.

O tema original do embate é a questão dos calçados no país, iniciado por Marques, ao queixarse de seus calos: "Não há sapateiro que preste no Rio de Janeiro... Mandei fazer essas botinas no Martinelli, dei quarenta e cinco mil-réis e é esta desgraça! Apertam-me como diabo...". Abelardo nutria opinião diversa: antes mandava fazer botinas por encomendas, mas, ultimamente, as comprava feitas. "Eram estrangeiras e melhores...", comenta o narrador, adiantando uma preferência da personagem pelo que é importado. O outro rebate, lembrando que Martinelli usava matéria-prima estrangeira: "o cabedal, os aviamentos, tudo vem da Europa; só são cortadas e montadas aqui...". Assim evidencia-se que os sapatos feitos no Brasil nada possuem de nacional, ainda que montados aqui. Leyva retruca dizendo estar ciente disto, e que ainda assim seria melhor adquirir uma "Walk-Over ou Clark".

Dessa forma, apesar de sua dita postura revolucionária, Abelardo desvaloriza o trabalhador e a produção local em favor dos importados, objetos de fetiche. Com isso, ele adere ao ponto de vista cosmopolita e antinacionalista da elite dominante. Mostrando o pé, para asseverar a beleza de suas botinas importadas, afirma que "durante minutos os dous estiveram a debater-se, procurando toda a sorte de argumentos para defenderem as suas firmes opiniões sobre a distinção, a comodidade do calçado comprado feito e mandado fazer de encomenda". Em meio a tanto, o narrador indica que Leyva "apóstolo do socialismo revolucionário, inimigo da execrável burguesia, procurou justificativa

⁸ Idem, p. 208.

⁹ Id. Ibidem.

¹⁰ Idem, p. 209.

nos elegantes do mundo chic parisiense". Nesta frase o narrador enfatiza a contradição do pensamento político da personagem, que se diz revolucionária, mas é antinacionalista, tecendo uma crítica ao Leyva pelo descompasso entre teoria e práxis. Desta forma reside neste debate uma análise acerca da dependência do país ao capital externo e a acentuada colonização das consciências, ecoando por debaixo de uma conversa cotidiana.

A certa altura, Abelardo e Marques debatem sobre a reforma social tão anunciada pelo primeiro, uma revolução declarada como anarquista, prezando a dissolução do Estado. Agostinho afirma que "se sentia chegar a homem rico e considerado, fazia imensos esforços para contestar as doutrinas *subversivas* de Leyva". Diante do argumento de que ele desejava, de fato, a desordem, a anarquia e a extinção da ordem social, Leyva sorri por um momento, satisfeito e anuncia:

– Mas é isto mesmo, não quero outra cousa! Pois o sr. acha justo que esses senhores gordos, que andam por aí, gastem numa hora com as mulheres, com as filhas e com as amantes, o que bastava para fazer viver famílias inteiras? O sr. não vê que a pátria não é mais do que a exploração de uma minoria, ligada entre si, estreitamente ligada, em virtude dessa mesma exploração, e que domina fazendo crer à massa que trabalha para a felicidade dela? O público ainda não entrou nos mistérios da religião da Pátria... Ah! quando ele entrar! 12

Na visão de Leyva, a desestabilização e o desmonte da ordem social estabelecida, em que muitos ganham pouco para que poucos ganhem muito, serviria como contrapeso às leis ditas artificiais e caprichosas do Estado, pois "na natureza, todo o equilíbrio se obtém pela ação livre de cada uma das forças particulares". Assim, ele deseja uma sociedade sem Estado, supondo que na natureza ("na sociedade dos animais"), haja leis prévias das quais independem as vontades e os caprichos de seus membros. Para tanto, o que ele sustenta é a necessidade de derrubar o Estado e suas leis, na suposição de que, na ausência do Estado, a sociedade se autorregularia. O que ele vê como ordem natural é esta sociedade autorregulada pelas leis anteriores e acima de seus membros.

Desta forma, cria-se um estranhamento, pois em seu discurso há resíduos de anarquismo, mas declara-se socialista. Amplificando este ruído ideológico, basta lembrar-se de que parte do pensamento de Leyva se baseia em ninguém senão Teixeira Mendes. O narrador afirma que aquele o levou, mais de uma vez, a frequentar o Apostolado Positivista, a fim de ouvir o "senhor Teixeira Mendes". O esqueleto teórico de Leyva é um alinhavo superficial de várias vertentes ideológicas em vários pontos muito diversos e mesmo concorrentes entre si, como se o revolucionário houvesse colhido ossos conceituais de diferentes lápides, como um doutor shelleyano em busca de um Frankenstein ideológico.

¹¹ Idem, p. 210. O grifo é meu.

¹² Idem, pp. 210-211.

¹³ Idem, p. 211.

O caráter disparatado das posições políticas de Leyva torna-se uma variante ficcional de um tipo intelectual muito comum no Rio de Janeiro da Primeira República. Tendo em vista Leyva ter recebido o "rótulo" de iniciador de Isaías Caminha na vida da capital, ele pode ter sido um ideólogo arlequinal intentado pelo autor para representar esta parcela do cenário cultural da cidade. Pelo termo "ideólogo arlequinal", cunhado aqui, entende-se o tipo de ideólogo que, como numa roupa de Arlequim, Levya veste seu pensamento dos mais diferentes retalhos costurados – não necessariamente bem arrematados. Sevcenko aponta que, apesar de coexistirem correntes de pensamento diametralmente opostas, a maioria dos intelectuais do período permaneceu equidistante das posições extremas, moldando seu posicionamento perante elas a depender das circunstâncias e de suas inclinações pessoais. Dessa forma, vê-se cada intelectual enfatizar de forma alternada tanto as plenas liberdades individuais do liberalismo, quanto a conveniência com uma política de Estado de ação centralista coercitiva e que não deixasse de entrever as necessidades do meio social.¹⁴

De acordo com Nicolau Sevcenko, a desilusão do intelectual perante a transformação do conhecimento e da arte em mercadoria é uma das tônicas do romance, afinada ao momento histórico. Quase dez anos após a proclamação da República,

[...] a imensa transformação social, econômica e cultural que eles [escritores engajados] ajudaram a realizar, atuando como catalisadores de processos históricos, tomou um rumo inesperado e contrário às suas expectativas. Ao invés de entrarem para um universo fundado nos valores da razão e do conhecimento, que premiasse a inteligência e a competência com o prestígio e as posições de comando, viram tudo reduzido ao mais volúvel dos valores: o valor do mercado. 15

Com a acentuação do processo de mercantilização das relações de produção e sociais, já não interessava o que os intelectuais poderiam oferecer para contribuir para o "progresso" da civilização, mas sim aquilo que pudessem oferecer ao mercado: no caso de escritores, obras que vendessem ou que contribuíssem para a reafirmação do *status quo* dominante, para o avanço do capital. Assim, o saber passa a funcionar como força de trabalho e, como tal, explorado, sendo, assim, reificado. A isso juntouse uma impressão dos críticos da cultura de que no período da Regeneração se atravessava uma severa crise intelectual e moral, marcada pela decadência cultural. ¹⁶ Sevcenko ainda complementa que: "O automóvel, a elegância, o retrato no jornal, a carreira diplomática resumem em si quase que todos os anseios das novas gerações. Verifica-se em todo esse período um curioso processo de passagem da

¹⁴ SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república. Op. cit., pp. 83-84.

¹⁵ Idem, p. 92.

¹⁶ Idem, p. 95.

vigência social dos valores interiores, valores morais, essenciais, ideais, para os exteriores, materiais, superficiais, mercantis".¹⁷

Lima Barreto expressa essa visão de mercantilização das atividades artísticas e intelectuais no romance ao evidenciar, no ambiente jornalístico, a falta de rigor intelectual e ética, quando se preza apenas a venda do maior número de exemplares do jornal e vantagens políticas e sociais daí advindas. A partir da inserção de Isaías neste meio, o herói trava relações das mais diversas com personagens que são apresentadas de forma caricatural, em passagens nas quais o narrador constantemente tece críticas mordazes e ácidas a atitudes que não seriam compatíveis a jornalistas comprometidos com sua função social, bem como àqueles que usam a arte como artifício para obtenção de favores e status social.

Para avaliar alguns indícios do processo de alienação do herói, cabe retomar alguns momentos narrativos ligados à ideia de "intelectualidade". Após finalmente ajeitar-se no jornal, no Capítulo IX Isaías passa por um processo gradual de aceitação, mesmo que ressabiada, dos hábitos dos colegas de trabalho: "Aos poucos esqueci-me dos dias de fome passados a deambular pelas ruas da cidade. [...] No começo, custei a conformar-me com a posição de contínuo, mas consolei-me logo, ao lembrar-me dos meus heróis do "Poder da Vontade"; e não foi sem desgosto que aceitei as fatiotas daqueles desconhecidos". O mais marcante, mais do que o começo de uma resignação, é o uso do verbo "esquecer": muito evocativo, ele pontua de forma evidente o apagamento processado na subjetividade do herói, que será de espanto ao Isaías narrador, quando este retomar sua consciência pela recordação. O aprofundamento da ilusão é descrito pouco depois do comentário do narrador acerca de seu esquecimento da pobreza e aceitação das "fatiotas":

De tal maneira é forte o poder de nos iludirmos, que um ano depois cheguei a ter até orgulho da minha posição. Senti-me muito mais que um contínuo qualquer, mesmo mais que um contínuo de Ministro. As conversas da redação tinham-me dado a convicção de que o doutor Leborant era o homem mais poderoso do Brasil; fazia e desfazia Ministros, demitia diretores, julgava juízes e o Presidente, logo ao amanhecer, lia o seu jornal, para saber se tal ou qual ato seu tinha tido o placet desejado do doutor Ricardo. 19

Este é um primeiro momento de explicitação clara e precisa do processo de alienação, nesta adesão aos costumes e práticas do jornal de Loberant. Olhando *a posteriori*, o narrador frisa a ilusão que se operou no jovem Caminha: "sentir-se" e "estar convicto" são formas verbais que operam subjetivamente. Mesmo sendo um mero contínuo, um faz-tudo reduzido a mera mão de obra e sem ser

¹⁷ Idem, p. 96.

¹⁸ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Op. cit., p. 238.

¹⁹ Idem, pp. 239-240. O primeiro grifo é meu.

reconhecido como "pessoa humana" pelos que estão melhor posicionados na hierarquia social; mesmo sendo tão objetificado e reduzido à condição de quase escravo, ainda assim ele se sente "superior" – pelo mero fato de trabalhar n'*O Globo*. Nesse momento, com o reconhecimento do poder de influência de Loberant, o narrador evidencia como a partir de então ele internalizou o desejo e o interesse do chefe, perdendo a liberdade de pensar e deixando de lado os seus próprios interesses e desejos, passando a servir ao patrão de forma acrítica.

Ainda no trecho supracitado, quando o Isaías mais velho enuncia o quanto ele pôde se iludir, marca-se que ele não mais está iludido, afirmando seu processo de reconhecimento da situação *a posteriori*. Isto cria um confronto entre a consciência do Isaías novo e do mais experienciado. O narrador reafirmará o ridículo de sua adesão inconsciente à ideologia dos jornais ao mostrar a mercantilização da produção de notícias, marcada pelos chavões e invenções. Isto ocorre no caso de "um crime sensacional que monopolizara a atenção da cidade":

Eu tinha feito o serviço de dia e ia sair. Seriam cinco para as seis horas, quando o Lemos, repórter de polícia, entrou ofegante, e *deslumbrado*. Chegou e falou ao secretário, *nervoso de contentamento*, com a palavra entrecortada, *oprimido de felicidade*:

- Um crime! Um grande crime!
- Onde?
- Em Santa Cruz, nos campos de São Marcos... Uma mulher e um homem foram encontrados mortos a facadas e decapitados... Vestiam com luxo... Parecem pessoas de tratamento... Um mistério!²⁰

A escolha dos adjetivos que qualificam Lemos, como "deslumbrado" e "nervoso de contentamento" junto às reticências que marcam sua fala ofegante e as contínuas exclamações reverberam uma imagem não de horror a um crime hediondo, mas de excitação com um grande furo. E isto é corroborado por seus colegas de trabalho, Leporace e Adelermo, que o apressam a escrever a notícia, munidos apenas da cena do crime. Logo a notícia se espalha boca a boca entre os leitores, "com essa rapidez peculiar às notícias sensacionais que, nas grandes cidades, se transmitem de homem a homem quase com a velocidade espantosa da eletricidade".²¹

Loberant, sabendo da notícia, questiona quem estava redigindo a "cabeça" – resumos chamativos e sensacionalistas de uma matéria. Menciona-se que havia n'*O Globo* um especialista neste "gênero jornalístico" dos resumos: "– Não há como o Mattoso! Que felicidade! Que rapidez! Escreve trinta tiras em uma hora! diziam os colegas". ²² Suas habilidades são reduzidas à velocidade de

²⁰ Idem, p. 262. Os grifos são meus.

²¹ Idem, p. 264.

²² Id. Ibidem.

produção: sua virtude é escrever *maquinalmente*. Acerca de um outro crime, um caso de briga de casal, o narrador comenta:

Demais eram as banalidades, os conceitos familiares sobre o crime e os criminosos que ele [Mattoso] desenvolvia com a convicção de quem estivesse fazendo um estudo profundamente psicológico e social. Oh! A vaidade dos desconhecidos da imprensa é imensa! Todos eles se julgam com funções excepcionais, proprietários da arte de escrever, acima de todo o mundo. Não reconhecem que são como um empregado qualquer, funcionando automaticamente, burocraticamente, e que uma notícia é feita com chavões, chavões tão evidentes como os da redação oficial.²³

A passagem ridiculariza este processo de criar uma aparência de erudição sobre o assunto, mas pontua também que o texto não foi escrito por algum profissional especial, valioso, mas sim um empregado qualquer: se a impressora imprime os exemplares do jornal, o redator apenas escreve maquinalmente. O funcionamento automático da escrita jornalística revela a transformação do jornalista em apenas mais um operário de produção do objeto jornal, com um virtuosismo de escrita acerca de banalidades. Tal descrição reforça o nível de ilusão de Caminha ao ver alguma superioridade naquilo feito nas dependências d'*O Globo*.

Continuando o caso do assassinato, Ricardo Loberant, não querendo perder o grande furo, imediatamente delega a redação da "cabeça" para Adelermo e requisita Lemos para acompanhar o desenrolar das investigações em Santa Cruz. O tempo passa, e os leitores ficam mais curiosos. Lemos não consegue levantar mais informações. O diretor, impaciente, chega ao momento em que não se contém:

Veio à sala geral, inquirindo este, perguntando àquele; e certo da superexcitação do público, da extensão que a notícia tinha alcançado na cidade, da intensa curiosidade que dominava toda a gente e ainda mais que o "Jornal do Brasil" punha, de quando em quando, um boletim – determinou que o Adelermo inventasse qualquer cousa, indícios, depoimentos, quaisquer informações. E fez isso em altas vozes, congestionando, meio zangado e meio contente, expectorando injúrias contra o [jornal] rival.²⁴

Loberant prefere produzir mentiras a ter de perder o protagonismo na divulgação da notícia e, assim, seu lucro. Jornais rivais disputam o mesmo público-alvo e dispõem do mesmo produto. Isto gera uma necessidade dos donos do processo produtivo de criarem um diferencial que consiga tornar sua mercadoria mais interessante. Para isto, o dono d'*O Globo* furta-se de qualquer escrúpulo. A partir disso, toda distorção da verdade que renda novas vendas será bem-vinda. A escolha de Adelermo para a redação deste furo de reportagem parte da constatação do narrador de que este "era a imaginação do jornal". Nele recaía "todo o peso da necessidade de informações imediatas ao público quando os

²³ Idem, p. 265

²⁴ Idem, p. 267.

documentos faltavam ou eram omissos". Esta personagem era, definitivamente, um criador de notícias falsas. "Adelermo era obediente e fazia. Intimamente desgostava-se com aquele papel de mentiroso; mas temia ser despedido, posto na rua. Era esse o grande terror de todos. Não eram os ordenados, não era a miséria que os apavorava; temiam não encontrar outro lugar nos jornais e perderem por isso a importância, a honra suprema de pertencer ao jornalismo. *Eles não valiam por si; o jornal é que lhes dava brilho*". Aqui há uma alienação: eles não valem por si, mas pelo local que ocupam. Adelermo apenas escreve, maquinalmente, usando suas habilidades criativas para produzir algo que agrade ao seu patrão, pelo medo de ser despedido. Fosse mandado para a rua, perderia seu valor.

A alienação da consciência de Isaías aos valores venais do jornal custa-lhe uma inquietação intelectual:

Depois de acobardado, tornei-me superior e enervado e não tentei mais mudar de situação, julgando que não havia no Rio de Janeiro lugar mais digno para o genial aluno de D. Esther que a de contínuo numa redação sagrada. Não estudei mais, não mais abri livro. Só a leitura d'*O Globo* me agradava, me dava prazer. Comecei a admirar as sentenças literárias do Floc, as pilhérias do Losque, a decorar a gramática homeopática do Lobo e a não suportar uma leitura mais difícil, mais densa de ideias, mais logicamente arquitetada, mesmo quando vinha em jornal.²⁷

Ao mesmo tempo, Isaías deixa de ler livros que contribuam para a sua formação intelectual e moral substituída pela simples leitura do produto do trabalho realizado n'*O Globo*. Este abandono chega a um nível no qual Caminha não "suporta" leituras mais densas: a expansão intelectual possível ao herói foi minguada por sua introjeção das relações estabelecidas na redação. O afastamento de sua formação intelectual gera, também um apartamento dos relacionamentos pessoais de Isaías, como que indicando, implicitamente, uma alienação de sua própria humanidade. Um primeiro exemplo é:

Os meus primeiros conhecimentos foram-se paulatinamente afastando de mim. Laje da Silva, desde que me vira de botas rotas e esfomeado, passara a cumprimentar-me friamente, superiormente; Leyva tratava-me bem ainda, mas marcando distância, desde que se fizera "repórter"; e o próprio Gregorovitch esquecera-se da maneira por que nos conhecêramos e tratava-me com a brandura que usava com todos os inferiores. Só o Plínio de Andrade, mais por sistema do que por qualquer outra cousa, continuava a dispensar-me a consideração de igual.²⁸

Se afastam do herói basicamente todas as pessoas que ele conheceu quando ainda em vias de formar-se intelectualmente. Ao dizer que seus conhecimentos "se afastaram" dele, o narrador implica

²⁵ Id. Ibidem.

²⁶ Id. Ibidem. O grifo é meu.

²⁷ Idem, p. 240.

²⁸ Idem, p. 257.

um processo que não veio do próprio Isaías, mas sim que houve uma entrega passiva do herói a esse processo de abdicar-se de seu processo de formação intelectual, sem lhe opor resistências.

Esta passividade e o apartamento dos demais chegarão a limites extremos quando o herói toma conhecimento da morte de sua mãe. Ainda que ela já estivesse acamada e sua morte configurava-se como realidade iminente, Isaías não se inquieta com os problemas da saúde materna, conforme o narrador informa, remetendo a causa de tal apatia à sua vivência na redação:

Embora minha mãe tivesse afinal morrido havia alguns meses, eu não tinha sentido senão uma leve e ligeira dor. Depois de empregado no jornal, pouco lhe escrevi. Sabia-a muito doente, arrastando a vida com esforço. Não me preocupava... Os ditos de Floc, as pilhérias de Losque, as sentenças do sábio Oliveira, tinham feito chegar a mim uma espécie de vergonha pelo meu nascimento, e esse vexame me veio diminuir em muito a amizade e a ternura com que sempre envolvi a sua lembrança. Sentia-me separado dela. Conquanto não concordasse em ser ela a espécie de besta de carga e máquina de prazer que as sentenças daqueles idiotas a abrangiam no seu pensamento de lorpas, entretanto eu, seu filho, julgava-me a meus próprios olhos muito diverso dela, saído de outra estirpe, de outro sangue e de outra carne.²⁹

O processo de embotamento da consciência de Isaías, que se realiza também diante do poucocaso que destinou aos pobres de sua habitação, chega ao ápice quando ele nega sua ligação com a própria mãe: Isaías se vê diferente de seus iguais, e semelhante àqueles que justamente são agentes ativos de sua segregação. Ele tem vergonha de sua pobreza. A última frase do trecho citado acima mostra duas perspectivas: o Isaías a posteriori percebe e rejeita o racismo. Já o Isaías da ação do romance, porém, além de não compreender totalmente a discriminação racial e social que objetifica e animaliza as mulheres negras e a negação deste racismo, parece ter internalizado os estereótipos atribuídos à sua raça. Espelhando-se em seus superiores, não consegue entender-se como sujeito negro. Antes Isaías toma consciência de sua condição quando percebe as motivações racistas do delegado que o prendera; porém, num momento posterior da narrativa, empregado, ele não consegue reagir ao racismo de seus colegas de trabalho. Isto, porém, mudará quando ele, após o episódio na Casa de Rosalina, agride fisicamente o colega de trabalho que o chama de "mulatinho". A partir disto, percebese que a consciência adquirida após os eventos da delegacia é soterrada durante seu período como contínuo, mas reavida após tornar-se jornalista. Ele percebia a discriminação, mas soterrou a percepção. Não reagia antes pois não tinha poder para isso, torna-se submisso. Sentido-se bem posicionado posteriormente, usa o poder do cargo para se defender.

Uma parcela da crítica literária já levou à exaustão a ideia de que Lima Barreto teria feito um *roman à clef.* Contudo, outra parcela de estudos críticos sobre *Recordações* tendem a considerar que

²⁹ Idem, p. 294. O grifo é meu.

essa obra não apresenta um único eixo de composição, permitindo diferentes abordagens. Conforme aponta Oakley, por exemplo, o romance abre espaço para ser compreendido por meio de um amálgama de diferentes tipos de romance: "Na realidade, *Recordação do Escrivão Isaías Caminha* pode ser considerado um romance social, psicológico ou existencial".³⁰ Fantinati também aponta que *Recordações* não é somente um *roman à clef*, ³¹ e, ainda, que este tipo de romance não subsiste unicamente numa "transparência de pseudônimos" – cuidado que por vezes a crítica não se atentou.³²

Embora se considere o caráter múltiplo da forma romance, certa parte da crítica costuma eleger algum ponto fixo de abordagem do romance, variando desde o episódio da prisão de Isaías até sua entrada no jornalismo, como um ponto de virada na qual, de narrativa de análise psicológica, passa-se a um *roman à clef* satírico. Coutinho, por exemplo, critica a "fratura interna" que há do meio para o fim do romance – o que, inclusive, seria um de seus "defeitos" de composição, tornando-o uma obra menor do que *Triste fim de Policarpo Quaresma* por não atingir, supostamente, um equilíbrio aristotélico de composição da ação.³³

Torna-se oportuno trazer este cotejo neste momento, pois como Oakley, compreendo a estrutura do romance de forma diversa: tal como as oscilações de consciência de Isaías, o tom da narrativa também ondula: há sátira antes do jornal, e há análise psicológica após o Capítulo VIII. Do primeiro, cite-se a inadequação de Isaías em relação ao ambiente da cidade e seus semelhantes, explorada no segundo capítulo desta dissertação; do segundo, suas análises sobre sua ilusão, e mesmo a estrutura mais lírica do capítulo final, bem como suas divagações ao longo do romance. Há também traços invertidos do romance de formação; o estilo da crônica jornalística, como nas descrições do Rio e nas notícias sobre seus acontecimentos diários: motins, assassinatos etc., bem como a biográfica ficcional de um herói fracassado. Propõe-se que as características estilísticas que constituem as diferentes formas de romance em Recordações são profundamente entrelaçadas e espiralam, cada hora trazendo ao olhar informações diferentes. Assim, propõe-se que o que pareceu a muitos críticos um defeito de composição é, na verdade, uma estrutura fundante de Recordações, que constantemente cria, em um prisma sob a luz, jogos de cores e perspectivas: se a consciência se alienou e se fragmentou ao longo da segunda parte, é sintomático que a estrutura do romance também o faça. Neste sentido, a presente leitura se aproxima da de Prado, que apontou que a ideia de movimento é cara ao ideário estético de Lima Barreto. Desta concepção surge um caráter circunstancial e fragmentado da experiência, e a

³⁰ OAKLEY, Robert John. Lima Barreto e o destino da literatura. Op. cit. p. 51.

³¹ FANTINATI, Carlos Erivany. O Profeta e o Escrivão: estudo sobre Lima Barreto. Op. cit., p. 18.

³² Idem, pp. 62-63.

³³ COUTINHO, Carlos Nelson. O significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira. Em: Op. cit., pp. 28-30.

própria linguagem surge como experiência do cotidiano, ela mesmo oscilante.³⁴ Assim, há uma alternância narrativa:

A disponibilidade do narrador traz já implícita a transformação gradativa da fala. A cada passo, o discurso alterna no fluxo narrativo o tom de reminiscência, de ensaio, de crônica e de relato flagrante. Nele, a expansão do lirismo, que transito do DIÁRIO para os artigos e destes para as crônicas e a ficção, interrompe o itinerário transparente das palavras pela maneira vaga de aludir, pelo meio-tom das sugestões, pela ambiguidade do gesto que se interpõe ao texto projetando-se para além dele.³⁵

Um dos exemplos mais contundentes sobre o processo de desilusão intelectual para Isaías é espelhado na história de Floc, apelido de Frederico Lourenço de Couto, o crítico de arte da redação. Apresentado como "o fino, o elegante, o diplomático, o macio", no ambiente de trabalho era "conhecido e respeitado como entendido em literatura e cousas internacionais", prestigiado por ter ido a Paris. Juntamente a Lobo, o gramático conservador da redação, é considerado parte da alta escala intelectual do jornal, sendo que ambos ficavam de fora da "ação ordinária" do "exército" de Loberant. E "nunca se metiam nas polêmicas, não procuravam escândalos, não escreviam alusões. Eram os estandartes; as águias...". ³⁶ Por sua estadia em Paris, Floc julgava-se melhor conhecedor de arte que os escritores de ficção. Tendo acumulado também um estágio diplomático em Quito, se via como mais preparado para lidar com assuntos de "alta elegância" e para tratar com duquesas e princesas. Seus afazeres incluíam resenhas literárias, teatrais, dados da "psicologia *chic*" e até algumas notícias de assassinato.

Floc gabava-se de ter autonomia para escrever seus artigos, visto que a maioria de seus colegas de trabalho deviam seguir prescrições do diretor sobre o material a ser produzido. Porém, o narrador ironiza a autonomia desses artigos com a anedota de que, para Loberant, pouco importavam assuntos de natureza literária, de correntes literárias à Academia de Letras.³⁷ O crítico de arte se envaidece com uma falsa autonomia. Isto configura uma sátira a Floc, que crê-se importante, mas não é visto exatamente desta forma por seu patrão. Ele não percebe a exploração de seu patrão em cima de sua força de trabalho intelectual: Ricardo Loberant quer uma mercadoria, extrair a mais-valia de um empregado: enquanto as resenhas de Floc gerassem lucro, estava tudo certo para seu chefe, independentemente do conteúdo.

³⁴ PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Op. cit., pp. 55-66.

³⁵ Idem, p. 67.

³⁶ BARRETO, Lima; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (org.). *Lima Barreto, Caminhos de Criação: Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Op. cit., p. 229.

³⁷ Idem, p. 244.

O narrador comenta ainda que Floc possuía uma postura contrária à Academia de Letras. A personagem preferia consagrar ela mesma notícias literárias, compondo um cânone próprio, formado especialmente por suas afinidades, pessoas em geral bem-nascidas e candidatas à diplomacia. Floc era um sujeito que possuía pouco interesse em estudar literatura, mas com muito desejo de instrumentalizála a fim de preservar seu status e alcançar um degrau de ascensão social. O narrador critica esta personagem duramente ao demonstrar a política de interesses desta a partir da descrição de seus procedimentos:

[Floc] confundia arte, literatura, pensamento com distrações de salão; não lhes sentia o grande fundo natural, o que pode haver de grandioso na função da Arte. Para ele, arte era recitar versos nas salas, requestar atrizes e pintar umas aquarelas lambidas, falsamente melancólicas. [...] A sua crítica não obedecia a nenhum sistema; não seguia escola alguma. As suas regras estéticas eram as suas relações com o autor, as recomendações recebidas, os títulos universitários, o nascimento e a condição social.³⁸

A partir do trecho acima, é possível ler Floc como símbolo de uma classe intelectual degradada, isto é, uma personagem representativa de uma classe de sujeitos que não valoriza o campo artístico com fim nele mesmo, instrumentalizando-o. Trata-se de uma classe de sujeitos que preza antes os benefícios que este meio pode oferecer, seja fama, capital, ascensão social. Decorre disto o acachapamento do pensamento e da prática crítica, ao confundir arte e crítica com distrações e amenidades, e uma visão mercantilizada do que é arte (crítica ressaltada com o adjetivo "falsamente melancólicas", que revela uma emocionalidade afetada). Floc é apresentado ainda como uma classe desandada pelo tempo do capital, no qual o exercício crítico de arte é unicamente um trampolim para travar redes de contatos de poder, não um fim. Ele pode ser lido como um intelectual degenerado, no sentido de que seu fazer crítico está desviado de sua finalidade.

Um exemplo do pensamento crítico sobre Floc surge na passagem do romance na qual ele traz à redação um livro de poemas impresso em Portugal, intitulado "Coração magoado", de autoria de uma mulher abastada chamada Odalina, que estava de passagem pelo Brasil. Floc pergunta a Leporace se ele conhecia a obra e este, respondendo que não, questiona acerca da autora, ao que o crítico responde:

Uma poetisa portuguesa de muito talento... [...] Os versos são líricos, mas de uma pureza de sentimento e cheios de um acento pessoal de encantar... Eu não gosto da arte pessoal; a arte (tomou outra atitude) deve refletir o mundo e o homem, e não a pessoa... Penso como Flaubert... Vê só este:

Meu coração por desgraça Entrou no meu pensamento É como crime de faca Que nunca tem livramento.

³⁸ Idem, pp. 244-245.

— Notaste — acrescentou ao terminar a leitura — como está bem aproveitada a devida cadência da trova popular para exprimir um alto conceito filosófico? Ela quer dizer que o julgamento, a lucidez de sua inteligência é perturbada pelo Amor, pelo sentimento... E como ela compara bem com um dizer popular, essa coisa alta e transcendente! O livro é notável...³⁹

Pouco depois, Gregorovitch chega à redação e, lendo os versos, irrompe:

- Livra! São versos de folhinha...
- De folhinha!
- De folhinha, sim. Este aqui. "Quem tem amores vai dormir" é "verso" de hoje até!
- Não é possível! Não é possível! reclamou o crítico literário.
- Queres ver? Caminha gritou o russo para mim —, traze-me aí o "verso" de hoje. Procurei-o nos papéis de uma cesta e entreguei-o ao redator poliglota. O estrangeiro passou os olhos no papelucho e entregou-o ao Floc. O oráculo artístico do jornal correu rapidamente os versos e confessou: "É verdade", acrescentando "que cinismo!", mas sem convicção nem indignação. 40

Floc tenta comparar os versos de Odalina à literatura de Flaubert, afirmando que a arte não deve refletir o pessoal, mas o homem e o mundo; ao mesmo tempo, tenta afirmar uma união entre o popular e o erudito na escrita de Odalina. Porém, não passavam de versos genéricos copiados de outro lugar, usando estruturas e imagens previsíveis. Não havia nada de flaubertiano: o eu-lírico dos versos da autora em nada se assemelha aos conflitos internos de Madame Bovary. Aqui há uma tentativa de utilizar um nome renomado da literatura europeia como sinônimo de valor literário, mas sem haver um diálogo real entre o escritor francês e a poeta portuguesa. Floc, ao descobrir o plágio de Odalina, não reavalia sua análise. Assim, o que dá valor aos escritos é a afiliação da poeta à elite e o aparente desejo sexual de Floc por Odalina: antes da descoberta dos versos serem ordinários, após comentar que ela vivia separada do marido (um visconde francês) e que viera sozinha ao Brasil, Leporace pergunta a Floc se ele escreveria um artigo sobre ela. Este responde que "naturalmente" o faria, e se segue a observação do narrador de que "os dous sorriam: Floc cheio de satisfação, recordando vagamente as mulheres já gozadas; Leporace com um evidente travo de amargura nos lábios".⁴¹

Ao início do capítulo XII, ocorre o inverso: um poeta chamado Felix da Costa entrega a Isaías um exemplar de livro para ser avaliado por Floc. O herói sabia de antemão que Floc não o leria, mesmo com todos os elogios que o poeta fizera ao crítico, pois Felix não era apadrinhado por ninguém influente. Quando Isaías entrega o exemplar para Floc, este responde com "azedume":

- Que nome! Felix da Costa! Parece até enjeitado! É algum mulatinho?
- Não. É mais branco que o sr. É louro e tem olhos azuis.

³⁹ Idem, p. 246.

⁴⁰ Idem, pp. 247-248.

⁴¹ Idem, p. 247.

— Homem, você hoje está zangado...

Ele não compreendia que eu também sentisse e sofresse.

E arredou o livro para a ponta da mesa e pôs-se a escrever. Era a sua tortura; era o seu pesadelo. Quase sempre as crônicas literárias, as fantasias, as notícias de teatro, as trazia escritas de casa; mas o serviço normal, era obrigado a fazê-lo na própria redação. Preferia ficar só, e quando estava, escrevia para adiantar serviço. A sua oclusão mental não fora capaz de me julgar e ele não me supunha bastante atilado para observar a sua dificuldade.⁴²

Sendo Félix desconhecido e sem padrinho, Floc não ganharia nada ao publicar um artigo sobre o poeta. Além disso, o preconceito de Floc traz a ideologia racista em plena transparência: sem conhecer o sujeito, e imaginando-o "enjeitado", automaticamente o identifica como negro. A percepção de ser alguém desconhecido e sem "família" é diretamente relacionado com a racialização. Isaías, por sua vez, confronta o preconceito de Floc utilizando o mesmo argumento e aponta que Felix era mais branco do que o crítico – o que este entende como uma ofensa: ao não ser tão branco quanto o outro, a identificação de Floc com a elite, em especial a europeia, fica prejudicada. E ao dizer que Isaías estava zangado, ele não percebe a própria contradição, nem sua postura racista. O narrador avalia que Floc não compreendia que ele também sentisse e sofresse: isto é, a repreensão de Isaías seria uma forma de mostrar que ele próprio se sentira ofendido com o uso preconceituoso de "mulatinho", mas que o outro não o entendera.

Isaías apresenta, em seguida, as dificuldades do crítico para redigir seus textos possui duas funções: deslegitimar a pessoa que acabara de ser racista, como menos capaz, e mostrar que o herói era moralmente superior: Isaías entendera a incompreensão de Floc sobre seus sentimentos, ainda que ele não dispusesse da mesma empatia.

No capítulo XIII, dentre os desfechos da revolta dos sapatos, o narrador compartilha com o leitor os beneficios lucrados pelo *O Globo* por meio das negociatas com o governo. Subentende-se que este requisitara àquele o uso do jornal para abafar os ânimos dos populares e melhorar a opinião pública sobre o governo. Nesse contexto, Floc desejava veementemente uma reorganização da diplomacia para obter o cargo de primeiro-secretário: "era o seu sonho a diplomacia, o paraíso, a sua felicidade". Ele descambava a narrar sobre as maravilhas da profissão, por vezes perdendo segredando construções como "[na diplomacia] pode-se ser burro ou inteligente que é o mesmo!".⁴³

Em meio ao "fervilhar de ambições pequeninas" e à vista dos lucros extraordinários obtidos pela negociação da opinião do jornal, Isaías gesta um grande descontentamento perante a forma como seus colegas de trabalho venderam sua produção profissional. Dentre os entusiasmados encontrava-se,

⁴² Idem, p. 299.

⁴³ Idem, p. 302.

também, o Leyva, um dos poucos conhecidos de Isaías anteriores à sua entrada n'O Globo que ainda o tratava bem. Porém, aquele o fazia marcando certa distância. Apesar de aparente modéstia, em relação às aspirações dos demais repórteres, Leyva lucra um cargo público sem prestar concurso, como quarto escriturário do Tribunal de Contas. Arrendando para si, por meio de favor, um posto na burocracia, Leyva cumpre o que o narrador já vislumbrava acerca dele, agindo motivado por interesses pessoais. Diante de tudo que presenciava, Isaías narra:

Mas, se o meu desprezo e o meu aborrecimento por tudo isso se não fizeram totais, foi porque por vezes senti neles, naqueles redatores e repórteres que tinham o cofre das graças, grandes dúvidas, grandes desesperos e fortes vacilações de consciência sobre o seu próprio valor. Houve um caso que, por trágico, me ficou eternamente gravado e foi como a demonstração de que ainda havia no fundo de alguns deles uma crença no Sério, no Verdadeiro, na Perfeição. 44

Certa vez, ao chegar à redação às oito horas, Isaías vê Floc se preparando para ir ao Teatro Lírico. Pouco após a meia-noite, com a redação do jornal praticamente vazia, o crítico retorna alegre, irradiando satisfação. Floc se debruça então em comentários irrestritamente elogiosos ao espetáculo que assistira: nunca antes vira um conjunto tão harmonioso; a orquestra era magnífica, tendo executado uma *museta* quatro vezes bisada pelo público. Sua animação inicial se desdobra numa incapacidade de elaborar criticamente:

Floc falou com calor, gesticulando, procurando completar a frase com um gesto e um olhar. Sentia-se bem que aquelas coisas deliciosas se tinham impregnado nos seus sentidos e o envolviam todo.

Os seus olhos, ao falar nas mulheres, tinham reflexos de ouro e fumava nervosamente durante a conversa. Adelermo mantivera-se calmo, sorrindo de quando em quando; às vezes, ouvindo uma frase ou outra, parecia perder-se no seu próprio pensamento, destacar-se de si e ir longe, longe...⁴⁵

Pelo comentário do narrador, percebe-se que Floc só consegue demonstrar ao interlocutor um reflexo daquilo que sentira, pois não logrando discursar criticamente, sobra apenas a percepção de sua reação, evidenciada na construção "Sentia-se bem que...". Floc só consegue argumentar sensorialmente, através de suas gesticulações, interjeições e feições. O crítico de arte não consegue discorrer racionalmente e conceitualmente sobre o espetáculo e seu efeito arrebatador. O ato de fumar "nervosamente" pode evidenciar o anseio por não conseguir verbalizar logicamente o espetáculo que tanto o impressionara.

Adelermo o solicita para escrever a crônica do dia. O narrador pontua uma atmosfera solitária e marca a passagem do tempo ao descrever que, além de estarem apenas os dois no local, na rua

⁴⁴ Idem, pp. 306-307.

⁴⁵ Idem, pp. 308.

perseverava o "mais perfeito silêncio". Floc "ficou por instantes abismado numa grande cisma sem fim...". Isaías observa o crítico de arte, quase como um expectador abscôndito. O narrador então tece uma digressão e sua análise das reações de Floc perante a tarefa de redigir o texto crítico:

Tinha medo de começar. Tinha visto tanta cousa bela, tanta carne moça e boa, que ele queria lançar o artigo com um remígio para o alto, para as distantes regiões da arte e da beleza, não perdendo uma só ideia fugidia, transmitindo as emoções sentidas naquelas deliciosas horas em que contemplou as mais belas e caras mulheres da cidade, ouvindo aquela música lânguida de Itália, cheia de sol, de história e amor.⁴⁶

O receio de Floc é relacionado à sua capacidade de executar o trabalho: se antes já fizera outros textos similares, por que agora não conseguiria? Talvez o que ocorra seja que o crítico de arte não se enebriara com a obra assistida, mas com a badalação social: dentre o que vira de belo havia muita "carne moça e boa" e, dentre as "deliciosas horas" que vivenciara, contemplara "as mais belas e caras mulheres da cidade, ouvindo aquela música lânguida de Itália, cheia de sol, de história e amor". Notese que, ainda que haja menção à música, ela esteja conectada à boemia da alta sociedade. Isto parece ser uma crítica de Lima Barreto ao esvaziamento da arte burguesa. Floc, sem discernir que seu entusiasmo não era derivado da obra, não consegue engatar a escrita. O narrador destaca aqui que a personagem não possui critérios intelectuais para avaliar a peça, nem instrumentos de análise que possam traduzir a qualidade da peça assistida. Daí que, como um leigo, ele se deixa levar pelo efeito que a peça causou em seus sentidos, não por sua razão crítica. A citação indica que Floc é despreparado em absoluto: não possui linguagem que expresse uma avaliação que não pode realizar.

Ele pensava de forma reticente e ficou por alguns minutos em estagnação, até se pôr a redigir. O narrador apresenta o método de composição de Floc por meio da concatenação de vários períodos simples, conferindo certo ritmo mecânico, porém, sem avanço: "As duas primeiras tiras foram rapidamente escritas, no começo da terceira, parou, escreveu, emendou, tornou a escrever, emendou, parou, suspendeu a pena e ficou olhando perdido a parede defronte. Voltou a ler o que tinha escrito... Leu duas vezes, não gostou, rasgou... Recomeçou...". Pode-se ver sua incapacidade como uma espécie de fragmentação do trabalho intelectual: ele não sabe pensar, só escrever, como se fosse um trabalhador que constrói peças de carro em uma fábrica, mas não compreende o objeto carro por completo.

Essa experiência frustrante de reflexão crítica da obra lírica rendeu a Floc uma mudança de fisionomia, passando de arrebatamento a transtorno interior. Isaías flagra Floc em discussão com o

⁴⁶ Idem, pp. 308-309.

⁴⁷ Idem, p. 309.

paginador, que viera apressá-lo, pois esperava o artigo para imprimir o jornal – aqui, surge a necessidade de produzir com *imediatismo*, enquanto Floc anseia por *qualidade*, que demanda tempo. O ápice do evento sucede-se então como num espasmo irrefreado e rápido:

Suspendeu o trabalho, tomou outro gole e a sua fisionomia começou a adquirir uma expressão de desespero indescritível. *Eu estava inquieto, sentindo vagamente um drama*. Fumava agora um cigarro sobre outro; não ia até o fim, atirava-o em meio ao chão, acendia um outro. Bebeu, foi à janela, debruçou-se e o paginador voltou:

- Seu Couto!
- Homem! Já vai! Você pensa que isto é máquina!?...

Voltou a escrever. A pena estava emperrada; não deslizava no papel. Floc fumava, mordia o bigode e a pena *continuava a resistir*. Depois de vinte minutos, o paginador voltou:

— Espere um pouco, disse o crítico.

O operário saiu. Floc esteve um instante com a cabeça entre as mãos, parado, *tragicamente silencioso*; depois, levantou-se firmemente, dirigiu-se muito hirto e muito alto para um compartimento próximo. Houve um estampido e o ruído de um corpo que cai. Quando penetramos no quarto, eu, o paginador e dois operários, ele ainda arquejava. Em breve morreu. Havia um filete de sangue no ouvido e os olhos semicerrados tinham uma *longa e doce expressão de sofrimento e perdão*. Caído para o lado estava o revólver, muito claro e brilhante na sua niquelagem, *estupidamente indiferente aos destinos e às ambições*.⁴⁸

Muito pode ser dito do ato final do crítico de arte. Num primeiro momento, o suicídio desta personagem pode ser visto como um desencanto: ao tornar-se sensível ao belo, não o suporta. Ao tentar exprimir algum sentido, falhou, silenciando-se cada vez mais até o fim. Sua palavra final foi a mudez mais profunda. O que antes lhe era meio, reificação da arte, não dava cabo de escrever nesse último momento sobre a beleza que experienciara. Isto, porém, num plano mais hipotético, idealista. Pesando em causas mais concretas, o trabalho extenuante também pode ter sido decisivo: Floc também fora alvo da mercantilização do conhecimento; mesmo não dominando ou sequer conhecendo o processo de escrita crítica, sua capacidade de redação foi solicitada por níveis superiores às suas capacidades cognitivas. E a personagem não apenas parece perceber isto, como o verbaliza na frase "Você pensa que isto é máquina!?...". A cobrança por produtividade mais rápida, bem como o fato de se ver acuado com um trabalho além de suas capacidades, pode ter sido o estopim final. A angústia e o sentimento de incapacidade perante exigências impossíveis, juntamente ao esgotamento de tal empreitada tantálica são motivos bem plausíveis.

Há um aparente jogo de escrita entre as personagens Floc e Isaías: o primeiro não deu cabo de transladar em palavras as suas inquietações; já o segundo, ao fim do romance, conclui sua obra. Isso pode ser um artifício do autor para representar uma resposta ao artigo que serviu de estopim para a escrita de Isaías: um branco, de condição social média bem ajeitado e de futuro promissor suicidou,

⁴⁸ Idem, pp. 309-310.

sem completar aquilo que queria comunicar; já um negro pobre pôde escrever um romance completo. Isto corrobora as leituras de Figueiredo e Oakley sobre a importância da palavra escrita em *Recordações* como função estrutural fundamental para a compreensão da obra. ⁴⁹ Sobre este episódio, o segundo crítico aponta para a vitória de Isaías sobre Floc, pois o suicídio deste veio ao "dar-se conta da deficiência e fragilidade de sua imaginação e arte". ⁵⁰ Figueiredo aproxima-se mais de uma visão trágica, pois o suicídio seria uma quebra da homogeneidade do meio intelectual interesseiro e uma figuração da possibilidade de contradição. Os críticos focalizam aspectos diferentes nesta cena: Figueiredo aponta o discurso do narrador, que o caracteriza como "trágico" e que serviu para demonstrar que havia "no fundo" de alguns dos intelectuais vendidos uma crença no "sério". Oakley foca no aspecto de Floc ter sido analisado em sua fragilidade.

Pode-se entrever uma tensão formal na narrativa entre as figuras de Isaías e Floc: o primeiro sobrevive às dificuldades, deixando-se ser moldado pelo ambiente de trabalho para depois se libertar ao final; o segundo, não sobrevive às dificuldades que lhe surgem, sucumbindo. Ambos os percursos são operados pelo enfrentamento com o momento histórico de corrosão e mercantilização da arte e do conhecimento em mercadoria, em meios. Se Isaías sofre um processo contínuo de alienação, ele perceberá esse processo no ato de produção de seu romance, realizando, como Flaubert, uma reflexão sobre "o mundo e o homem". Floc sofre um momento limite que não pôde suportar em sua condição de objeto e reflexo da sociedade que concebe a possibilidade de um trabalho crítico ser feito por alguém sem formação e instrumental adequado. Assim o contraponto entre as personagens culmina no sucesso e sobrevida do primeiro; na derrota e morte do segundo; na ascensão de Isaías e na derrocada de Floc. Lima Barreto novamente cria uma visão pessimista de país a partir desta tensão formal: tendo a compreensão da realidade material, ou sujeito a aceita e perdura; ou a nega e definha. Em Recordações não há espaço para mudanças: tudo é cíclico, e o domínio do capital se reproduz, enquanto o que há de mais humano, o pensamento, opera maquinalmente para a produção de mercadorias. Por fim, a tensão entre ambas as personagens também é cíclica porque Isaías logra fazer o que Floc não realizara: utilizar um texto (as *Recordações*) como forma de alimentar sua campanha em favor da aquisição de um cargo público. Esta relação cíclica é, em parte, análoga à relação de Isaías e Castro, na qual Isaías logrou utilizar o favor para ascender. Pode-se analisar que as três personagens formem um continuum na constelação das repetições intermitentes dos sujeitos em busca de um lugar bem colocado na sociedade.

⁴⁹ Cf. OAKLEY, Robert John. *Lima Barreto e o destino da literatura*. Op. cit., p. 53; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. *Trincheiras de sonho: ficção e cultura em Lima Barreto*. Op. cit., passim.

⁵⁰ OAKLEY, Robert John. Lima Barreto e o destino da literatura. Op. cit., p. 74.

6. Considerações finais

Mais de um século após sua publicação, o romance *Recordações* ainda possui forte atualidade no tocante à análise crítica da sociedade brasileira. Esta característica, presente na obra de Lima Barreto como um todo, parece ser um dos motivos do interesse atual pelo autor. Ainda assim, a obra lima-barretiana permanece pouco estudada e as diversas leituras feitas até hoje não foram capazes de esgotá-la. Neste sentido, a presente dissertação buscou alcançar e apresentar, na medida do possível, novas perspectivas acerca deste romance.

Focalizar a leitura de *Recordações* em busca dos índices do processo de alienação, seguida da liberdade de consciência do herói possibilita uma melhor compreensão acerca da própria narração em relação aos objetivos e sentimentos de Isaías, bem como sua relação com a composição complexa da personagem, do narrador e do próprio romance. Aqui, a narração *a posteriori* e a análise do processo de alienação da consciência e sua retomada pelo Isaías já experienciado tomam lugar fundamental para a construção das tensões narrativas.

A observação da figuração do momento histórico e sua análise permitem, por sua vez, perceber a recorrência do favor como prática social reguladora das relações de trabalho e sua função capital para a ação do romance, atravessando-o do começo ao fim. O favor está intimamente ligado ao jornalismo e à intelectualidade brasileira, íntimos à sombra do poder. Estes, por sua vez, são agentes fundamentais no processo de formação e de alienação da consciência de Isaías. A formação desiludida do herói, que aproxima *Recordações* de obras como *Ilusões Perdidas*, transcende os esquemas rígidos e maniqueístas: Isaías é parte vítima e parte cúmplice dos mecanismos sociais que também já o subjugaram – mas sem aceitação acrítica. Todas estas características se conjugam para formar uma visão pessimista de país, na qual, mesmo após a Abolição e a Proclamação da República, ainda ocorrem entraves para o exercício pleno da cidadania. Neste aspecto, a sátira lima-barretiana escancara as contradições do Brasil e aponta uma necessidade urgente de mudanças profundas das relações sociais.

O narrador formula, destrincha e analisa as questões da vida social, jornalística e letrada, mas sem a intenção de ser propositivo. Dentre os índices de sua postura estão o papel da *Breve notícia* para localizar as reais intenções do narrador e a cronologia narrativa bagunçada: o fim aparece ao começo e as resoluções do capítulo XIV surgem em um quebra-cabeça. Estes são procedimento de Isaías para tentar esconder e justificar suas contradições. Isto é interessante por refletir o próprio caráter da

formação não linear do herói e serve como metonímia de sua experiência de mundo, assim como a própria confecção do romance serve como metonímia do sucesso de sua formação intelectual.

Como observação final, é possível notar, ao longo do romance e da presente dissertação, a recorrência de usos simbólicos de nomes, cenas, relações entre personagens e assim por diante. Por um lado, há a cronologia não linear; a relação cíclica entre Isaías e Castro, e entre o herói e Floc. Por outro, há a cena da autoidentificação do herói com os patos negros; o choro da moça que simboliza e alegoriza o estouro da revolta, além do próprio deslocamento simbólico das "vacinas" para "sapatos". Pensando acerca dos nomes, Figueiredo apontava o seu uso significativo na narrativa já ao falar do nome do herói: "O protagonista, um escrivão, tem em seu nome o eco de outros senhores da palavra: 'Vaz Caminha', o advogado escritor, personagem de *As Minas de Pratas*, de J. Alencar, e Pero Vaz de Caminha, o autor da *Carta* relato de descoberta do Brasil ao rei de Portugal". Contudo, um mesmo nome pode evocar imagens diversas, ainda que complementares. Grauová, por sua vez, já comentou que o nome do herói pode ser uma junção do nome da personagem bíblica Isaías, um profeta, e a conjugação do verbo caminhar, logo, formando uma frase: "Isaías caminha". Isto fornece a ideia sobre o avanço de um mensageiro com um ponto de vista privilegiado, trazendo uma ideia de missão, não necessariamente bem-sucedida ou concluída: caminhar é um processo, não dita fim, nem começo. Há outros usos simbólicos de nomes como em "Castro Pedreira", "Esther" e "Viveiros"³.

Estas recorrências trazem para o romance uma espécie de "realismo simbólico"⁴. Na narrativa, o leitor ainda se encontra no regime do real, mas o uso de alegorias e símbolos tinge o romance com diversos matizes. Figueiredo aponta uma conclusão semelhante: para a crítica, o texto é formado pela montagem de fragmentos de memória. Neles a temporalidade "escoa" no romance, com o passado infiltrando o presente e ambos permeados por imagens "feitas de névoas, sinais místicos e com a imprecisão do claro-escuro", que marcam o estado psicológico de Isaías e revestem a narrativa de certa "sensibilidade impressionista". Estes apontamentos corroboram com as afirmações já apresentadas de Oakley sobre o romance abrir espaço para ser compreendido por meio de um amálgama de diferentes formas literárias e à ideia de movimento e fragmento que Prado explora. Desta forma, o "realismo

¹ FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de *Trincheiras de Sonho: ficção e realidade em Lima Barreto*. Op. cit., p. 161

² GRAUOVÁ, Šárka. *Lima Barreto e a Banalidade do Mal à Brasileira*. Disciplina ministrada para o Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo. 2019: notas de aula, não paginado.

³ GRAUOVÁ, Šárka. Comunicação oral durante a defesa desta dissertação. 2023: notas pessoais, não paginadas.

⁴ Id. Ibidem.

⁵ FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Leitura crítica: crise do romance, crise do sujeito em Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Em: BARRETO, Lima. *Lima Barreto, caminhos de criação: Escrivão Isaías Caminha*. Op. cit., pp. 32-49, passim.

simbólico" de Lima é fruto da fusão entre diferentes procedimentos estilísticos fragmentação da narrativa.

E assim, por caminhos não lineares e imprevistos, Isaías chegou a algum lugar, ainda que não fosse o ponto final planejado. Para onde a sociedade caminha, contudo, dependerá dos passos de muitos outros sujeitos e foge às expectativas e ações isoladas do herói.

7. Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BALZAC, Honoré de. Ilusões Perdidas. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2011.

BARBOSA, Francisco de Assis. A Vida de Lima Barreto. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BARRETO, Lima. *Lima Barreto, caminhos de criação: Escrivão Isaías Caminha*. Org. de Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo e Ceila Maria Ferreira. São Paulo: EDUSP, 2007.

. *O destino da literatura*. Em: Impressões de leitura e outros textos críticos. Org. Beatriz Resende. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017. pp. 265-282.

. Recordações do escrivão Isaías Caminha; introdução de Alfredo Bosi; prefácio de Francisco de Assis Barbosa; notas de Isabel Lustosa. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

BOSI, Alfredo. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Os olhos, a barca e o espelho*. Em: A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Editora Ática, 1989. pp. 39-50.

CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

COUTINHO, Carlos Nelson. *O significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira*. Em: Realismo e anti-realismo na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. pp. 1-56.

FANTINATI, Carlos Erivany. *O Profeta e o Escrivão: estudo sobre Lima Barreto.* São Paulo: ILHPA-HUCITEC, 1978.

FARIA, Otávio de. *Lima Barreto – Coelho Neto*. Em: A literatura no Brasil. direção de Afrânio Coutinho; codireção de Eduardo de Faria Coutinho. – 6^a ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2002. pp. 218-233.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Trincheiras de Sonho: ficção e realidade em Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata.* 4ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

GRAUOVÁ, Šárka. Homem cordial e suas fardas: os fracassos da modernidade em "Triste fim de Policarpo Quaresma". Em: *Teresa*, [S. l.], v. 1, n. 19, pp. 347-357, 2018. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/149348>. Acesso em: 7 abr. 2021.

. Lima Barreto e a Banalidade do Mal à Brasileira. Disciplina ministrada para o Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo. 2019: notas de aula, não paginado.

_____. Comunicação oral durante a defesa desta dissertação. 2023: notas pessoais, não paginadas.

BERGSON, Henri. O riso: ensaio sobre a significação da comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LUKÁCS, György. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista.* São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Balzac: Les Illusion Perdues. Em: Ensaios sobre literatura. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1965. pp. 95-114.

MARX, Karl. O fetichismo da mercadoria: seu segredo. Em: O capital; Volume I; Parte primeira. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. São Paulo: Difel Difusão Editorial S.A., 1982.

MEDIANIA. Consulta por termo em dicionários de época disponibilizados no site da **Brasiliana digital**. Disponível em: http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/1%2C2%2C3/mediania>. Acesso em 02 abr. 2021.

MÉSZÁROS, István. A teoria da alienação em Marx. Tradução de Nélio Schneider. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3º seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB-RJ, 05/11/03.

OAKLEY, Robert John. Lima Barreto e o destino da literatura. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

PEDRON, Lucas Lipkon. *Razão e reificação em Lukács: estudo sobre a consciência reificada*. Dissertação: Mestrado em filosofia. Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1976.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. 2ª ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: Triste visionário.* 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

SCHWARZ, Roberto. *As ideias fora do lugar.* Em: Ao vencedor, as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

. *A sorte dos pobres*... Em: Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

SEVCENKO, **Nicolau.** *A Revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

_____. Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. Em: Max Weber. Organização de Gabriel Cohn. São Paulo: Editora Ática, 2003. pp. 128-141.

WISNIK, José Miguel. *Ilusões Perdidas*. Em: Ética. Org. de Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. pp. 321-343.